O ÚLTIMO LIVRO DE RÉGIO VISTO POR NELSON DE MATOS (NO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1970 N.º 17 121 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

Uma mulher no Governo português

A dr. D. Maria Teresa Lobo foi nomeada subsecretária de Estado da Saúde e Assistência

Na história da República Portuguesa, uma mulher vai pela primeira vez tomar assento nas cadeiras (Cont. na 16.ª pág.)

Primeira mulher no Governo português: a dr.ª D. Maria Teresa Lobo

Acabaram as férias nos teatros de Lisboa e os palcos voltaram a animar-se com os ensaios dos próximos espectáculos. O «Diário de Lisboa» foi dar uma olhadela e começa hoje (pág. 6) uma série de reportagens, a primeira das quais é dedicada à nova revista do ABC.

HOJE 28 PÁGS.
VISADO PELA CENSURA

MOSCOVO: NOVAS INICIATIVAS DE DESANUVIAMENTO

MOSCOVO, 20 — (R.) — Novas iniciativas para maior desanuviamento da tensão entre o Leste e o Oeste, a seguir ao pacto de não agressão entre Bonn e Moscovo, poderiam emergir da reunião de dirigentes orientais, que se efectuará nesta capital.

Crê-se que as conversações ao mais alto nível entre a U. Soviética e os seus seis aliados no Pacto de Varsóvia foquem as perspectivas de uma cooperação mais vasta em toda a Europa, cooperação essa aberta pela assinatura, na semana passada do tratado germano-soviético.

A primeira informação acerca da reunião cimeira estava contida numa comunicação da Tass dizendo que os chefes dos partidos comunistas, os primeiros-ministros e os ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Oriental, Polónia, Checoslováquia, Bulgária, Roménia e Hungria chegaram ontem a Moscovo, para conversações com que concordaram os membros do Pacto de Varsóvia.

Trata-se da primeira reunião cimeira europeia oriental desde Dezembro e deverá também, fornecer a oportunidade para uma nova declaração política do bloco oriental sobre uma conferência de segurança europeia, proposta no ano passado pelo Pacto de Varsóvia.

Ministros dos Negócios Estrangeiros do pacto, conferenciando em Junho em Budapeste, convocaram

(Continua na 16.ª página)

SETÚBAL: TERCEIRO DIA SEM TER ÁGUA

Ainda não foi normalizado o abastecimento de água na cidade de Setúbal. Viaturas do Exército e dos Bombeiros distribuem o imprescindível líquido de quarteirão em quarteirão. Entretanto, trabalha-se sem descanso no conserto da conduta que deu de si. (LER NOTÍCIA NA 2.ª PÁGINA).

São poucas as esperanças de que Setúbal volte hoje a ter água nas torneiras

Setubal: terceiro dia sem água. Ao contrário do que ontem nos afirmou o eng.º Rodrigues Aleixo, dos Serviços Municipalizados, não se tornou possivel normalizar a situação dentro do período previsto — primeiras horas da noite.

Estação preparatória da água da Bela Vista: aí a população de Setubal também acorre. Acorre e paga: um garrafão—2$50; uma bilha — 1$50

«A peça a colocar na conduta de Algeruz — disse-nos, esta manhã, José Valagão, maquinista da central elevatória de água situada naquela localidade— está a ser construida numa corralitaria mecanica da cidade».

«Trabalho demorado?»

«Sim. Tem de sair obra asseada».

Segundo o nosso interlocutor, «há uma ténue esperança de que a água hoje volte às torneiras».

Entretanto, a população (mais de setenta mil habitantes, não contando com os turistas...) continua a valer-se da água transportada, de quarteirão em quarteirão, pelas viaturas dos bombeiros e do Exército.

Além disso, e em face da aflitiva situação, a Camara comunicou ao publico que poderia abastecer-se de água nos seguintes locais: Praça do Bocage, Largo das Areias, Bairro do Liceu, Bairro do Montalvão, Praça do Brasil, Bairro Carmona, Praça de Quebedo, Fontainhas do Mar, Miradouro, Praça Teófilo Braga, Largo da Misericórdia, Bairro Salgado, Bairro da Conceição (Bela Vista), Avenida Luisa Todi, Praça de Touros, Quatro Caminhos, Parque das Escolas, Rua General Gomes Freire e Boa Morte.

ora diga-nos...

— E se te oferecessem agora uma bicicleta?

Há muitas formas de manifestar alegria: rindo, batendo palmas, dando pulos. Mas quando a alegria é demasiado grande as pessoas ficam mudas. E para uma criança a bicicleta é a maior das alegrias.

● *Pergutou o Manuel Maria da Lomba Gonçalves, de 13 anos, marçano:*

— Uma bicicleta? (*Espanto nos olhos*). Recebia-a.

— Ficavas contente?

— Oh se ficava!

— Sabes andar?

— Menos mal.

● *Também o Américo de Jesus Francisco, de 15 anos, em vez de responder imediatamente perguntou:*

— Como?

— Se te oferecessem...?

— Melhor era!

— Porquê?

— Gostava de andar.

● *A reacção do Casimiro Manuel Correia Dias, de 12 anos, mandareta, foi diferente: sorriu e ficou calado.*

Depois de termos repetido a pergunta:

— Ficava alegre.

— Nunca desejaste uma bicicleta?

— Já. Até já pensei comprar uma!

— Há quanto tempo trabalhas?

— Há um ano.

Carro roubado

Durante a noite, foi roubado da Rua das Pedralvas (a Pedrouços) um carro «Morris 850» de cor verde com a matrícula F 88-46 pertencente a José Alfredo Albuquerque Baptista. Agradece-se qualquer informação útil para os telefs. 613885, 651940 ou 320272. z

Buscas infrutíferas para encontrar o tripulante do caça-minas «Santa Maria»

Buscas para encontrar o tripulante do caça-minas «Santa Maria», desaparecido ontem á noite em Cascais, prosseguiam esta manhã numa grande extensão daquela baía.

Perderam-se, por completo, as esperanças de encontrar vivo o tripulante — Manuel da Costa Claro, de 19 anos, natural de Olhos de Agua (Pinhal Novo) e filho de Manuel da Costa Claro e da sr.ª D. Arminda Beatriz Costa Oliveira — o qual, cerca das 22 horas de ontem, saiu com o colega Zacarias da Cruz Sá Lopes, do «Santa Maria» num bote a motor e, quando se encontravam próximo do farol Santa Marta, foram atirados ao mar, ao que se julga, por a embarcação ter batido numa rocha submersa.

Um deles, Zacarias, mergulhou, descalçou-se, e, nadando, conseguiu alcançar as rochas do farol. Embora tivesse chamado pelo companheiro não mais o viu nem ouviu, assim como também nunca mais avistou o pequeno barco.

O faroleiro de serviço, sr. José Duarte, deu, entretanto, pelo naufrágio e chamou os bombeiros de Cascais para comparecerem no local com material de socorros a náufragos e uma ambulância onde conduziram o Zacarias Lopes ao hospital daquela vila. Uma vez reanimado regressou a bordo do caça-minnas ancorado ao largo.

Segundo nos informaram esta manhã, o barco a motor naufragado foi encontrado, ás 4 e 30 de hoje, por uma embarcação dos pilotos da barra e levado para bordo do draga-minas «Vila do Porto» também ancorado na baía de Cascais.

DE ONTEM PARA HOJE

CÓDIGO ADMINISTRATIVO PARA O ULTRAMAR

O ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, em cerimónia a que assistiram outros membros do Governo, empossou o dr. Alvaro de Gouveia e Melo no cargo de secretário-geral do seu Ministério. Ao usar da palavra, o prof. Silva Cunha referiu-se às atribuições da Secretaria-Geral, nomeadamente as respeitantes à iniciativa e coordenação dos trabalhos de permanente actualização da sua orgânica e funcionamento, e ás que se ligam á obra social do Ministério. Mais adiante, o titular da pasta do Ultramar citou a criação do Grupo de Trabalho de Organização e Método, integrado na Secretaria-Geral, e falou do anteprojecto de revisão da Lei Orgânica do Ministério, e de um outro referente ao Código Administrativo das províncias ultramarinas, prevendo que os dois projectos estejam concluídos até ao fim do corrente ano. O ministro, por último, abordou as realizações da obra Social, salientando o bairro de casas económicas a construir em terrenos já adquiridos.

OFICIAIS-GENERAIS DO EXÉRCITO

Por decisão do Conselho Superior de Defesa Nacional, foi promovido ao posto de general o brigadeiro José Basto Machado, actual comandante da Região Militar de Tomar, na vaga aberta pela passagem á situação de adido do general Manuel Ferreira Peixoto da Silva, governador militar dos Açores. Portarias conjuntas do Presidente do Conselho e do ministro da Defesa Nacional, graduaram, nos postos de general e de brigadeiro, respectivamente o brigadeiro João Tiago, comandante militar de Moçambique, e o coronel tirocinado Artur Henriques Nunes da Silva, comandante militar da Guiné.

LIONS CLUBE DE LISBOA

Contou com a presença de um luso-americano de Fall River (Massachusetts) sr. Antone de Souza Jr., a última reunião do Lions Clube de Lisboa, em que foram abordados diversos assuntos, nomeadamente o próximo Congresso Internacional de Lions que se realizará em Las Vegas (E. U. A.).

MORRERAM AO TOMAR BANHO

Ao banhar-se no pequeno braço do rio Tejo, em Alhos Vedros, foi acometido de doença súbita, vindo a falecer, o sr. Joaquim da Silva Costa, operário corticeiro, de 48 anos, solteiro, que antes do banho estivera a ingerir alguns alimentos. Em idênticas circunstâncias perdeu a vida o sr. José Manuel Alves, casado, de 50 anos, que viera de França passar férias no Casteleiro (Sabugal). Depois do almoço, acompanhado pela mulher e pelo filho, o sr. José Alves resolveu ir passear próximo da Quinta do Valverdinho, decidindo, a dada altura, tomar banho numa represa.

NASCEU NA AMBULÂNCIA

Quando a parturiente sr.ª D. Glória da Conceição Araujo Gomes, de 22 anos, casada, doméstica, era transportada numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Amadora, deu á luz uma menina. Os dois bombeiros que seguiam na ambulância, srs. José Luís Pereira e Manuel Caetano, ajudaram ao parto, que decorreu normalmente.

O TÁXI CAIU AO MAR

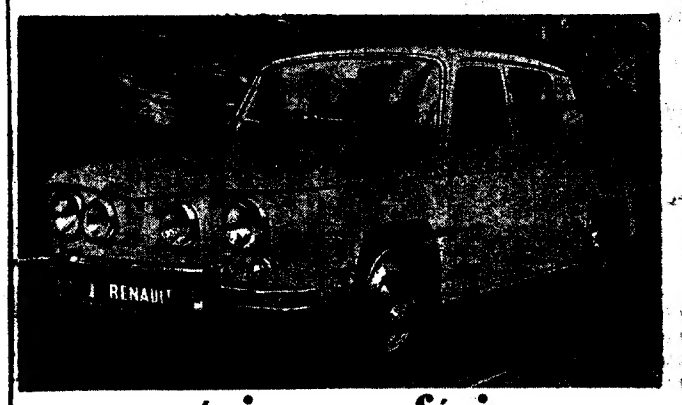
Ao ser posto em andamento no cais de Vila do Porto, em Santa Maria (Açores), um táxi, conduzido pelo motorista sr. José António Cabral, de 23 anos, despistou-se e caiu ao mar. O infeliz condutor perdeu a vida.

PROF. LOPES DE ALMEIDA

O titular da pasta da Educação entregou ao prof. Lopes de Almeida, que, no passado dia 16, atingiu o limite de idade para o exercício de funções publicas, as insígnias de grande oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada. A condecoração assinalou, também, a jubilação daquele catedrático, que, nomeadamente, reestruturou a Biblioteca-Geral da Universidade de Coimbra e publicou a «Acta Universitatis Conimbrigensis».

DECAPITADO POR UM «ELÉCTRICO»

Encontrou a morte sob as rodas do atrelado de um «eléctrico» da carreira Sintra-Praia das Macãs, junto do cruzamento da linha com a estrada do Alto do Banzão, sofrendo decapitação, Luís Guilherme Ferreira, de 14 anos. O acidente ocorreu quando o jovem pretendeu saltar do carro-motor para o atrelado.



música nas férias

A melhor oportunidade, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, para comprar um Renault 8S, já equipado com um rádio Voxson.

RENAULT 8S

VOXSON RADIO TV

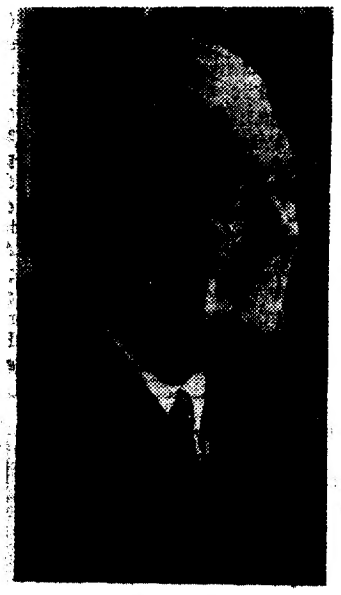
EM COLABORAÇÃO COM O AGENTE DISTRITAL
MÁRIO GONZAGA RIBEIRO
RUA GENERAL SINEL DE CORDES, 15-C T. 767167

O «TIMES» PERDEU 350 MIL CONTOS NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS

LONDRES, Agosto — Nos termos de um acordo recentemente tornado público, a companhia familiar Thomson («Holding Thomson Scottish Associates») vai tomar inteiramente a seu cargo as responsabilidades financeiras do «Times». Até agora a «Thomson Organisation» detinha 85% da propriedade do jornal. Por sua vez a «Holding» controlava 70% da «Thomson Organisation». Em virtude do novo acordo financeiro, o «Times», que «continua a sofrer perdas substanciais», será editado (como até agora) pela sociedade «Times Newspapers», por sua vez agente da «Holding», a qual financiará todos os encargos e receberá todos os réditos da publicação.

Mais precisamente, a «Molding» (ou T.S.A.) passará a receber a partir de agora, os dividendos da «Thomson Organisation», aos quais renunciara anteriormente, dividendos esses que se cifraram em cerca de 84 mil contos anuais. As perdas do *Times*, avaliadas em cerca de 350 mil contos para o período 1966-1969 (cerca de 60 690 contos em 1969), não aparecem no balanço da «Thomson Organisation» onde figuram no capítulo «despesas de fomento». Em definitivo, o acordo formaliza a responsabilidade da «Molding», nos termos em que Lord Thomson se comprometera a fazê-lo, quando adquiriu o «Times» em Outubro de 1966, especificando que o seu *holding* forneceria os fundos necessários para manter o jornal durante um período de 21 anos.

O acordo submetido a revisão anual constitui assim essencialmente uma operação de contabilidade, cujo objectivo é, nos termos do comunicado «proteger a viabilidade económica do «Times» e garantir a sua eventual rentabilidade». De facto, a transacção destinava-se a dar novo impulso ao jornal, num momento particularmente difícil para a indústria da Imprensa em geral e para o «Times» em especial. Com dificuldade embora o jornal que encorajou os despedimentos voluntários e praticou uma séria política de economias



LORD THOMSON

espera reduzir este ano as suas despesas em 35 mil contos. Mas o aumento previsto das despesas de produção, causado nomeadamente pela alta já esperada do preço do papel, levantaria graves problemas que obrigariam o jornal a subir novamente o preço com a provável consequência de ver a sua tiragem diminuída.

Assim no primeiro semestre do ano corrente o «Times» perdeu 8 por cento da sua tiragem (401 mil) enquanto a tiragem do «Guardian» (303 mil) conheceu um aumento de 4 por cento. Estão em projecto importantes remodelações na redacção e na direcção do jornal, com o objectivo de lhe restituir a autoridade de outrora.

A notícia suscitou viva agitação na City, onde os boatos segundo os quais Lord Thomson iria vender o «Times» a outros grupos fizeram subir as acções da companhia. Mas — o que é mais importante — o acordo entretanto firmado em nada diminuiu (tendo vindo mesmo a agravar) a inquietação do pessoal quanto ao futuro do jornal. Soube-se, por outro lado, que o «Times» mudaria das suas instalações tradicionais, hoje modernizadas, de Printing House Square, para outro local ainda não especificado.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

O GRANDE EQUÍVOCO

POR ESTRANHO QUE PAREÇA faz-se hoje deste local uma sucursal das secções desportivas. E nem é de admirar o cometimento. O desporto está hoje em toda a parte, para falar a verdade, mal. Mal. parece-nos, a começar pelo equívoco de que estamos aqui mesmo a partilhar ao atribuir toda essa fenomenal movimentação de interesse (e de interesses) ao desporto, ao bom desporto, ao bom do desporto, quando, afinal, a força motora desses movimentos emocionais da multidão é outra coisa muito diferente, é o que, em sentido tradicional da palavra, sempre se chamou o circo.

Claro que o grande equívoco é a coertura que a palavra desporto está a dar a muita coisa que com ele só tem muito pela rama. Não vale a pena estar aqui a tentar dizer o que é ou é que se deveria entender por desporto, porque se supõe, como toda a gente pode esquecer-se mas sabe, que do que se trata é da educação física e do seu culto. A volta que se deu é toda a gente virar a atenção para o futebol se de desporto ouve falar. E então aí, já sabemos, é o rosário de todos os dias da semana, primeiro a fazer a previsão dos jogos que hão-de jogar-se no domingo que vem, depois discutir os jogos do domingo que foi.

Em torno disto é tudo o mais que toda a gente sabe, mais algumas coisas que, de vez em quando, fazem pôr os cabelos em pé àqueles que julgam saber tudo. Permitimo-nos desde já, arrostando com todas as impopularidades que de nenhum modo nos fazem mossa, adiantar a ideia de que o conceito educativo, que se devia supor implícito na prática desportiva, foi completamente virado do avesso e o resultado que se apura é, pelo contrário, perfeitamente antieducativo e deseducativo. O desporto (futebol exemplo máximo) passou a ser o espectáculo competitivo oferecido competitivamente às paixões da multidão.

Aí o panorama é sabido. Não há segunda-feira sem que se tenham de noticiar rixas de maior ou menor tomo por esse País fora, desde a capital do Império até às freguesias perdidas onde poderá faltar tudo sem que falte o futebol. Mas há, para além disso, todo um trato regulamentado de trocas e baldrocas, um regime de salários que dificilmente a alguém poderá parecer menos que escandaloso e imoral, os negócios que se fazem (comprar ou vender jogadores), os homens que se deixam ser objecto de trespasse (é a palavra em uso), todo um desvairamento de acessos deslumbradores e de facilidades dessorantes.

O episódio agora ocorrido de um pobre rapaz jogador da bola que morreu num desastre de automóvel (com funeral onde compareceram, como é de uso dizer-se, «as forças vivas» e «muitas personalidades») trouxe à supuração, mais uma vez, um verdadeiro chorrilho de circunstâncias de que não se faz aqui resumo por serem conhecidas e de que, mesmo que não o fossem, talvez se não fizesse também por uma espécie de pudor mental. Apetece perguntar, com alguma ingenuidade que não nos envergonha, para que serviu há cem anos a campanha de Sá da Bandeira para a abolição da escravatura.

Velo com isto a saber-se que um jovem reprovado no exame resolveu mandar dizer à família que desistia dos estudos para se dedicar à profissão de futebolista que naturalmente lhe parecia mais rendosa e descuidada. Depois foi o galope final, a «fúria de viver», a velocidade na estrada, correr depressa antes que se acabe o mundo, sem que lhe ficasse tempo para pensar ou sentir muito mais porque foi ali mesmo que o mundo se lhe acabou. Toda a gente sabe estas coisas, afinal. E parece que toda a gente se conforma. Pois mesmo assim parece indispensável oferecê-las à meditação das pessoas responsáveis, onde quer que elas estejam, para perguntar simplesmente se este é o mundo em que nos interessa viver.

PÓ-PÓ CONCURSO
COMPRE GRUNDIG Candy FAGOR PERPETUUM EBNER PROGRESS
E HABILITE-SE A 1 AUTOMÓVEL POR SEMANA
MORRIS 1000

Realizou-se na passada sexta-feira, dia 14, num dos Stands da firma A. M. D'ALMEIDA, S.A.R.L., e na presença de um representante desta firma, a entrega de um magnífico automóvel MORRIS 1000, ao Ex.mo Senhor DIAMANTINO OLIVEIRA LOPES, de Carregueira — Tomar, feliz contemplado do 3.º Sorteio semanal do já famoso PÓ-PÓ CONCURSO, o qual adquiriu na firma REINOLAR, de Tomar, um Televisor Grundig modelo EXCLUSIV 2400.

Na fotografia, um delegado das firmas promotoras do Concurso, NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L. e SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA, S.A.R.L., entregando as chaves do carro ao premiado, na presença do Ex.mo Senhor António da Conceição Alcobia, sócio-gerente da firma Reinolar, Agente exclusivo no concelho de Tomar das conhecidas marcas, que habilitam ao sorteio semanal de um automóvel: GRUNDIG, CANDY, FAGOR, PROGRESS E PERPETUUM — EBNER.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS
R. DA ESCOLA POLITECNICA 259
Lambretta
VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS

ESTALAGEM DE LUSO
TERMAS DO LUSO
TODOS OS QUARTOS COM BANHO
Situação magnífica dentro de Jardim Privativo e a 2 km da maravilhosa floresta do Buçaco
Para Reservas-Telef. 031-93114

TUDO ISTO É FADO

«Meu amor é traiçoeiro» — peça em três actos de Vasco de Mendonça Alves; encenador: Luís Filipe; intérpretes: Leonor Poeira e António Machado.

«*Meu amor é traiçoeiro*» está criticado, historiado, arquivado. Foi agora ressuscitado e atraiçoado na Estufa Fria. Não faz mal: a peça de Vasco de Mendonça Alves é um faduncho posto em teatro, uma estopada em três actos que não merece melhor sorte.

Há espectáculos em que é difícil distinguir se o que é mau é o texto ou o espectáculo. Aqui não é necessário distinguir: exactamente. Um diálogo a que se chama populista, duas personagens tão estereotipadas que nem existem, um drama que nem chega a ser de faca e alguidar, por um lado; pelo outro, actores debitando palavras (quando elas ocorrem, no caso de António Machado), puxando a lágrima ou o riso fáceis

Ele é o homem: o dono e senhor. É operário, mas não tem importância. Ela é a escrava. Aqui temos o retrato involuntário, e por isso a crítica, de um certo homem português num certo tempo português (que ainda permanece, claro). Uma maneira de estar no mundo, com aquele machismo que arranca aplausos a toda a gente, incluindo as mulheres (inconscientes).

No fim, há perspectivas de um bebé — e tudo se recompõe, é evidente. Não tem importância que ele tenha saído de casa, que tenha relações com outra mulher («é uma mulher, não é a *minha* mulher», sublinhado meu; «nada me pesa na consciência»). Caldo-verde, sardinheiras na janela, ah! e a saudade. Tudo isto é fado.

Os dois actores, portanto, tentando (mal) dar vida a duas personagens mortas, dizendo palavras insignificativas, movimentando-se num espaço convencinal (o centro dos lados) de acordo com uma marcação mais do que convencional. Não sei até que ponto uma direcção capaz poderia fazer de Leonor Poeira uma actriz. Em António Machado há já uma mecanização do jogo cénico (gestos e voz) que temo seja irremediável.

Tudo isto é fado.

CARLOS PORTO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO POLITEAMA

TÍTULO: «Colts para os 7 magníficos» («Guns for the Magnificent Seven»).

REALIZAÇÃO: Paul Wendkos, 1969 (E. U. A.).

ARGUMENTO: Herman Hoffman.

FOTOGRAFIA: António Macasoli (Panavision e cor de Luxe).

INTÉRPRETES: George Kennedy, James Markan, Bernie Casey, Joe Don Baker, Scott Thomas, Reni Santoni.

DISTRIBUIÇÃO: Rank ilmes.

... E sete magníficos americanos invadem as planícies espanholas para lutarem contra o cruel exército... mexicano.

As co-produções têm coisas destas. É assim que esta fita de Paul Wendkos, rodada em Espanha, pretende continuar a película de John Sturges — «Os 7 Magníficos» (também ela adaptada de uma outra, japonesa, de Akira Kurosawa — 67 «Os 7 Samurais»). Evidentemente, que pouco tem a ver com o arquétipo. O filme de Sturges possuía uma força e uma densidade humana que estes *colts* nem de perto nem de longe conseguem atingir. Aliás, nem era essa a intenção dos seus responsáveis. O que se pretendeu foi simplesmente uma fita de consumo. Rápido. Daquela de *engole e esquece*. Para tanto não se aprimoraram muito. Meia bola e força. Saem sete magníficos á pressão. Um é americano, outro é americano, outro é americano, outro é americano, outro é americano, outro é preto, outro é mexicano. Este ultimo explica porque é que são precisos os americanos: «Nós temos armas, não temos é cérebros». Assim se compreende a entrada no México dos sete magníficos cérebros mercenários que por 600 dólares libertam Quintero da prisão, aproveitando a oportunidade para matarem pelo caminho algumas dezenas (para não dizermos mais) de soldados metediços que se atreveram a cruzarem-se-lhes no caminho.

George Kennedy é o *big boss* da empresa. Lamenta-se que os papéis distribuídos ultimamente (e em força) a este veterano não tenham sido de molde a deixar saudades. A má estrela dos Kennedys não perdoa...

LAURO ANTÓNIO

A «RELÍQUIA» EM ÚLTIMAS

Hoje, à noite há mais uma récita popular com «*A Relíquia*», promovida pelo Teatro Maria Matos e, tal como os espectáculos das tardes dos sábados, destinada a proporcionar ás classes económicamente menos favorecidas a possibilidade de apreciar a espirituosíssima sátira de Eça de Queirós, na original teatralização de Luís de Sttau Monteiro e Artur Ramos.

Estes espectáculos populares coincidem com as ultimas representações de «*A Relíquia*», cuja carreira terminará em breve, para dar lugar, a «*O Inocente*» de Calvo Sotelo, encenada por José Osuna e com Igrejas Caeiro no protagonista.

Aos sábados, à tarde e aos domingos, á tarde e á noite, é concedido o desconto especial de 50% a todos os jovens dos 17 aos 24 anos.

«O VISON VOADOR» QUASE NO FIM

Espectáculo em fim de carreira alegre, moderno, picante, «O Vison Voador», que se encontra em cena, há 9 meses, no Villaret, conta com a presença de Raul Solnado, um nome que o grande público tanto aprecia.

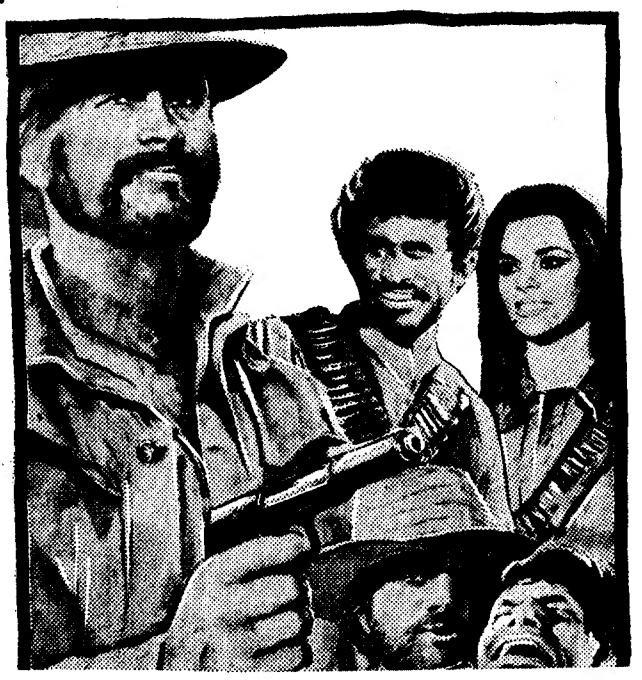
Trata-se da história de um «vinson», simples pretexto para criar toda uma série de situações que prendem a atenção do espectador, nomeadamente o «strip-tease» de Maria Laurent. O elenco é constituído por Maria Paula, Fernanda Borsatti, Yola, Georgina Cordeiro, Artur Semedo, Vasco de Lima Couto, David Silva e Rolando Alves. Encenação de Paulo Renato.

Hoje há espectáculos ás 21 e ás 23 horas.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
HOJE À NOITE
tal como nas tardes de sábado
PREÇOS POPULARES
BALCÃO: 10$, 15$ e 30$00
PLATEIA: 30$00 e 50$00
7.º MÊS
ÚLTIMOS DIAS
DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA
de EÇA DE QUEIROZ
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos também às 16 horas
AR REFRIGERADO
(Maiores de 17 anos)
PROD. DE IGREJAS CAEIRO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

AVIS United Artists
APRESENTA HOJE ÀS 21.45
EM
2.ª SEMANA
A ESPECTACULAR REALIZAÇÃO
DE
SERGIO CORBUCCI



Pistoleiro Profissional
"A PROFESSIONAL GUN"
COM:
FRANCO NERO • JACK PALANCE
GIOVANNA RALLI
ADULTOS

TEATRO VILLARET (ADULTOS)
com RAUL SOLNADO, MARIA PAULA, FERNANDA BORSATTI, YOLA, MARIA LAURENT, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES
EM 9.º MÊS DE ÊXITO E PRESTES A CHEGAR AO FIM
HOJE, ás 21 h. e ás 23 h.
O VISON VOADOR
É O FIM DA GARGALHADA

RAUL SOLNADO

UM SOBRINHO DE GREGORIO GARCÍA NA NOCTURNA DO CAMPO PEQUENO

Dois confrontos que se revestem de características verdadeiramente emocionantes constituem a base do grande e justificado interesse com que o publico aficionado lisboeta aguarda a nocturna desta noite no Campo Pequeno.

Para a lide equestre figuram no cartaz José Mestre Baptista e Luís Miguel da Veiga; para a apeada José Falcão e Raul Garcia; para as pegas os Forcados Amadores de Montemor capitaneados por Joaquim Capoulas; e, como matéria-prima, os toiros da ganaderia de Cabral de Ascensão, cujo prestígio cada vez mais se confirma, com os êxitos sucessivos que tem conquistado (como ainda recentemente no festival a favor das vítimas dos tremores de terra do Peru).

Ninguém duvidará de que o confronto entre José Mestre Baptista e Luís Miguel se reveste do maior interesse. O primeiro, a quem as más condições de saude dos cavalos obrigaram a perder corridas por imposição do veterinário, vai agora reconquistar junto do publico o lugar que ocupou já muito justamente. Luís Miguel, por seu turno, tem que consolidar uma posição que vem granjeando de corrida para corrida, com um apuramento de forma que se confirma em cada actuação.

Quanto á lide apeada, igualmente, os aficionados podem estar seguros da qualidade do espectáculo. Na verdade, enquanto Falcão ilumina a praça com a finura, a graça, a subtileza do seu toureio, Raul Garcia alvoroça-a com o arrojo, com a furia, com o galhardo arreganho da sua concepção mexicana de tourear. Os aficionados portugueses ainda não esqueceram a figura de Gregório Garcia. Raul, que é o seu sobrinho, irá recordar-lha, mas a um nível artístico mais elevado e depurado.

VIDA MUSICAL

Helena Moreira de Sá e Costa nos Cursos da Costa do Sol

A prof.ª Helena Moreira de Sá e Costa, do Conservatório do Porto, lecciona este ano na classe «Análise» dos Cursos Musicais da Costa do Sol com o prof. Jacques Stehmann de Bruxelas.

Helena Moreira de Sá e Costa, notável pianista portuguesa tem desenvolvido a triplice actividade de solista, professora e executante de musica de camara. Nesta última modalidade aponta-se a sua colaboração com grandes artistas como Pierre Fournier, Maurice Gendron Arthur Grumiaux, Marian Sovieff, Dermus, Martha Singher, Maurice Marechal, Maurice Eisberg, etc. Colabora em duo com sua irmã, a violencelista Madalena Costa G. de Araujo e foi nomeada sucessivamente professora dos Conservatórios Nacionais de Lisboa e Porto.

2.ª SEMANA

CONTINUA A SER UM ÊXITO EXCEPCIONAL QUE É UM MANANCIAL DE GRAÇA, ALEGRIA E ESPÍRITO!

A atribulada vida de um advogado que por não deixar nada ao acaso... se vê metido em cada caso...
...que por acaso... é um caso sério!

POSA FILMS INTERNACIONAL, S.A.
Apresenta o seu artista exclusivo
MARIO MORENO
CANTINFLAS

D. Quixote sem Mancha
em Eastmancolor
com
Angel Garasa
Lupita Ferrer
DIRIGIDO POR
MIGUEL M. DELGADO
PRODUZIDO POR
JACQUES GELMAN
12 ANOS
UM FILME

ELE AQUI ESTÁ
O CAMPEÃO DA JUSTIÇA...
E CAVALEIRO ANDANTE DA
BOA DISPOSIÇÃO!

DE NOVO NO EDEN

PASSATEMPO MAIS ECONÓMICO
E DIVERTIDO NÃO HÁ DO QUE A

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»
HÁ SEMPRE NOVIDADES QUE SATISFAZEM
OS GOSTOS MAIS EXIGENTES
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
REQUINTADO SERVIÇO DE RESTAURANTES
ABERTURA ÀS 19 HORAS — ENTRADA 2 ESCUDOS

O AMERICANO

JEAN LOUIS TRINTIGNANT
SIMONE SIGNORET
num filme de MARCEL BOZZUFFI

15 anos depois, o regresso dos E.U.A. valeu a pena a aventura?...

NA LINHA DO MODERNO CINEMA FRANCÊS,
UM FILME EXCEPCIONAL!

HOJE ÀS 21.30
ESTREIA NO
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
ADULTOS

RANK FILMES
United Artists

ACABARAM AS FÉRIAS NOS TEATROS DE LISBOA — 1

ESPADINHA NO «COMPÈRE»

E LINA MORGADO COMO ACTRIZ SÃO AS NOVIDADES DO ABC

Vem aí a nova época teatral: os ensaios dos próximos espectáculos já começaram em várias salas de Lisboa. Nesse sentido o primeiro passo foi dado pelo empresário José Miguel, que tem em fase adiantada a revista «Alto lá com elas».

Alguns dos principais intérpretes de «Alto lá com elas»: Tony de Matos, Ivone Silva e Camilo de Oliveira

—*Mesmo enquanto a companhia esteve em Angola, não pararam os trabalhos, pois a montagem e o guarda-roupa estão quase concluídos* — disse-nos o empresário satisfeito por acabar de receber a notícia de que ganhara 200 contos, a parte maior do prémio atribuído anualmente pelo Fundo de Teatro aos empresários em actividade.

Alto lá com elas tem texto da parceria Paulo da Fonseca, Cesar de Oliveira e Rogério Bracinha, música de João Nobre e J. Vasconcelos, direcção de montagem de Manuel Lima, colaboração plástica dos pintores Carlos Botelho, Fernando Bento e Francisco Relógio e dos cenógrafos Hernâni Loyes, Monia Ribeiro e Manuel Viana, guarda-roupa dos ateliers Paiva, figurinos de Juan Soutullo, direcção musical de J. Vasconcelos e coreografia a cargo do bailarino australiano Barry Seray. A grande novidade: Camilo de Oliveira será o primeiro nome do cartaz, além de encenador e director de cena.

— *Mas é preciso esclarecer o público* — disse-nos o actor — *de que, ao contrário do que foi divulgado, eu não sou associado de José Miguel neste negócio. Estou aqui porque venho ganhar muito melhor «cachet» do que recebia quando era contratado de Vasco Morgado. Aliás, Morgado já tem tantos encargos «pendurados» na bilheteira que não podia contratar-me por mais tempo. Sai a bem e talvez para o ano volte lá.*

Camilo tinha outras coisas para dizer:

— *Além do mais eu sou um «revisteiro» e precisava de voltar á revista. O público foi sempre ver-me em comédia, mas eu entendo que fico melhor num palco de revista. E o Parque Mayer é o «castelo» da revista. Venho com vontade de fazer coisas. Vê este monte de cartas?* (Apontou para mais de cem cartas e postais). *São amigos meus que querem reservar lugares para os primeiros dias de «Alto lá com elas». Ora eu não posso defraudar estes meus admiradores.*

Na nova revista do Teatro ABC Camilo interpretará cinco rábulas: «Leiloeiro», «Herói da foto-novela», «Bombeiro em lua-de-mel», «Empregado da sauna» e «Fadista de serviço».

TONY: actor e não contor

O elenco que está a ensaiar «Alto lá com elas» é extenso: Io Apolloni, Ivone Silva, Tony de Matos, Vítor Espadinha (pela primeira vez a interpretar um «compère»), Orlando Fernandes, Linda Silva, Nina Flores, Lina Morgado (a «girl» que obteve o Prémio «Beatriz Costa» e sobe agora o degrau das actrizes), Marília Gama, Maria N'zambi e ainda Maria Tavares, que há quem considere como a grande revelação dos palcos revisteiros da época transacta além do «Conjunto Sem Nome».

Io Apolloni, pela primeira vez no tablado do ABC, intervirá em quatro momentos («Lady Godiva», «Senhora das fianças», «Vedeta transalpina» e «Dactilógrafa») enquanto Ivone Silva estará seis vezes em cena: «Debutante de Pias», «Senhora dos Remédios», «D. Erótica», «Vedeta popular», «Heroína da fotonovela» e «Menina do serviço de despertar».

Por seu lado Tony de Matos surgirá mais como actor do que no habitual papel de cançonetista, o que aqui para nós não lhe está a agradar muito. O «trovador da voz romantica» será «cowboy da meia-noite», «Porteiro do Eden de baixo» e «Homem do Show-Boat».

— *Pode ser um passo importante na minha carreira, mas não quero abdicar de interpretar uma canção que se adapte ao meu estilo. No fim de contas, muito público pretenderá ouvir-me cantar, não é assim?*

Daí que Tony apareça em palco para cantar uma melodia em inglês: caso inédito na sua carreira.

Os ensaios são dirigidos por Camilo de Oliveira (o primeiro, à direita)

Estreia na primeira quinzena de Setembro

Espadinha no «compére»:

— *Estou como peixe na água. Sei o papel de fio a pavio e ando a preparar uns «passes»...*

Lina Morgado como actriz:

— *Nervosíssima. Nervosíssima é que eu ando. Imagine que a D. Beatriz Costa vem ver a revista... Se eu não souber corresponder ao seu prémio volto para a fila das coristas.*

Carlos Graça (combra-regra) e Álvaro Rosa (ponto) desvendam pequenos segredos de «Alto lá com elas»:

— *A abertura do espectáculo é baseada na sala de «Slot-machines» do Casino Estoril, em pleno movimento. Os clientes metem moedas nas máquinas e os prémios são bonitas raparigas.*

(Oito bailarinas inglesas e 12 «girls» portuguesas estarão em palco nesse momento. As mesmas que vão emoldurar os dois finais da revista: «Carnaval de Veneza» e «Caricatura de Lisboa». A dificuldade para obter um bom corpo de baile foi o grande problema surgido a José Miguel durante a «confecção» deste espectáculo).

— *É isso mesmo* — disse-nos o empresário. — *Posso mesmo acrescentar que o principal objectivo da minha «tournée» em Angola foi manter os contratos com as bailarinas e «girls», já que existem poucas raparigas aptas a fazerem bailes modernos e cada vez mais a procura aumenta.*

Para acrescentar:

— *Por menos de sete contos e meio ninguém consegue hoje ter em cena uma boa bailarina estrangeira. Isto porque elas possuem uma escola que é infinitamente superior á prática das portuguesas melhor qualificadas e portanto dão-nos a garantia de assimilarem rápidamente todos os movimentos que vão fazer. Assim eu posso continuar a ser o empresário que oferece ao público de Lisboa o primeiro espectáculo de revista de cada temporada.*

Rábula final:

— *Corto a cabeça se «Alto lá com elas» não estrear antes de 15 de Setembro...*

José Miguel, César de Oliveira e Manuel Lima

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«BEIRA»*	24 de Agosto	Directo a: Lobito, L. Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«P. PERFEITO»	25 de Agosto	Luanda e Lobito.
«NOVO REDONDO»	29 de Agosto	Luanda, Lobito, Moçâmedes, L. Marques, Beira, Nacala e Porto Amélia (se necessário).
«ÍNDIA»	4 de Setembro	Luanda, Lobito, Moçâmedes, L. Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«ROVUMA»*	6 de Setembro	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«ANGOLA»*	10 de Setembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, L. Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telefs. 34764 e 369172

LISBOA — R. do Comércio, 85 — Tel. [illegible]
PORTO — R. Infante D. Henrique, 85 — Tel. 22[illegible]

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipoteca, ou a transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81 3.º Dt. — Telef. 40049 563751 Aguardo sua visita ou telefonema

Sá de Miranda

ENSINO PRIMÁRIO E INFANTIL
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO · NOCTURNO

Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

RALI TAP 1970

Parte da equipa francesa chegou a Lisboa para reconhecimento do percurso

Mlle. Beaumont, vencedora do Campeonato de França de Ralis de 1969 e candidata ao título deste ano, acompanhada dos seus companheiros de «écurie» Ragnotti e Gelin, chegou a Lisboa para reconhecimento do itinerário português do IV Rali Internacional TAP 1970, que terá lugar de 1 a 5 de Outubro próximo, a contar para o Campeonato Europeu.

Marie Claude Beaumont (loura, olhos azuis, figura pequena e frágil) confiou-nos ser esta a primeira vez que vem a Portugal.

A sua presença este ano justifica-se pelo crescente interesse que os Ralis TAP vão tendo por parte das «écuries» estrangeiras. Caso singular no automobilismo de competição europeu, tripulará um Opel GT 1900 Standard.

Ragnotti, Campeão de França e segundo no Campeonato Europeu o único amador da equipa francesa, conduzirá um Kadett Rally 1900. Maurice Gelin, actualmente o melhor co-piloto de França, fará a sua prova ao volante dum Opel GT especial, juntamente com Greder, o veterano chefe da equipa francesa.

JOÃO RUI DE SOUSA EM «IMPACTO»

Dentro das características muito próprias que desde sempre o identificaram como um programa à parte no nosso meio radiofónico, «Impacto» com produção de João Martins, apresentará de amanhã a segunda-feira, nas ondas da Rádio Clube Português, o poeta João Rui de Sousa.

Na rubrica, que irá para o ar cerca das 22 horas, Dórdio Guimarães entrevistará João Rui de Sousa, e o poeta terá vários poemas inéditos de sua autoria.

NECROLOGIA

FUNERAIS

Raul Folque Flores

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 20 — Efectuou-se ontem, para o cemitério local, o funeral do sr. Raul Folque Flores, de 83 anos, antigo armador de pesca e industrial de conservas de peixe, casado com a sr.ª D. Maria das Dores Brito Folque e pai da sr.ª D. Maria Gasolina Folque Socorro e dos srs. Raul Folque de Brito, João Folque de Brito e eng. José de Brito Folque.

SUFRÁGIOS

Ferreira da Cunha

Para assinalar o 30.º dia do falecimento do repórter fotográfico Álvaro Abranches Ferreira da Cunha, que pertenceu ao quadro de redacção do nosso prezado colega «Diário de Notícias», é rezada amanhã, às 19 horas, na igreja do Sacramento, missa de sufrágio mandada celebrar por sua viúva, filha e neta.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1878
Sita em qualquer concelho em Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/288022

Feira Nova de Cavernães

VISEU, 20 — Começa no dia 7 do próximo mês, e continua nas primeiras segundas-feiras de cada mês, a Feira Nova da vizinha freguesia de Cavernães. Trata-se de uma iniciativa da respectiva junta de freguesia.

Artes plásticas

Exposição de Guilhermino Cardoso

No convento de Santo António dos Capuchos, é inaugurada depois de amanhã, ás 18 horas, uma exposição de pintura do artista Guilhermino Cardoso. Preside á inauguração o presidente da Camara Municipal de Almada.

Na S. N. B. A.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, á Rua Barata Salgueiro, continua patente ao publico a anunciada exposição das assistentes. Horário (extensivo aos sábados e domingos): entre as 14 e as 20 horas.

JUSTIÇA E INFORMÁTICA

O Centro de Informática do Ministério da Justiça foi autorizado a celebrar contratos para aluguer de equipamento mecanográfico até á importancia máxima anual de 11 040 contos.

No ano em curso, o referido aluguer não poderá exceder os 840 contos.

PARTICIPE NA CONQUISTA
DO ESPAÇO ECONÓMICO
PORTUGUÊS!

Acompanhe o nosso esforço para a realização efectiva da Moderna Economia Nacional. Dê ao seu dinheiro a dimensão do progresso.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro de 5,5% ao ano os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

LISBOA Rua Ministro de Oliveira, 20 · PORTO Avenida dos Aliados, 68 · ÉVORA Rua 5 de Outubro, 38 · VISEU Av. Calouste Gulbenkian, 230 · GUARDA Av. Marechal Gomes da Costa, 888

UM DECRETO DO MINISTÉRIO DA ECONOMIA

O PRIMEIRO PASSO NA REVISÃO DO CONDICIONAMENTO INDUSTRIAL

Um decreto do Ministério da Economia publicado no «Diário do Governo» reduz consideràvelmente o numero de actividades ainda sujeitas a um condicionamento de instalação.

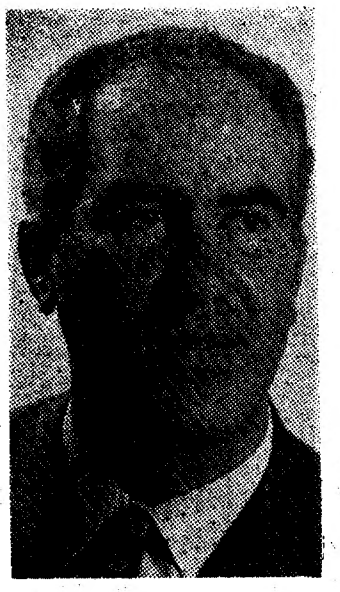
Promulgando um novo regime de condicionamento industrial territorial no continente e ilhas adjacentes, o referido diploma constitui, como se lê no seu preâmbulo, um «*primeiro e decisivo passo no caminho de uma maior liberalização*», já que «*o muito que há a exigir da industrialização do continente não consente que se protele por mais tempo a revisão a fazer*».

A entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 46 666, de 24 de Novembro de 1965, dividindo o regime de condicionamento em nacional e territorial e determinando a publicação, nos diferentes territórios, de relações de industrias desde então sujeitas ao condicionamento territorial, pressupunha uma ampla revisão do regime. No entanto, só nas províncias ultramarinas foram publicadas listas das industrias sujeitas a condicionamento. Na metrópole e nas ilhas, tem-se mantido, sem alteração, a lista das industrias constantes dos quadros anexos ao Decreto-Lei n.º 39 634, de 5 de Maio de 1954.

O diploma hoje publicado tem como objectivo específico a divulgação da lista das industrias que ficam sujeitas a condicionamento territorial no continente e ilhas adjacentes, assim como a das industrias que deixam de estar sujeitas a condicionamento industrial. Começa, assim, a concretizar-se a nova política defendida pelo Governo em matéria de desenvolvimento industrial, a qual foi exposta em toda a sua amplitude pelo secretário de Estado da Indústria no seu discurso de 16 de Fevereiro último, na inauguração do colóquio de Política Industrial organizado pela Associação Industrial Portuguesa. Foi então afirmado que o novo regime da indústria a instituir resultaria da articulação de uma série de instrumentos de política industrial entre os quais se incluiu, como fundamental, a revisão do regime de condicionamento da indústria.

Sabe-se que está em preparação uma revisão mais ampla do que esta agora apresentada, a qual será presente ás Câmaras juntamente com os outros instrumentos que estarão na base da promoção e reconversão industrial. O Governo considerou, porém, oportuno aproveitar desde já as possibilidades da actual legislação no sentido de conformar a sua aplicação ás orientações agora definidas. Deste modo, dá-se também cumprimento ao disposto no art.º 20.º da Lei de Meios para o corrente ano.

O presente diploma deve ser interpretado dentro dum espírito de liberalização das actividades industriais. Como tem sido afirmado pelo secretário de Estado da Indústria, a política industrial que progressivamente será instituída visa «o exercício plenamente responsável da capacidade empresarial privada», procurando apoiar «o empresário activo e competente a atingir o progresso técnico e o poder concorrencial que se desejam».



ENG.º ROGÉRIO MARTINS

«CAMINHO DE PAÍS NOVO»

— UMA COLECTÂNEA DE TEXTOS DO ENG. ROGÉRIO MARTINS

As linhas gerais da doutrina económica do Governo de Marcello Caetano, sobretudo no que á industria diz respeito, foram agora tornadas publicas num volume de autoria do secretário de Estado da Industria, eng.º Rogério Martins.

O volume — «Caminho de País Novo» — reúne discursos e um despacho do secretário de Estado, desde a sua entrada para o Governo em 27 de Março de 1969.

«Substituir o verbo *condicionar* pelo verbo *promover*», eis a súmula da doutrina que o eng.º Rogério Martins aponta como o caminho a seguir, se pretendemos sair do «regime industrial que vigorou no nosso país no último quarto de século [e que] nem permitiu que nos aproximássemos do conjunto de países europeus economicamente avançados, diminuindo a distância que deles nos separava, nem melhorou a nossa posição em relação a outros.»

O fundamental da nova doutrina económico-industrial foi explanado pelo secretário de Estado no seu discurso inaugural do Colóquio sobre Política Industrial. Essa peça basilar para o entendimento do que pretende o Governo fazer no campo industrial é transcrita na íntegra, ocupando 38 páginas do sóbrio volume de 213. Nesse discurso, condenou o secretário de Estado o actual regime de protecção pelo condicionamento e pelas barreiras aduaneiras, em que tem vivido a indústria nacional. Esse e outros «atrevimentos» valeram-lhe algumas críticas acerbas. A resposta do eng.º Rogério Martins a esses ataques pode também ler-se no livro ora publicado: (...) «levam-me a não deixar de aludir a certas, mas felizmente poucas, vozes que, num gesto cuja elegância não consigo descontinar, acharam oportuna a minha estadia em Espanha para levantarem espantalhos que todos esperávamos mortos.»

Pela posição do autor, pelo tema versado e, sobretudo, por nele estar condensado o que, de facto, parece ser novo, «Caminho de País Novo» é um livro interessante para os estudiosos de política e economia portuguesas.

PARA PORTUGUÊS (TAMBÉM) VER

O CIRCO DE MOSCOVO JÁ ESTÁ EM MADRID

Já se encontram em Madrid todos os equipamentos (e animais) da companhia do Circo de Moscovo, chegados anteontem ao porto piscatório de Santurce a bordo do cargueiro soviético «Atkarsk».

Oito empregados acompanham a preciosa carga, da qual fazem parte os vinte ursos domesticados do famoso Valentin Filatov.

O Circo de Moscovo tem a sua estreia marcada para o próximo dia 28 na capital espanhola, onde permanecerá até 20 de Setembro. De Madrid segue viagem para Barcelona (espectáculos diários até 18 de Outubro) e finalmente para Lisboa, com destino ao Coliseu dos Recreios.

À chegada a Santurce, informa a agência «Cifra», tripulantes e passageiros do «Atkarsk», e bem assim os homens do circo, foram sujeitos a rigorosa inspecção sanitária. Rotina pura, disseram as autoridades portuárias — nada a ver com a decantada epidemia de cólera.

O grande ausente é Popov — um nome tão célebre como o do Circo de Moscovo

Quatro companhias em «tournée»

Como já se disse, a U. R. S. S. é o único país do Mundo que dispõe de uma escola circense oficial. Assim, o Circo de Moscovo tem nada menos de 8 mil artistas e... 80 companhias. E presentemente uma das quatro melhores esta que vem agora a Espanha e a Portugal. As outras três estão em «tournée» respectivamente, nos Estados Unidos, Alemanha Federal e Japão.

A companhia «ibérica» é dirigida por Asahov Vitktorevitch e traz, além do celebrado Valentin Filatov, o «clown» Armen, os acrobatas sobre camelos Kadyr Gullana e uma «troupe» de cavaleiros Dijignitas da Arménia.

Pormenor derradeiro: Viktorevitch aceitou fazer 82 representações em Espanha. Cada actuação do Circo de Moscovo custa, em média, a *modesta* quantia de três mil dólares (86 contos).

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da Guia
GUIA
GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
Fundada em 1675

Terra Santa
Avião a Jacto — GRÉCIA - TERRA SANTA E ITÁLIA
(COMPLETO (RECINTO DE VISITA AOS LUGARES SANTOS EM AUTOCARROS)
Viagem acompanhada
PARTIDA 20 DE SETEMBRO — 15 DIAS
direct desde 1945
LISBOA — Avenida da Liberdade, 160
PORTO — Avenida dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sota, 2

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

OS SECTORES DE ACTIVIDA
centram percentagem mais
mão-de-obra feminina são, co
mos, os serviços 268128 M.), c
-de-obra feminina são, como j
os serviços (268 128 M.), a
transformadoras (172 363 M.
cultura, silvicultura, caça
(106 426 M), censo de 1960.
actividades a participação
muito menos significativa.

Por razões opostas, algumas delas são ainda feudo masculino: ou oferecem excelentes condições de remuneração (bom motivo para serem ocupadas por homens) ou condições de trabalho incompatíveis não com a resistência, mas com a força muscular da mulher, que atinge sòmente 55 por cento da do homem.

Segundo os grandes grupos profissionais, tínhamos em 1960, 45 667 mulheres entre as pessoas a exercer profissão liberal, técnicos e equiparados; 2554 M. como directores e pessoal dos quadros administrativos superiores; 30 049 empregadas de escritórios; 29 089 M. comerciantes e vendedoras; 105 670 mulheres no conjunto dos agricultores, pescadores, caçadores, silvicultores e trabalhadores equiparados; 589 M. entre os mineiros, operários de pedreiras e equiparados; 7510 M. nos trabalhores de transportes e das comunicações; 172 819 M. entre os operários qualificados, especializados e não especializados; 207 432 M. nos trabalhadores especializados dos serviços, desportos e actividades recreativas; e, por fim, 1224 mulheres entre as pessoas que não puderam ser classificadas segundo a profissão.

Os números que referimos só ganham o seu inteiro significado numa situação comparativa. Transcrevemos, por isso, um quadro com elementos colhidos na Estatística Demográfica de 1968, com dados referentes a 1960.

Da leitura do quadro ressalta, em primeiro lugar, a posição paritária das mulheres em relação aos homens no grupo das pessoas que exercem profissão liberal, técnicos e equiparados (46 406 H. e 45 667 M.). Claro que o ensino, uma das tais profissões feminizadas, pesa na equiparação do numero de profissionais dos dois sexos abrangidos por este grupo.

No grande grupo imediatamente a seguir (directores e pessoal dos quadros administrativos superiores) verifica-se uma das mais escandalosas segregações que se dão no mercado do trabalho. Enquanto existiam, em 1960, 45 109 homens com funções de responsabilidade, só 2554 mulheres eram consideradas aptas a desempenhar tarefas directivas, o que confirma que raramente a mulher ascende a posições de chefia.

Não é só no nosso país que se dá este discrimina-

IDADE que con-
ais elevada de
, como já referi-
M.), as indústrias
mo já referimos,
), as indústrias
3 M.) e a agri-
ça e pesca
960. Nas outras
ção feminina é
.

A POSIÇÃO DA MULHER NA HIERARQUIA PROFISSIONAL

MÃO-DE-OBRA FEMININA 4

POR

ANTÓNIA DE SOUSA

Por razões opostas algumas profissões são ainda feudo masculino: umas porque oferecem excelentes condições de remuneração; outras, porque são incompatíveis com a resistência e força muscular da mulher

POPULAÇÃO RESIDENTE ACTIVA COM PROFISSÃO

SEGUNDO AS PROFISSÕES (GRANDES GRUPOS) E O SEXO

(Elementos referentes a 1960, colhidos na Estatística Demográfica de 1968)

Profissões (grandes grupos) Continente e Ilhas Adjacentes	*Homens*	*Mulheres*
ssoas exercendo profissão libe-ral, técnicos e equiparados	46 000	45 607
ectores e pessoal dos quadros administrativos superiores	45 109	2 554
mpregados de escritório	183 306	30 049
merciantes e vendedores	180 356	29 089
ricultores, pescadores, caçado-es, silvicultores e trabalhado-es equiparados	1 332 263	105 670
melros, operários de pedreiras e equiparados	19 208	589
abalhadores dos transportes e das comunicações	98 150	7 510
perários qualificados, especiali-zados e não especializados	748 031	172 819
rabalhadores especializados dos serviços, desportos e activida-des recreativas	97 991	207 432
ssoas que não puderam ser classificadas segundo a profis-são	17 307	1 224
Total	2 719 036	602 603

A POSIÇÃO DA MULHER NA EMPRESA DO VIETNAM DO NORTE

Uma parte da mão-de-obra masculina (Hánoi) foi mobilizada. Este facto veio acelerar a promoção da mulher. «100 raparigas não valem um rapaz», dizia um provérbio vietnamita. O novo regime lutou contra os casamentos à força e a poligamia, instruindo do mesmo modo raparigas e rapazes. Mas as premências da guerra desempenharam um papel ainda mais activo na promoção das mulheres do que nos anos de paz. Encorajadas pelo Partido, as mulheres ocupam um lugar proeminente na produção. As raparigas tornam-se militantes que sabem manejar as armas. As brigadas de reconstrução de estradas são em grande parte constituídas por jovens que deixam a casa por vários dias. A própria atitude da rapariga de hoje, a sua maneira de pensar, de encarar a vida, difere profundamente da das mulheres da geração anterior. Querem participar em tudo e afirmam-se sem receio; querem menos filhos e mais responsabilidades. Verifica-se um avanço nos quadros femininos, outrora conscientemente ou inconscientemente vítimas de uma discriminação. Desde o ano passado, se houver 40 por cento de mulheres numa empresa ou cooperativa é obrigatório que haja uma mulher no «comité» directivo; se a percentagem for de 50 por cento, o director-adjunto deve ser uma mulher, e se for de 70 por cento o director será uma mulher.

In «Por que razão o Vietnam do Norte resiste ainda?» publicado em «Que Futuro para o Vietnam?»

A percentagem de mulheres no grupo dos agricultores, pescadores, caçadores, silvicultores e trabalhadores equiparados (105 670) foi bastante elevada se tivermos em conta a participação feminina nos diversos grupos profissionais, mas ínfima em comparação com o número de homens (1 332 263)) empenhados nas tarefas abrangidas pelo grupo referido. A dez anos de distância estes números devem estar muito desactualizados, devido não só à emigração, mas à tendência de abandono dos trabalhadores das actividades primárias.

Queremos ainda assinalar que a disparidade de trabalhadores masculinos (748 031) e femininos (172 819) entre os operários qualificados, especializados e não especializados, embora enorme, não é tão grande quanto poderia ser de supor, dado o baixo nível dos salários pagos às mulheres. E isto sem pretender significar que a mão-de-obra masculina seja bem remunerada.

Ao abandonar o sector primário, a mulher é atraída pelo secundário, ou seja a indústria, a fábrica.

NA ÚLTIMA DECADA: GRANDES OSCILAÇÕES NO MERCADO DO TRABALHO NO NOSSO PAÍS

Urge não esquecer que os dados estatísticos de que nos temos servido são referentes a 1960 e desde então o mercado do trabalho sofreu enormes oscilações.

A partir de 1960 começaram as grandes deslocações de tropas para o Ultramar, que não poderiam deixar de influir num processo de escassez de mão-de-obra; o aumento da emigração masculina agravou essa penúria que foi acentuada ainda mais pelo movimento, até então quase inédito, da emigração feminina como força produtiva, disposta a abastecer mercados de tra-

(Continua na 12.ª página)

de sexos, que pouco a ver com a capaci-da mulher, ou de de-nada mulher, para er certos cargos. A her continua a ser mão-bra pouco qualificada medianamente qualifi-. As qualidades de che-são tradicionalmente dido dos homens e re-ente é contestada a au-idade dum chefe mas-no, até quando ele se ebou uma nulidade no mpenho das suas fun-.

clivagem a que é sub-ida a mulher é muito cerrada. Quando é siderada boa profissio-, é porque o é melhor que o homem que exe-a mesma tarefa. Para ras na competição pro-onal a mulher tem de submeter a provas mais ras do que o homem e itas vezes com pouca erança de que os seus itos sejam reconheci-e compensados.

HIERARQUIZAÇÃO PROFISSIONAL NÃO DISCRIMINATÓRIA DE SEXOS

No capítulo da hierarquização profissional não discriminatória só conhecemos uma experiência que nos parece em absoluto válida: a do Vietnam do Norte. Actualmente, naquele país, quando numa empresa ou cooperativa 40 por cento dos trabalhadores forem mulheres é obrigatório que haja uma mulher no *comité* directivo; se a percentagem for de 50 por cento, o director-adjunto deve ser uma mulher, e se for de 70 por cento o director será uma mulher.

Por quanto tempo ainda a mulher continuará a executar tarefas simples e de pouca responsabilidade?

Em contrapartida, as nossas fábricas e serviços especializados em mão-de-obra feminina, encontrar-se-á sempre homens nos cargos superiores a encarregados. Temos o exemplo do que se passa na T. L. P., nos C. T. T., etc. Do quadro que temos vindo a estudar — o da população residente activa com profissão segundo as profissões —, há sobretudo a destacar a predominância de mulheres (207 432) nos trabalhadores especializados dos serviços, desportos e actividades recreativas, em que eram activos 97 901 homens. Esta predominância não equivale a uma valorização real de mão-de-obra pouco qualificada, fàcilmente recrutável no sexo feminino, cujas habilitações se quedam na maior parte das vezes no curso comercial. Além disso é um trabalho que exige pouco esforço físico, sedentário e, por isso, capaz de satisfazer as limitadas ambições profissionais da mulher.

I SALÃO LUSO-ESPANHOL DE MÉDICOS ARTISTAS

Figueira da Foz, 20 — Com o I Colóquio Luso-Espanhol de Medicina do Trabalho, que decorre nesta cidade de 6 a 12 de Setembro, vai realizar-se o I Salão Luso-Espanhol de Médicos Artistas, nas modalidades de pintura, desenho, escultura e fotografia.

Os organizadores do certame contam, desde já, com o maior êxito, atendendo ao interesse que despertou a exposição das bodas de prata da Ordem dos Médicos.

Por outro lado, é do conhecimento público que muitos médicos se têm notabilizado, tanto na política, como nas letras e nas artes. Recordam-se, a propósito, os nomes de António José de Almeida, Abel Salazar, Julio Dinis, Teixeira de Queirós, Campos Monteiro, Eusébio Leão, António Patrício, Silva Gaio, Miguel Torga, Fernando Namora, além de outros.

No entanto, outros há que são menos conhecidos, como o prof. Carneiro de Moura, os drs. Celestino Gomes, Telo de Morais, Rufino Ribeiro, Josino Gil, Barata da Rocha, Mengo de Abreu e outros.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

mini lanche
CHOCOLATES TAGUBE

FEIRA DO ARTESANATO
CASCAIS
Todos os dias das 16 h. à 1 da madrugada
★
Organização da Junta de Turismo da Costa do Sol

RELÓGIOS OMEGA
TODOS OS MODELOS
AGÊNCIA OFICIAL ESPECIALIZADA
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 207 — LISBOA

Actualidade internacional

Patrulhas na capital checa no aniversário da invasão

PRAGA, 20. — (R.) — «Jeeps» do Exército patrulharam ás primeiras horas de hoje as ruas empedradas desta capital, que se preparava para o segundo aniversário da invasão do país, em 1968, pelas forças do Pacto de Varsóvia, dirigidas pelos soviéticos.

Polícias armados, em grupos de dois e três, patrulhavam virtualmente todas as ruas, vigiando sinais de protesto, como concentrações de jovens, que podiam lançar fogo á atmosfera carregada de pólvora.

As patrulhas da Polícia são o unico sinal visível de tensão em Praga, embora a prisão de liberais nos últimos dias tenha enervado ao máximo muitos intelectuais.

Contudo, poucas pessoas aguardam uma repetição da onda de violência que explodiu durante o primeiro aniversário da invasão no ano passado quando foram mortas, pelo menos, cinco pessoas. O dia de ontem decorreu sem incidentes, embora em 1969 os primeiros recontros nas ruas entre a Polícia e jovens se registassem em 19 de Agosto.

Entretanto, uma campanha de panfletos nesta cidade, bem organizada, tem pedido o boicotagem de lojas, cinemas, teatros e jornais, amanhã, sexta-feira, dia que é considerado como a verdadeira data da invasão, apesar de tropas soviéticas e de outros países do Pacto de Varsóvia terem atravessado as fronteiras checoslovacas na madrugada de 20 de Agosto de 1968.

LUTA CONTRA A POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA. Em Tóquio, polícias procedem à verificação do grau de nocividade dos gases libertados pelos motores dos automóveis, durante a actual campanha para tornar mais respirável o ar na capital nipónica.

PROTESTO CHINÊS

HONG-KONG, 20. — (R.) — O Governo chinês apresentou hoje um protesto ao Governo checoslovaco, queixando-se de obstruções injustificadas á actividade diplomática normal da embaixada chinesa em Praga.

A agência Nova China disse que o protesto foi apresentado ao encarregado de Negócios checoslovaco em Pequim, que foi chamado de urgência ao ministério dos Negócios Estrangeiros.

A embaixada do Camboja em Praga encontra-se ocupada desde o dia 12 pelo segundo secretário Ieoup Ghanty e por vários cambojanos partidários do príncipe Sihanouk.

Sem fazer qualquer referência a este facto, a nota chinesa diz que desde o dia 13 os diplomatas chineses em Praga foram por várias vezes á embaixada do Camboja para contactos normais com o seu segundo secretário. «Estes contactos foram porém alvo de interferência e obstrução injustificada por parte das autoridades checoslovacas», diz a agência Nova China.

Nova moção sobre a África na ONU

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 20 — (R.) — Sete elementos da comissão especial de descolonização das Nações Unidas propuseram hoje que deve ser pedida á Inglaterra, a utilização da força, para pôr «termo imediato» ao regime de minoria branca na Rodésia.

Uma resolução apresentada conjuntamente pelo Afeganistão, Índia, Iraque, Serra Leoa, Síria, Tanzânia e Jugoslávia, deve, ainda, no fim desta semana ser debatida pela comissão especial, que engloba delegados de 24 países.

O esboço da resolução chama, também, a atenção do Conselho de Segurança para a crescente e perigosa situação que se verifica na Rodésia, acordando na necessidade das sanções das Nações Unidas se tornarem extensivas á África do Sul e a Portugal, que são «responsáveis directos pela continuação do regime racista minoritário e ilegal que vigora na Rodésia».

O CASO MOORE

BOGOTÁ, 20 — (F.P.). — O capitão Jorge Ramirez, chefe dos serviços de informação da polícia colombiana, declarou ontem á noite que Bobby Moore «nada tem a ver com o caso da pulseira.»

OS EUA RECEIAM QUE ISRAEL FAÇA MALOGRAR O PLANO DE PAZ

WASHINGTON, 20 — (R.) — Funcionários dos E. U. A. mostravam-se hoje sériamente preocupados pelo facto de Israel continuar a insistir nas alegações de que o Egipto violou o cessar-fogo pois receiam que tal atitude acabe por pôr em perigo a iniciativa norte-americana de um plano de paz para o Médio Oriente.

Nos círculos oficiais salienta-se a necessidade de dar início rápidamente ás negociações de paz. Os responsáveis norte-americanos pensam que Israel tem estado a perder muito tempo levantando dificuldades e que serviria melhor os seus próprios interesses se aproveitasse a oportunidade para obter uma solução negociada.

Na opinião dos mesmos funcionários, o malogro das conversações de paz representa um perigo maior para os interesses vitais de Israel do que as alegadas violações egípcias.

As relações entre Washington e o Governo de Golda Meir voltaram ontem a ficar tensas quando a Secretaria de Estado declarou finalmente não ter provas concludentes de que o Egipto tenha deslocado mísseis para junto da zona do Canal.

Os informadores norte-americano não fizeram comentários a fotografias exibidas em Tel-Aviv pelo governo israelita para tentar provar que bases egípcias de mísseis foram reforçadas a 20 km do Canal depois do cessar-fogo entrar em vigor no dia 8.

A declaração feita ontem pela Secretaria de Estado aconselha por outro lado Israel a deixar-se de acusações que os Estados Unidos em boa fé não conseguem confirmar, passando quanto antes ás negociações de paz com os árabes.

O Governo norte-americano disse não ter provas concludentes de que o cessar-fogo foi violado, mas apresentou todos os elementos em seu poder ao Egipto e á União Soviética pedindo uma explicação cabal.

Os observadores diplomáticos pensam que essa diligência em Moscovo e no Cairo indica que o Governo norte-americano não rejeita inteiramente as provas apresentadas por Israel, admitindo que elas possam ter algum fundamento, embora não sejam definitivas.

Enquanto provas mais convincentes não forem obtidas, os E. U. A. não pretendem tomar uma posição rígida que poderia prejudicar o frágil acordo do cessar-fogo e esta rara oportunidade de conversações de paz, embora indirectas.

Biografia de Dubcek

LONDRES, 20 — (R.) — O dirigente checoslovaco Alexandre Dubcek foi tratado como um animal a caminho do matadouro durante a visita que o obrigaram a fazer a Moscovo, após a invasão do seu país por tropas do Pacto de Varsóvia, segundo revela um livro editado hoje nesta capital.

A obra, a primeira biografia completa de Dubcek desde a sua queda, diz que ele se encontrava num tremendo estado de choque na altura em que foi preso, há cerca de dois anos, e levado de avião de Praga para a capital soviética.

«Não se sabe ainda o que, na verdade, lhe foi feito», declara a biografia, da qual é autor o escritor britânico William Shawcross. «Contudo, este foi um dos aspectos mais odiosos e repelentes da invasão... Todos concordam que Dubcek foi tratado mais como um animal a caminho do matadouro do que como o chefe legal de um Estado aliado.

«Foi enviado de volta de Moscovo em 26 de Agosto para cometer a destruição total e seu próprio extermínio, e do seu movimento reformista, e dos seus partidários e o dos seus ideais.»

Um dos problemas fundamentais, segundo o livro, residia no facto de Dubcek não atingir a envergadura de um estadista. Era essencialmente um político de província.

O próprio Dubcek admitiu, após 15 meses no Poder, que as suas reformas do sistema comunista da Checoslováquia tinham sido, por vezes, «mal administradas».

A biografia, com o título simples de «Dubcek», foi escrita por William Shawcross, de 24 anos, um jornalista filho de lorde Shawcross, o acusador principal britânico nos julgamentos de crimes de guerra de Nuremberg.

MORTOS DOIS SOLDADOS ISRAELITAS

TEL-AVIV, 20 — (R.) — Dois soldados israelitas foram mortos e quatro ficaram feridos num ataque de guerrilheiros árabes ontem á noite contra uma posição israelita perto da fronteira do Líbano — anunciou hoje um informador militar.

O REI HUSSEIN NO CAIRO

AMÃ, 20 — (R.) — O rei Hussein da Jordânia partiu hoje para o Cairo, onde vai efectuar o primeiro encontro com o presidente Nasser desde que o Egipto e a Jordânia aceitaram a recente proposta norte-americana para uma solução pacífica do conflito no Médio Oriente.

MEDIDAS DE EMERGÊNCIA CONTRA A CÓLERA NA LÍBIA

TRIPOLI, 20. — (R.) — Milhares de líbios encheram os 14 centros de vacinação desta capital, após a comunicação do Governo de anteontem, á noite, segundo a qual foram impostas medidas especiais de emergência para impedir o alastramento da cólera no país.

As autoridades sanitárias disseram a noite passada que havia um numero limitado de casos confirmados e recusaram-se a fornecer qualquer numero especifico, embora classificassem o surto como uma epidemia de cólera.

Fontes bem informadas afirmaram a noite passada que só em Tripoli havia 17 casos suspeitos.

Numa mensagem transmitida de hora a hora pela Rádio e pela Televisão, o Ministério da Saude fez ontem, á noite, um apelo á população para observar normas rigorosas de higiene.

O ministério ordenou a vacinação obrigatória e proibiu viagens entre cidades a pessoas com mais de seis dias de idade que não possuam certificados de vacina.

ALARME EM WASHINGTON DEVIDO À PENETRAÇÃO NAVAL DA URSS NAS CARAÍBAS

WASHINGTON, 20—(R.) — Duas individualidades norte-americanas manifestaram alarme por causa da penetração naval soviética nas Caraíbas, segundo um depoimento prestado a uma subcomissão da Camara dos Representantes, divulgado a noite passada.

O almirante Ephraim P. Holmes, comandante-chefe norte-americano no Atlântico, que é, também, comandante supremo da NATO no Atlântico, e o subsecretário da Defesa, G. Warren Nutter, afirmaram que a actividade soviética na área ameaçava a segurança dos Estados Unidos no seu flanco sul.

Num depoimento muito censurado, prestado em 13 de Julho perante a subcomissão de assuntos interamericanos da Camara dos Representantes, o almirante Holmes declarou «O flanco sul dos Estados Unidos é, talvez, um dos mais vulneráveis».

O almirante disse ainda á subcomissão que os russos tinham enviado submarinos nucleares, cruzadores equipados com mísseis e outros navios de guerra para as Caraíbes, utilizando as facilidades e os portos cubanos.

LOTUS ÉLAN 2+2

Vendo, aceito trocas, urgente. Telefone 260205.

CARRINHA MORRIS ROUBADA
HB - 43 - 55
Telef. 67 14 38

VIAGENS it
33 itinerários — incluindo viagem aérea, 6 noites em hotel (c/banho) e excursão da cidade.
De LISBOA preços a partir de
Para
ATENAS .... 6.660$00
LAS PALMAS ... 4.820$00
MADRID .... 2.640$00
MOSCOVO .... 11.230$00
PARIS .... 4.260$00
multitur
E. PINTO BASTO
OREY ANTUNES
TAGUS
E.V.A. VIAGENS E TURISMO

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Violenta batalha no Camboja a 15 km de Phnom Penh

NOM PENH, 20 — (R.) travava-se hoje uma nta batalha apenas a ilómetros desta capi- quando forças norte- namitas e do Vietcong, efectivos foram cal- os em três batalhões, vam perfurar um defensivo de aldeias ta de Phnom Penh, segundo comunicou nesta cidade um informador militar.

Os combates começaram antes do nascer do sol, na aldeia de Pek Tameak, situada na margem do rio Mekong.

As forças comunistas estão equipadas com armamento pesado, ao passo que as tropas governamentais cambojanas contam com o apoio da aviação e de lanchas armadas que percorrem o rio.

Aquela aldeia faz parte do perímetro defensivo da capital. Nas últimas noites, registaram-se ali escaramuças ligeiras.

O informador disse que, desta vez, parece que os comunistas estão a procurar penetrar nesse perímetro defensivo, mas alguns observadores não acreditam que a capital corra o perigo imediato de ser atacada.

Phnom Penh é praticamente uma ilha rodeada de campos alagados, devido ás chuvas da monção, pelo que o acesso só é possível de barco.

Mesmo que os comunistas capturem Pek Tameak, isso não lhes abrirá o caminho para a capital, pois teriam ainda que atravessar o caudaloso rio Mekong, que é constantemente patrulhado por canhoneiras cambojanas e sul-vietnamitas.

Este combate é o primeiro que se verifica desde a batalha pela posse de Skoun, a 70 km para o norte.

As tropas governamentais, após uma semana de luta, capturaram aquela localidade, situada no importante cruzamento entre as estradas 6 e 7.

Zsa Zsa (transtornada) oferece uma recompensa pelas jóias roubadas

NOVA YORK, 20 — (R.) — A actriz Zsa Zsa abor, que se encontra mpletamente transtor- da com o roubo de e foi vítima, ofereceu a recompensa de 000 dólares a quem devolver as jóias que e roubaram ontem, de adrugada, quando re- essava ao hotel.

A actriz afirma que os is anéis e os brincos diamantes que lhe ubaram valiam 625 000 lares e não estavam no uro.

Quebrando uma tradi- dos actores teatrais e nunca faltam mesmo ando lhes morrem essoas de família.

discutida Zsa Zsa ou ontem ao es- táculo da tarde, da a «Forty Carats» que á a representar na oadway. Como única sculpa mandou dizer e estava muito inco- dada.

Entretanto, não estava comodada para dar a conferência de Im- ensa nos seu aposen- e no Hotel Waldorf, parecendo aos jornalis- s com um vestido es- ectacular, enfeitado com nas de avestruz e mui- jóias.

Apesar de muito as- tada com os dois ho- mens armados que no elevador do hotel a roubaram, a actriz teve, no entanto, tempo para reparar nos fatos, nos sapatos e nas gravatas dos assaltantes, que descreveu em pormenor aos jornalistas.

Embora o hotel pertença a Conrad Hilton, um dos seus cinco antigos maridos, Zsa Zsa criticou a falta de segurança existente, que permitiu um assalto «tal como nos filmes de gangsters».

Segundo ela, a Polícia de Nova York devia fornecer guarda-costas ás estrelas que são constantemente vítimas de incidentes.

«A minha vida já foi ameaçada por um maluco qualquer que queria á viva força casar comigo. Contei isso a Mary Lindsay (a mulher do «mayor» de Nova York), mas continuo a não ser protegida pela Polícia».

Em Chicago, tratam as estrelas com muito mais consideração, declarou, salientando que poderá nunca mais pôr os pés em Nova York.

A noite porém, mais calma, a explosiva loira, que parece nunca envelhecer, encontrava-se novamente a trabalhar no teatro.

MISSÃO RUSSA EM ESPANHA

VIGO (Espanha), 20 — (A. N. I.) — Uma missão comercial soviética, constituída por técnicos e directores de várias empresas, chegou a Vigo

A viagem desta missão comercial tem por objectivo estabelecer contactos comerciais com determinados estaleiros locais, para serem construídos barcos destinados á União Soviética.

Experiências soviéticas de destruição de satélites

WASHINGTON, 20 — (A N. I.) — A U.R.S.S. tem estado em experiências com o seu míssil gigante SS-9, como arma para destruir satélites inimigos em órbita — declara o dr. Charles S. Sheldon, chefe da Divisão de Pesquisas da Ciência Política, da Biblioteca do Congresso, considerado o maior conhecedor dos programas espaciais russos.

Sheldon acrescenta que se soube dessas experiências no Outono de 1968 e que houve depois novas provas.

ESCLARECIMENTOS ACERCA DO PROJECTO NO ZAMBEZE

SALISBURY, 20 — (F. P.) — Respondendo ás críticas aparecidas na Imprensa estrangeira ao projecto de criação de um complexo hidro-eléctrico no vale do Zambeze, que considera provir de meios opostos á política externa de Portugal, o cônsul-geral de Portugal em Salisbury publicou na quarta-feira á tarde um relatório do gabinete encarregado do estudo do referido projecto.

Uma das críticas feitas refere-se á instalação de uma população branca de um milhão de pesosas no vale do Zambeze e á expansão para o norte d política sul-africana do «apartheid». Ora, o relatório responde dizendo que a única finalidade desta crítica «é criar dificuldades á política ultramarina de Portugal quando este se preocupa acima de tudo com a valorização das terras em proveito de todos, sem discriminação baseada na cor da pele».

O relatório afirma que o projecto trará «extraordinárias vantagens socio-económicas para todos, incluindo os territórios vizinhos» e que não está previsto promover o povoamento branco maciço da região. Muito pelo contrário, o desenvolvimento exigiria, certamente a colaboração de todas as raças».

Entre as prioridades que são passadas em revista no projecto de remodelação do vale do Zambeze, o relatório insiste no desenvolvimento da educação, na assistência técnica á agricultura e na criação de gado e promoção dos africanos.

O relatório conclui esclarecendo que a zona de povoamento criada pela remodelação do vale do Zambeze disporá de escolas, de hospitais, de centros sociais e de escolas de agricultura. O lago que será criado pela barragem permitirá a existência de pescarias e facilitará os transportes ao longo de 330 km. Beneficiarão com o empreendimento á volta de milhão e meio de pessoas.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CASA AGUIAR
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
Por motivo de obras e renovação de stoks, vendemos a preços verdadeiramente excepcionais os seguintes artigos:
Lanifícios para homem e senhora
Sedas, algodões, malhas, etc.
Pronto a vestir para homem e senhora
VEJA AS NOSSAS MONTRAS
CASA AGUIAR
RUA DO CARMO, 17 - 19

FÉRIAS NO ALGARVE
PRAIA VERDE
Junto a Monte Gordo e Fronteira de Espanha
Bungalows — Restaurante — Bolte — integrados num lindo pinhal frente à praia
Diárias económicas. Reserva: R. Jardim do Regedor, 29-2.º Telef. 30229 — LISBOA

VERAU 1970
ATÉ 22 DE SETEMBRO DE 1970
ADQUIRINDO NA SUA LIVRARIA HABITUAL
OU DIRECTAMENTE NA EDITORIAL INOVA
APARTADO 466 / PORTO
POR 20$50 OU 100$00 MENSAIS
OS LIVROS QUE VÃO TORNAR DIFERENTES
as suas férias
RECEBERÁ
GRATUITAMENTE
UMA DAS MAIS BELAS NOVELAS DE STENDHAL
E UMA REPRODUÇÃO DE ARTE
PRÓPRIA PARA EMOLDURAR

- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Organ. Geral e Metod. Empresa/80$00
- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Organ. Contabilist. Financeiro/80$00
- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Organização da Produção/80$00
- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Organização Fabril/80$00
- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Crédito às Empresas e os Bancos/80$00
- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/As Técnicas Matemát. na Empresa/80$00
- ☐ Enciclopédia Empresa Moderna/Abastecim., Manut., Transportes/90$00
- ☐ Biblioteca Universitária Inova / O Humanismo no Renascimento / 70$00
- ☐ Biblioteca Universitária Inova / Economia Países Subdesenvolvidos/70$00
- ☐ Biblioteca Universitária Inova / A Educação no Mundo Moderno / 70$00
- ☐ Biblioteca Universitária Inova / A Biologia do Trabalho / 70$00
- ☐ Biblioteca Universitária Inova / Psicologia da Visão / 70$00
- ☐ Biblioteca Universitária Inova / O Amanhecer da Tolerância / 70$00
- ☐ O Espião Que Veio de Israel / Ben Dan / 40$00
- ☐ Bonnie & Clyde / Miriam Allen deFord / ilustrado / 50$00
- ☐ Ases de Israel / Ben Dan / ilustrado / 50$00
- ☐ Os Médicos Malditos / Christian Bernadac / 50$00
- ☐ Os Médicos do Impossível / Christian Bernadac / 68$00
- ☐ Regresso à Suástica? / Lord Russel of Liverpool / ilustrado / 65$00
- ☐ A Palma da Mão (Sumário dos Dias Inquietos) / Urbano Tavares Rodrigues / 60$00
- ☐ Os Feiticeiros do Céu / Christian Bernadac / 70$00
- ☐ Comandos Palestinianos contra Israel/Jacques Monsoür Verges/ilus /45$00
- ☐ Exército de Sombras / Joseph Kessel / 55$00
- ☐ Daqui Houve Nome Portugal/Antologia sobre o Porto/2.ª edic./135$00
- ☐ F. G. Lorca/Trinta e Seis Poemas e Uma Afetuosa Erótica/2.ª edic./65$00
- ☐ Rainer Maria Rilke / Elegias de Duino e Sonetos a Orfeu / 70$00
- ☐ Constantino Cavafy / 90 e mais Quatro Poemas / ilustrado / 100$00
- ☐ Dossier do Conflito Israelo-Arabe/Prefácio de Jean-Paul Sartre/140$00
- ☐ Ruy Luis Gomes / Problemas de Investigação e História / 45$00
- ☐ Magia Negra e Magia Branca (Magia e Religião) / Sokovieds / 45$00
- ☐ Eugénio de Andrade / Os Afluentes do Silêncio / ilustrado / 55$00
- ☐ Óscar Lopes/Ler e depois — Crítica e Interp. Literária-I/3.ª edic./80$00
- ☐ António José Saraiva / Inquisição e Cristãos-Novos / 4.ª edição / 60$00
- ☐ Fernando Guimarães/A Presença e o Aparecimento Neo Realismo/70$00
- ☐ Armando Castro / Ensaios sobre Cultura e História / 70$00
- ☐ Óscar Lopes / Modo de Ler — Crítica e Interpretação Literária-II / 80$00
- ☐ Nail Miller / O Elemento Pastoril no Teatro de Gil Vicente / 70$00
- ☐ Antologia do Pensamento Político Português-I / Liberalismo, Socialismo, Republicanismo / Organizado por José Serrão / 180$00
- ☐ Georg Rudolf Lind / Teoria Poética de Fernando Pessoa / 90$00
- ☐ Maria de Lima/Um Dia São Dias/Prémio Almeida Garrett 1968/50$00
- ☐ Manuel Silva Ramos/Os Três Seios de Novélia/Pr. Al. Garrett 1968/40$00
- ☐ Michael Farrell / Para além das Lágrimas / A luta clandestina de Irlanda pela independência / 120$00
- ☐ Papiniano Carlos / Terra com Sede / 2.ª edição / 55$00
- ☐ Irving Wallace/Relatório Chapman (Vida Intima de 4 Mulheres)/110$00
- ☐ A Vida do Cardíaco / Doutor M. Audier / 50$00
- ☐ A Psicanálise. Será Nociva? / Doutor Max Beucher / 60$00
- ☐ O Homem, a Mulher e a Idade Crítica / Doutora Paule Fougere / 60$00
- ☐ O Livro Vermelho dos Cábulas / Jean-Charles / 40$00
- ☐ Féder ou o Marido com Dinheiro / Stendhal / 25$00
- ☐ Vergílio Ferreira / Aparição / com 12 ilustrações de Julio Resende 1.º Prémio da X Bienal Internacional de São Paulo 1969 / 450$00
- ☐ Sá Coimbra / Eva / 40$00
- ☐ Engénio de Andrade/Eros de Passagem/Desenhos de J. Rodrigues/120$00
- ☐ Almanaque Infantil / Fernando Pires de Lima / ilustrado / 70$00
- ☐ H. Silva Letra / A Palavra Fascinante / 45$00
- ☐ Presença de Abel Salazar / ilustrado / 40$00
- ☐ Mário Sacramento / Eça de Queirós, Uma Estética da Ironia / 40$00
- ☐ CARTAS PORTUGUESAS ATRIBUIDAS A MARIANA ALCOFORADO Tradução de Eugénio de Andrade / 6 Desenhos de José Rodrigues / Tiragem autografada por Eugénio de Andrade, numerada de 1 a 500, encadernada e em caixa própria / 350$00
- ☐ Idem / Tiragem vulgar / 135$00
- ☐ Nietzsche / Vida e Obra / por Daniel Halévy / ilustrado / 120$00
- ☐ Gorki / Tomás Gordeiev / Tiragem especial / encadernado / 130$00
- ☐ Idem / tiragem vulgar / 70$00
- ☐ Stendhal / O Rosa e o Verde / tiragem especial, encadernada / 130$00
- ☐ Idem / tiragem vulgar / 80$00
- ☐ A Nossa Vida Sexual / Doutor Fritz Kahn / ilustrado / 120$00
- ☐ Selecção Culinária / Margarida Noémia / Mais de 1000 receitas / 300$00
- ☐ Provas Democráticas / José Silva / 40$00
- ☐ Revolta de Ontem nas Palavras de hoje / Textos de Óscar Lopes Virgínia Moura e outros / 25$00
- ☐ Heterodoxia-II / Eduardo Lourenço / 50$00
- ☐ Nunca mais Amanhece (Poemas) / Lucinda Araújo / 25$00
- ☐ Constantino de Bragança / Aquilino Ribeiro / 1.ª edição / 150$00
- ☐ Ensaios de Domingo - I / Mário Sacramento / 55$00

Reprodução de Arte-Brinde, a escolher:
☐ Abel Salazar ☐ Alvarez ☐ Antonio Cruz ☐ Armando Alves ☐ Augusto Gomes ☐ Dárdio Gomes ☐ Eduardo Viana ☐ Jose Rodrigues ☐ Julio Resende ☐ Pousão

Desejo receber os livros e a Reprodução de Arte/Brinde assinalados nos quadrados correspondentes e o Livro/Brinde, de Stendhal (1)
☐ Através da minha livraria habitual (4)
☐ Contra reembolso (sem mais encargos)
☐ Crédito Inova, a pagar .....(2) por mês
Nome .....
Endereço .....
.....
Profissão (3) .....
Local de trabalho (3) .....
(nome da firma e endereço)
.....
(1) Este Livro/Brinde de Stendhal e a Reprodução de Arte destinam-se exclusivamente às aquisições superiores a 200$00
(2) Indicar a prestação mensal que deseja pagar (20, 50 ou 100$00), conforme o valor dos livros não ultrapasse 200, 500 ou 1 000$00). Os portes e despesas de cobrança são de conta do cliente.
(3) Estas indicações são necessárias somente para o sistema de Crédito Inova.
(4) Neste caso, este cupão deve ser entregue na Livraria onde adquirir os livros em que estiver interessado, a qual remeterá-mos no prazo de 8 dias, o respectivo Livro/Brinde e a Reprodução de Arte escolhida.
(PARA O ULTRAMAR, OS ENVIOS SÃO EFECTUADOS EXCLUSIVAMENTE CONTRA REEMBOLSO, ACRESCIDOS DOS RESPECTIVOS PORTES E DESPESAS DE COBRANÇA, EXCEPTO SE NOS FOR REMETIDA A RESPECTIVA QUANTIA.)

RECORTAR ESTE ANUNCIO COMPLETO, PREENCHER DE FORMA LEGIVEL ASSINALAR OS QUADRADOS CORRESPONDENTES AOS LIVROS, A REPRODUÇÃO BRINDE E A MODALIDADE DE PAGAMENTO ESCOLHIDOS E REMETER A
EDITORIAL INOVA LIMITADA ☐ APARTADO 466 / PORTO

J. PIMENTA, S. A. R. L.

uma casa para qualquer caso

Férias diferentes!

Comprando ou alugando um Apartamento Mobilado

Este ano, por um preço módico, pode utilizar todo o conforto dos novos Apartamentos, completamente equipados com louças, roupas, etc.

- Magnífica vista para o mar
- Localização: junto à praia

Aspecto de um dos nossos famosos Apartamentos Mobilados

A ORGANIZAÇÃO DO GÉNERO, MAIS EXPERIENTE
14 ANOS DE ACTIVIDADE PRESTIGIOSA
5000 CLIENTES SATISFEITOS

Este edifício comporta 200 inquilinos distribuídos por 18 pisos e foi construído em dez meses por J. PIMENTA, SARL

Seja o dono de um andar ou apartamento mobilado em: Lisboa, Amadora, Paço de Arcos ou Cascais

Apartamentos Mobilados desde

150 contos

Informações e Apartamentos em exposição:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 / 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 Telef. 95 20 21 / 22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 243 35 11

CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75

Conjunto Turístico da Pampilheira Telef. 28 39 88

MÃO-DE-OBRA FEMININ

(Continuação da pág. central)

balho mais compensadores. A mulher quando emigrava fazia-o como membro de uma família que se reunia ao seu chefe.

Passou a emigrar também, para a Alemanha e França, porventura para outros países, como trabalhadora.

O panorama da mulher em relação ao trabalho é, em 1970, necessàriamente diferente ao que se verificava em 1960. Não temos dados concretos para referir a possível evolução As últimas publicações do I. N. E. continuam a referir os números de há dez anos atrás

A única pista de que algo mudou no capítulo do trabalho feminino é a dos anúncios dos jornais. Na década passada seria inconcebível falar-se em crise de mão-de-obra feminina, quando éramos ainda dos raros países que dispunham de oferta abundante de mão-de-obra, e por isso a baixo custo

Nas fábricas que visitámos — de conservas, cartonagem e plásticos — vimos confirmada a hipótese de falta de mão-de-obra feminina A carência de pessoal doméstico é notória e não só nos anuncios dos jornais, mas no dia a dia de todos nós. As conversas das donas de casa versavam antigamente as faltas (defeitos) das criadas; agora repetem o lamento de que não há, não prestam e pedem muito dinheiro.

Se confirmámos a na pequena indústria, a verificámos no sector serviços. Contactámos Manpower, intermedi no fornecimento de pes para trabalho tempor que em Fevereiro publi também anúncios a p dactilógrafas, 3.os escrit rios/as, mecanógrafos/a telefonistas

Disse-nos o sr. Mar Pena Costa, director-g da Manpower:

Estamos cingidos d são administrativa pregados de escritório este aspecto é mais quado ao elemento fem no

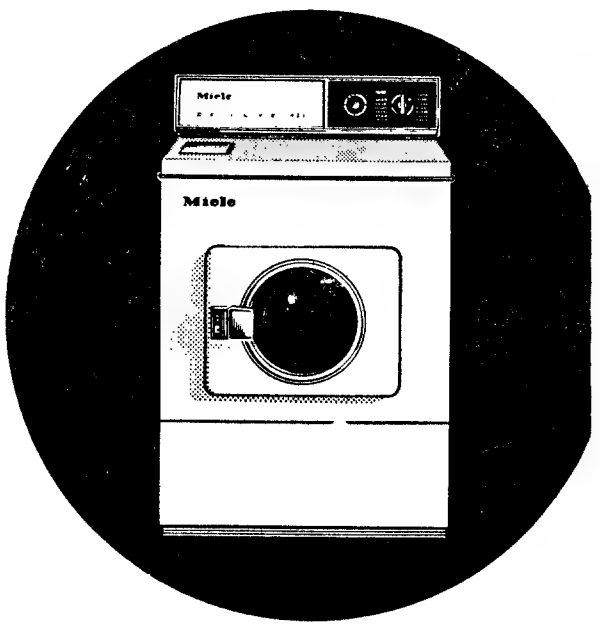
Acrescentou depois em Lisboa se encontra camada flutuante apro tável, mas que no Port escassez de pessoal ha tado E acrescentou:

— Há falta de pessoal todos os sectores. Há apelo cada vez maior, em questão de remun ções. Aquelas mulheres não trabalhavam come a procurar empregos. C certeza que há tanto soal masculino fora do que terá de se ir proc pesosal no sector femin A parte económica tam leva a mulher a proc emprego.

No que respeita ao nú ro de inscrições afirm -nos que a média era 80 por cento de mulhe e 20 por cento de hom

Fatla-nos indagar o se passa na grande em sa. A fábrica de grande pansão também regis crise de mão-de-obra fe nina?

nunca lavar foi tão fácil!



Miele

MÁQUINA DE LAVAR ROUPA 42 AUTOMÁTICA

Um só movimento basta para seleccionar o program de lavagem desejado. O resto será feito pelo cérebr electrónico da MIELE 421. V. Exa. não tem que se pre cupar com coisa alguma.

AGENTE OFICIAL:

OLIVEIRA

Electrodomésticos

Av. Almirante Reis, 91-A

O governador civil de Lisboa vai visitar o concelho de Mafra

O sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil do Distrito de Lisboa, desloca-se amanhã ao concelho de Mafra, visitando, de manhã, na praia de S. Julião (Ericeira) a Colónia Balnear Infantil, uma das obras assistenciais da União das Freguesias do Concelho de Lisboa, que, tal como «Alvor», internato de crianças pobres em Rio de Mouro, e o «Pousal», hospital de doentes de cura demorada, sito em Alcainça, é mantida pelo Govêrno Civil de Lisboa.

Da parte da tarde, o sr. dr. Afonso Marchueta deslocar-se-á ás freguesias de Carvoeira, onde inaugurará alguns melhoramentos, designadamente o edifício da sede da Junta de Freguesia, e da Malveira, onde visitará as obras do novo quartel dos Bombeiros Voluntários.

Nas freguesias citadas, o governador civil presidirá ainda a reuniões de trabalho, nas quais participarão o presidente do Município de Mafra, autoridades concelhias e dirigentes locais.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

VENDA DE UMA CAMIONETA E DE UM FRIGORÍFICO

Em 31 de Agosto de 1970, ás 11 horas, proceder-se-á á venda acima indicada, em hasta pública.

As condições encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, onde podem ser requisitadas.

Lisboa, 18 de Agosto de 1970.

O ADMINISTRADOR

MAIORES DE 17 ANOS AMBIENTE SELECCIONADO

MÁRIO SIMÕES

E O SEU CONJUNTO

na «BOÎTE»

HIPOPÓTAMO

SERVIÇO DE CEIAS

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR N.º 3

ABERTO DAS 22 ÀS 5 H. (Encerrado aos domingos)

Expresso-Popular a Viana do Castelo

Festas da Senhora da Agonia em 23 de Agosto de 1970

Comunica-nos a C. P. que realiza no dia 23 de Agosto um Expresso-Popular de Lisboa a Viana do Castelo, e volta, ao preço de 150$00 por passageiro.

O referido Expresso-Popular partirá de Lisboa (Santa Apolónia) às 5.20 horas, com chegada a Viana do Castelo às 11.31 horas.

No regresso partirá de Viana do Castelo às 1.40 horas do dia seguinte, com chegada a Lisboa (Santa Apolónia) às 8.11 horas.

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rossio), na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal.

VAUXHALL VX 4/90

A beleza de linhas do VX 4/90 é um dos seus maiores trunfos

IMPRESSÕES de CONDUÇÃO

A primeira vez que contactámos o «VX 4/90» quando da sua apresentação em Portugal) não nos xou boa impressão. As anunciadas «performances» carro, o seu «toque desportivo» não sobressairam. tivo: a unidade experimentada estava desafinada, dos carburadores funcionava mal e o carro não dava». Por outro lado, os «primeiros passos» dados re estrada arenosa e irregular faziam sobressair eitos de suspensão que o curto espaço de que dis- hamos não permitia avaliar convenientemente.

Todavia, algumas semanas mais tarde, tivemos rtunidade de conduzir, durante mais de 1000 km, «desportivo» da Vauxhall e a nossa opinião inicial dificou-se consideràvelmente. A viatura de que en- dispusemos estava já «au point» e as estradas que corremos incluiam variados tipos, o que permitia carro exprimir com maior clareza as suas quali- es e possíveis defeitos.

O «Vauxhall VX 4/90», surgido há semanas em tugal, é uma versão desportiva do «Victor 2 L», ra designado «2000 SL», com um motor mais po- te, caixa de velocidades com «over-drive» e adap- es interiores e «toques» de carroçaria correspon- tes a uma viatura do género. A primeira aparição carro foi feita, no ano passado, no Salão de Paris.

Os interiores são cuidados (mais ainda nos carros de montagem nacional, que não o que conduzimos) e bem fornecidos de istrumentos e acessórios. O «tablier» comporta um velocímetro e um conta-rotações (de considerável importância num carro destes), manómetro de óleo, amperímetro, termómetro de água, indicador do nível de gasolina, além de várias luzes avisadoras (ignição, sistemas de lubrificação, nível de gasolina, travão de mão, etc.).

O volante é de um desenho mais ou menos conhecido e a alavanca de velocidades encontra-se numa consola central onde estão colocados, ainda, os comandos do limpa pára-brisas

O «fugir de traseira» nas curvas em plena aceleração, quando bem controlado, até ajuda bastante para uma condução rápida

omóvel de família, certo prestígio com «quê» de juventude

«VX 4/90» tem, à pri- a vista, a aparência m «carro de família», rindo ao seu proprie- um certo ar de pres- Todavia, a linha lan- da sua silhueta, as s especiais, a combi- o da pintura e o de- da calandra e faróis, atamente nos aler- tam para um automóvel que é o que atrás dissemos, mas, também, mais do que isso: um carro «com juventude», com um certo ar desportivo, com uma certa «raça».

Gostar ou não gostar da carroçaria de um automóvel é muito pessoal. Contudo, a nossa opinião é, talvez, partilhada com um bom número de pessoas: o «VX 4/90» é bonito, elegante e harmonioso, a despeito do seu tamanho.

para absorver choques em caso de colisão.

Os bancos são em «imitação de couro», bastante envolventes para quatro pessoas. No banco traseiro, o «5.º lugar» (ao meio) torna-se, porém, incómodo em viagens longas, já que as costas se vão assentar sobre o apoio do braço recolhido

Como nota alta das condições interiores, refira-se a excelente posição de condução (ainda que um tanto deitada), especialmente para quem aprecie guiar «desportivamente». A alavanca de velocidades está, contudo, um pouco afastada nas posições de 1.ª e 3.ª, sem causar grandes problemas, porém.

De grande utilidade é, também, o dispositivo desembaciador do óculo traseiro. O vidro, «aquecido» electricamente, fica completamente limpo em cerca de dois minutos. Desnecessário se torna referir a vantagem de tal «extra» (fornecido como «standard») num país como o nosso em que o Inverno e o mau tempo obriga as janelas a andarem muito tempo fechadas.

No chão, uns tapetes «de ocasião» andam soltos dentro do carro, constantemente «fora do sítio» e dificultando, até, o trabalho no acelerador.

Melhor sugestão: tirá-los!

Um motor «vivo» e com força...

O «VX 4/90» está equipado com o motor de 1975 cc (95,25 × 69,24 cc) do «Victor» onde dois carburadores horizontais «Zenith 175 CD-2S» ajudam a conseguir 106 cv DIN (mais 14 que naquele modelo) a 5600 r. p. m. para uma mesma taxa de compressão (8,5/1).

O binário máximo, de 16,1 kgm (DIN), sai às 3400 r. p. m. O motor é inclinado a 45°, com válvulas e árvore de cames à cabeça e cambota de cinco apoios A refrigeração é feita por circulação de água.

Desde já se diga que este motor fornece a potência necessária para o «VX 4/90» se considerar um «automóvel vivo». O quadro que junto publicamos dá bem uma ideia das suas possibilidades, embora nele só consideremos viaturais, de certo modo, especiais. Em todas as circunstâncias jamais sentimos falta de potência, ao ponto de o carro «morrer», quando em situações em que isso é comum. O valor indicado de fábrica para ir de 0 a 100 km são os 12,7 s (de catálogo), embora só tenhamos conseguido 13,1 s

A velocidade de ponta são os 165 km/h. Na auto-estrada Lisboa-Vila Franca não fomos, contudo, além de uns 153 (ao cronómetro)

Nos percursos que fizemos, utilizamos o carro em regimes que são, regra geral, acima do comum. Assim é natural que o consumo normal aparecesse mais elevado. Todavia podemos afirmar que aquele valor no «VX 4/90» se situa na casa dos 10,5 a 12,5 l/100 km. De Lisboa a Coimbra, por exemplo, pela EN 1, não passando dos 140 km/h. (no velocímetro) gastamos 11 l/100 km, o que não se revela nada excessivo.

A caixa é de 4 velocidades com «over-drive» na 3.ª e 4.ª. Bem escalonada e com um sector de agradável utilização, torna-se um outro «ponto grande» do carro. A «over-drive» é particularmente interessante nas ultrapassagens

(Continua na página seguinte)

Em «Impressões de Condução» procuraremos dar aos leitores, semanalmente, indicações (sem grandes e «complicados» pormenores técnicos) que o possam orientar sobre a compra do mais divulgado dos meios de locomoção actuais: o automóvel.

O VX 4/90 NA SUA CLASSE

Modelo	*Cilindrada (c. c.)*	*Potência máxima (cv-DIN)*	*Binário máximo (kgm-DIN)*	*Velocidade máxima (km/h.)*	*Aceleração (0 a 100 km/h.)*	*Preço (base+taxa)*	*Peso (kg)*
MW 2002 TI	1990	120	17	185	9,4 s.	160 868$00	940
MW 2000 CS	1990	120	17	185	11 s.	305 500$00	1180
itroen D Super	1985	91	14,4	167	14,1 s.	145 450$00	1260
ord 17 M R 8 (21)	1998	90	15,8	160	14,2 s.	Sem preço homologado	± 1050
ancia Flavia 2000 LX	1991	131	18,3	175	13,4 s.	196 950$00	1240
Rover 2000 TC	1978	110	17,2	180	11,4 s.	171 100$50	1295
riumph Vitesse 1 MK II	1998	105	16,1	166	11,6 s.	107 577$90	978
auxhall X4/90	1975	106	16,1	165	12,7 s.	108 928$00	1086

PLANO DE LUBRIFICAÇÃO

Gulf

MOTOR: GULFPRIDE SINGLE G 10W/30
Capacidade — 3,4 a 3,7 litros
CAIXA DE VELOCIDADE: GULF TRANSMISSION OIL 90
Capacidade — 1,2; 1,4 litros
DIFERENCIAL: GULF HYPOIDE APT 90
PONTOS DE LUBRIFICAÇÃO A MASSA: GULFLEX A
PONTOS DE LUBRIFICAÇÃO A ÓLEO: GULF SERVICE 64
CIRCUITO DE TRAVAGEM: GULF SUPER HEAVY DUTY BRAKE FLUID SAE 70 R3
AMORTECEDORES: GULF PARAMOUNT 37
LUBRIFICAÇÃO DOS TOPOS DOS CILINDROS E VÁLVULAS: Aditivo VALVETOP

Diário do Porto

Salvo pelo amigo de morrer afogado

Por motivos ainda não apurados, o pintor da construção civil, sr. Fernando Conde Ribeiro, de 26 anos, solteiro, morador na Rua de Tournais, 180, em Matosinhos, que está a cumprir o serviço militar, atirou-se, na madrugada de hoje, ao mar, na praia de banhos daquela vila.

Valeu-lhe um amigo e companheiro, o sr. Manuel Adrmindo Teixeira da Silva, de 21 anos, também soldado, do Regimento de Infantaria 6, o qual, alertado da namorada do Fernando, correu em seu auxílio, retirando-o da água. Sem perda de tempo, o jovem salvador (que também é bombeiro voluntário) aplicou-lhe a respiração artificial, após o que chamou os Bombeiros Voluntários de Leixões que conduziram o Fernando Ribeiro ao hospital de Matosinhos, onde os médicos o reanimaram, depois do que seguiu para casa.

ROTARY CLUBE DE LISBOA-NORTE

Sob a presidência do eng. Silva Ferreira, o Rotary Clube Lisboa-Norte efectuou mais uma reunião, tendo o sr. João Belard feito uma palestra subordinada ao tema «Produtos de beleza na economia portuguesa».

Assistiram à reunião companheiros dos Rotarys Clubes de Luanda, Itália, Brasil e Estados Unidos da América.

Director do Ateneu Comercial de Lisboa

A seu pedido, abandona as funções de director do Ateneu Comercial e Lisboa, cargo que exerceu ao longo de 14 anos, o sr. dr. Jorge Ferreira Matias.

APARECEU O CORPO DO VIGIA DO IATE «SIRNIS»

Apareceu, na doca de Pedrouços, o corpo do vigia do iate «Sirnis», há dias afundado pela unidade da Brigada Naval «Santa Maria do Mar».

Depois de identificado o cadáver (Carlos Alves), foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Militares falecidos em Angola

LUANDA, 20 — (A. N. I) — Devido a desastres morreram em Angola o primeiro-cabo n.º 153547/69, Avelino da Costa, natural de Fiais, Chaves, filho de Arnaldo Costa e de Carolina Emília de Jesus, e o soldado n.º 666683/66, José Chicuma, do recrutamento provincial.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Notícias diversas

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Avintes começou hoje a celebrar o seu 39.º aniversário.

De manhã, na parada do quartel, houve formatura geral do corpo activo e foi hasteada a bandeira da Associação. As comemorações prosseguem no domingo.

— Hoje, ás 22 horas, haverá, no «Teatro ao Ar Livre», na Feira do Porto, mais uma «Noite à Portuguesa», na qual actuarão os artistas Delfina, João Correia, Lenita Silva, Joaquim Ribeiro e o Conjunto «Ala Arriba!».

O Concurso de Arte Dramática

Amanhã, às 21.30, no «Teatro de Bolso», do Grupo dos Modestos, o seu corpo cénico levará à cena a peça «O Cravo Espanhol», de Romeu Correia com a qual concorre ao Concurso de Arte Dramática Organizado pela S.E.I.T.

Também, como prova aquele concurso, a Associação Recreativa Valboense «1.º de Dezembro», representa no dia 26, ás 21 e 30, no Cine-Teatro local, a peça «Mar», de Miguel Torga.

FOI IDENTIFICADO UM DOS DESAPARECIDOS NO NAUFRÁGIO DO ARRASTÃO

POVOA DE VARZIM, 20 — Só esta manhã foi possível esclarecer, com exactidão, a verdadeira identidade de um dos tripulantes do arrastão «Capitão José Vilarinho», que ontem, como o «Diário de Lisboa» se referiu, se afundou nos bancos da Terra Nova, depois de abalroar, devido ao nevoeiro, com o navio «Newfoundland Falcon».

Trata-se de um dos que foram dados por desaparecidos. E como o comunicado transmitido directamente de São João da Terra Nova incluia no número daqueles o nome de José Pereira Marques, de Vila do Conde, surgiram dúvidas, pois ali não havia dois pescadores com o mesmo nome e ambos embarcados no «Capitão José Vilarinho». Assim, foi necessário proceder a diligências para esclarecimento das dúvidas.

Através do respectivo grémio, a Casa dos Pescadores desta vila confirmou, com exactidão, a identidade do desaparecido. Na verdade, nenhum daqueles figura na lista dos que desapareceram, mas sim um outro também daqui, de nome Manuel Agonia Pereira Marques.

Assim esclarecido um dos aspectos do drama, o luto e a dor entraram em outro lar: no do infeliz pescador Manuel da Agonia.

E nesta terra de laboriosa gente do mar, em constante risco, vivem-se momentos dolorosos de luto e de angustiantes dúvidas, pois sobre os restantes desaparecidos ainda não há qualquer notícia.

PLANEAMENT DO MINISTÉRI DA SAÚDE

Por decreto hoje publica no «Diário do Governo» criado no Ministério da Sa de e Assistência o Gabin de Planeamento, que se d tina a assegurar e coorde a actuação do Ministério preparação e execução planos de fomento e a e belecer as convenientes gações com os órgãos c trais e interministeriais planeamento.

O referido diploma dá cu primento, no que respeita Ministério da Saúde e As tência, ás disposições do creto-Lei n.º 49 194, de 1 Agosto de 1969, que deter nou a criação de gabinete planeamento nos depa mentos governamentais responsabilidades na pre ração e execução dos pla de fomento.

Este Gabinete de Plan mento terá ainda a resp sabilidade de as segura funcionamento da Comis Consultiva de Estatística, da a estreita ligação convém esabelecer entre colheita e a publicação dados estatísticos especif e as tarefas de planeame

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	506$
Consolidado 3%	—	—	516$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	570$	—
Externo 2.ª Série c.	700$	700$	—
Externo 3.ª Série	—	750$	—
Externo 3.ª Série c.	750$	750$	810$
Cautelas 3.ª Série	—	130$	160$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	470$	—
A P T 5% 56	—	—	860$
A P T 5% 58	—	850$	860$
C P 4 1/2% 65	880$	880$	890$
C P 5 1/2% 67	900$	890$	900$
C U F 6%	—	890$	900$
C U F 6% 68	—	890$	—
Gás Elect 4% 48	—	795$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	850$
Gás Elect 5% 52	—	870$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	845$
Gás Elect 5% 59	—	—	840$
Gás Elect 5% 62	—	935$	—
Gás Elect 5% 63	—	935$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	940$	—	—
H E A Alentejo 5%	750$	—	—
H Cávado 5%	—	750$	—
H E Cávado 6%	—	900$	—
H E Douro 5%	760$	—	760$
H E Douro 6%	900$	895$	900$
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	—	930$	940$
Lisnave 6%	—	795$	—
H E Zêzere 5% 55	—	795$	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	950$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	—	785$
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	770$	—	770$
Petroquímica 5%	—	840$	850$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	920$	916$	—
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonete 5%	—	820$	830$
T A P 4%	—	—	900$
Termoelect Port 5%	—	710$	—
U E P 3 3/4%	—	845$	—
U E P 4%	—	855$	905$
U E P 1/2%	—	905$	—
U E P 5%	—	785$	805$
U E P 5% 60	—	—	770$
U E P 5% 63	—	810$	830$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Buz	—	84$	87$
Cabinda	—	210$	215$
Diamantes Angola	2.400$	2.390$	2.410$
H E Revué	—	—	—
Ilh do Príncipe	—	—	—
Moçambique	190$	190$	190$5
Sonefe n.	421$	420$	—
Sonefe p.	433$	432$	434$
Zambézia	82$	81$	83$
Diversos			
Cidla	—	—	6.750$
Cim Leiria	—	4.300$	5.460$
Cim Tejo	—	6.500$	—
Col Navegação	—	1.440$	1.450$
C U F	—	—	—
Ind Aliança	—	—	850$
Nac Navegação	3.700$	3.680$	3.800$
Petroquímica	—	1.820$	1.850$
Port e Colónias	—	1.400$	1.440$
Port Celulose	—	4.030$	4.100$
Port Pesca	—	1.030$	1.080$
Port Tabacos	701$	700$	703$
Sacor	—	4.620$	4.650$
Siderurgia Nac	—	2.230$	2.260$
Sonefe	—	3.165$	3.190$
Tabacos de Portugal	1.780$	1.760$	1.780$
Tabaqueira	6.900$	6.850$	7.000$
U F Azoto	780$	780$	785$
Água Elect. e Gás			
Águas Lisboa p	400$	390$	400$
Águas Lisboa 34	—	400$	402$
Águas Lisboa 36	390$	390$	392$
C P Electricidade	1.205$	1.205$	1.206$
C P Electricidade nom	1.190$	1.189$	1.191$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	1.790$	1.780$	1800$
Gás Elect	425$	424$5	425$
H E Alto Alentejo	194$5	194$	195$
H E Norte Portugal	—	260$	270$
H E S. Estrela	—	—	—
U E P	186$5	186$	187$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	197$	202$9
F I O E S	—	122$3	126$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 866066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 471 ALBAPIP

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.290$	2.280$	—
Alentejo	1.250$	1.245$	1.260$
Angola	—	3.580$	3.620$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	8.950$	9.500$
E Santo	—	20.500$	—
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
Fomento	—	2.400$	2.425$
L G Açores p.	—	6.720$	—
L G Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	5.525$	5.520$	5.530$
Portugal n.	—	—	—
Portugal p.	3.800$	3.800$	3.850$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n.	3.500$	3.470$	3.500$
Ultramarino p.	—	3.850$	—
Seguros			
Alentejo	144$	144$	145$
Douro	—	1.700$	—
Mundial	915$	913$	915$
Sagres	—	1.750$	2.200$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarina	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	790$	780$	795$
Ag Cassequel	655$	650$	657$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	460$
Ag S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	125$	130$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	13/8/70	19/8/70	20/8/70
GERAL	149,7	150,1	**150,0**
METROPOL.	143,2	143,3	**143,1**
ULTRAM.	197,5	200,2	**200,7**

PAISES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rands	33$50	37$00
América:		
—Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
—Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dólar	27$30	27$90
Alemanha — Marco	7$75	8$05
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Argentina — Peso	$05	$08
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,3	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	5$00	5$35
Suíça — Franco	6$60	6$82
Marrocos — Dirhan	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$95	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

VAUXHALL VX 4/9

(Continuação da pág. anterior)

(onde é necessário aquele «empurrãozinho rápido» quando de repente, surge uma viatura inesperada em sentido contrário) e na diminuição do consumo de combustível que é possível conseguir (o regime baixa de 1000 r. p. m.) quando se rola a boa velocidade. O seu acionamento (electrónico) faz-se por uma pequena patilha colocada no topo da «manette» de velocidades. A «over-drive» não actua, ainda que ligada, na 1.ª e na 2.ª e dispensa a utilização de embriagem (ainda que vários utentes pensem o contrário...) Uma preocupação: o sistema danifica-se se se engrenar a marcha-atrás, com a patilha na posição «on» á vista (ligado).

... Que a suspensão quase sempre acompanha

A suspensão foi um dos pontos que mais «criticámos» no tal primeiro contacto com o «VX4/90». O carro pareceu-nos «saltar» muito quando qualquer saliência de piso surgia.

Ora utilizando-o por um espaço de tempo muito maior, verificámos que esse defeito se mantinha, muito embora em estradas normais a suspensão já se tornasse perfeitamente aceitável, correspondendo até ao «espírito» do modelo. Esse «saltitar» verifica-se, principalmente, nas rodas da frente, com especial incidência quando se acelera a fundo.

O efeito de «adornagem» (que tanto se nota no 2000 SL) é pouco pronunciado no «VX4/90» (as molas são mais «duras»).

O sistema compõe-se de braços triangulares, barra de tracção, molas coidais e amortecedo telescópicos á frente eixo rígido com 4 br longitudinais, barra nhard, molas helicoida es.abilizador transver atrás

Os travões são «Girling», e, embora mo quando quentes tenham falhado ou ac do «fadiga», deixam «certo cheirinho» que derá não significar vida considerávelme longa.

A direcção mos.rou-nos sempre precisa reacções imprevisíveis 2000 SL isso é comum que desde ao fim de p cos quilómetros nos mitiu uma boa dose confiança

Guiar o «VX 4/90

A maneira de conclu temos pois que o «VX4 acusa um salto bast positivo para quem o perimenta (ainda que intenção de compl «road-test»).

O carro tem «ner atinge boas velocidades cruzeiro (e até de pon é muito agradável de gu bastante estável e cóm Quando se curva depr e um tanto apertado, uma pequena tendê para «dar» de traseir que, contudo, e após bituação, até ajuda...

Apenas a suspensão apresenta com os tais tos» quando o piso é i gular.

No mesmo quadro tado, os leitores — pe te o que ele oferece — dem achar o que «VX4/90» conta com seu melhor trunfo: o gàvelmente baixo pa para a categoria e per mances deste «desport da «Vauxhall».

AVELAS COELH

O «Diário de Lisboa» vende-se no Po

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacari Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, lhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — O AMERICANO — SÃO JORGE

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 56595

Às 3 da tarde (p. red.), e 9.30 da noite

EM 70.ª SEMANA

MUSICA NO CORAÇÃO

A grande sensação deste cinema

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305

Hoje, às 15.15 (p.r.) e às 21.30

O SENSACIONAL FILME DE BRUTAL FEROCIDADE

«COLTS» PARA OS 7 MAGNIFICOS

com George Kennedy e James Whitmor

CADA BALA TINHA UM NOME...

NENHUMA FALHOU O ALVO

Panavision —— (Col. De Luxe)

Hoje, às 18.30 (Adultos)

SESSÃO CLASSICA

Tony Curtis e Monica

com Tony Curtis e Monica Vitti em

O CINTO DA CASTIDADE

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320763

Às 15.15, 18.30 e 21.45

De novo neste cinema o inimitável CANTINFLAS em

UM QUIXOTE SEM MANCHA

2.ª SEMANA

Continuação de um grande êxito!

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30

EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

O MAIS ADMIRÁVEL BRINDE DE FÉRIAS PARA AS CRIANÇAS:

9 RAPAZES E UM CÃO

com Leónia Mendes, um grupo de garotos e o cão «Farrusco»

UM FILME APAIXONANTE

RESTELO

Às 21.30 h. (M. 12 anos)

Quatro «ratos do deserto» desafiam o destino

PORTO MASSACRE

c/ Christopher George

LIDO

Às 21 e 30 (M. 6 anos)

A mais vertiginosa e cómica competição ciclista do mundo!

O ÁS DO PEDAL

numa corrida de bicicleta que é mesmo uma loucura!

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 15.30 e 21.45

Uma nova e intrigante história policial!

com ROGER MOORE (o «SANTO»)

ALTA TRAIÇÃO

MARTA HYER — ALEXIS KANNER

COR DE LUXO

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 717480

Às 15.45 e 21.45

Technicolor

Veja-se lançado num mundo de armas cósmicas, mulheres selenitas e asteróides valiosíssimos

LUA ZERO DOIS

O primeiro «Western» espacial!

c/ James Olson

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

O íntimo de quatro vidas como tantas outras

A VIDA INTIMA DE QUATRO MULHERES

c/ Jane Fonda

CONDES

(Adultos) Tel. 52252

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

3.ª SEMANA

um exepcional filme

MUNDO MULHER

um [illegible]

VOX

Às 18.30 e 21.45 (Adultos)

4.ª SEMANA TRIUNFAL

Oliver Reed, Carol White e Orson Welles

numa história sofisticada, satírica e imensamente divertida

O FALHADO

Um sugestivo [illegible] magnífico Technicolor

AR CONDICIONADO

AVIS

(Adultos) Tel. 67162

Às 21.45

Um emocionante «western»

2.ª SEMANA

PISTOLEIRO PROFISSIONAL

c/ Franco Nero e Tony Ausanio

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037

Às 21 horas

OLIVER

c/Ron Moody

SÃO JORGE

Às 21.30 (M. 17 anos)

ESTREIA

Um filme excepcional

O AMERICANO

c/ Jean Louis Trintignant e Simone Signoret

Às 18.15 (M. 17 anos)

PISTOLEIRO PROFISSIONAL

CASINO ESTORIL

Às 21.30 (M. 17 anos)

O INSPECTOR CLOSSEAU

com Alan Arkin

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45963

ÀS 21 H.

COMANDO SUICIDA

7 PISTOLAS PARA OS McGREGORS

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 h

A VIRGEM DA FLORESTA

A CORTINA RASGADA

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

Às 15.15 e 21.30

dois homens que nada tinham em comum, menos o ódio que os rodeava

NOITE DE ANGUSTIA

com Jim Brown e George Kennedy

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

DE BOA DISPOSIÇÃO

Virna Lisi, James Fox e Terry Thomas

numa comédia deliciosa sobre os «encantos» das mulheres...

ARABELLA

(Technicolor)

Uma história para gente crescida!

AR CONDICIONADO

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 770006

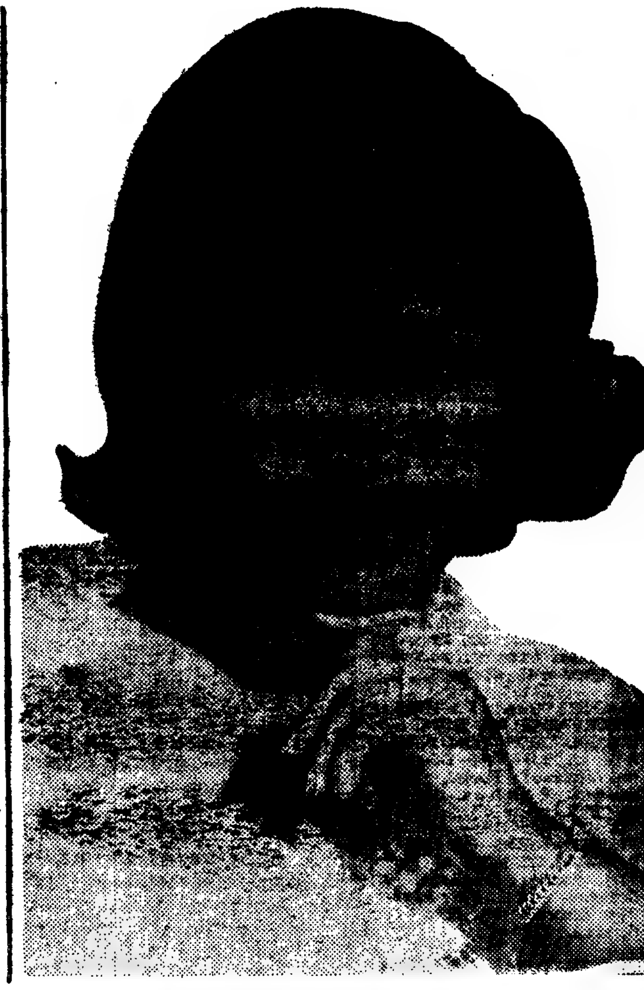
Às 15.30, 18.30 e 21.45

6.ª SEMANA!

FANTASIA MUSICAL

O SUBMARINO AMARELO

com os «BEATLES»



A extraordinária Aretha Franklin, actua agora, com os «The Dixie Flyers». E o primeiro disco da associação (gravado para o «Atlantic») inclui «Spirit in the sky» (da própria Aretha Franklin) e «The Thrill is gone» (Art Bonson-Gail Petite). Produção de Jerry Wexler, Tom Dowd e Arif Mardin

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VILLARET — Às 21 e ás 23: «O Vison Voador» (17 anos).

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 15 e ás 21: «Uma experiência amorosa» (12 anos).

OLIMPIA — Às 14 e ás 19: «O nosso agente em Viena» (12 anos).

ARCO-IRIS — Às 15 e ás 21: «O vingador atira á esquerda (12 anos).

JARDIM — Às 21: «O quarto privado (17 anos).

SALÃO LISBOA — Às 14 e ás 19: «O prazer de matar» (12 anos).

PARIS — Às 21: «Estes turistas americanos» (17 anos).

IDEAL — Às 15 e 45 e ás 21: «Sou eu a Natalina» (17 anos).

PROMOTORA — Às 21: «Bonança» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O segredo de St.ª Vitória» (17 anos).

OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «O Homem a quem chamaram cavalo» (17 anos).

PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Silvia» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «O inspector Clouseau» (12 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Dinamite» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Dr. Jivago» (17 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O Tesouro dos Aztecas» (12 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O destino marca a hora» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Zorro, o rebelde» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O Circo» e «Ataque á muralha do Atlântico» (12 anos).

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «S. 007 Espionagem em Tanger» (17 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21: «Missão na China Vermelha» (12 anos).

FARMACIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

(Ver pelos bairros as indicações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Beirrão, R. Prior do Crato, 25 (661821)

ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).

ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) ● São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e 1-B (725140)

AMOREIRAS — Britânica, Travessa Légua da Póvoa, 5 (689250).

ANJOS — Bemmaceança, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831500)

AREEIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ● Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ● Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)

ARROIOS — Varel, R. Morais Soares, 109 (40632).

AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. Republica, 74-A (771879) ● Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ● Dalva, Av. Duque d'Avila, 125 (45225) ● S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 1-9 (48642).

BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascensa, R. 27, n.º 41 (311216).

BAIXA — Teixeira Lopes, R. Aurea, 154 (324816) ● Oliveira, R. Prata, 240 (321415).

BELÉM — Moura, T. da Memória, 55 (630944).

BENFICA — UNIÃO, Est. Benfica, 592 (700092) ● Alegria, Est. Benfica, 160-A-B (780511).

CAMÕES — Barreto, R. Loreto, 30 (327284).

CAMPO DE OURIQUE — Lebel, R. Infantaria 16, 98-B (688807) ● União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643)

CAMPOLIDE — Salutar, R. 8, 75, A-B (Bairro da Liberdade) — (683694) ● Pinto, R. Campolide, 11 (682610)

CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468).

ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)

ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971) ● Paiva da Costa, R. Lapa, 105 (664414).

GRAÇA — Ziler, R. de S. Tomé, 54-56 (862835)

LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) ● Douro, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791181).

OLIVAIS — R. Alves Gouveia, 19 (311237).

Nascim. Costa, 16-A (728395 e 720709)

XABREGAS — Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 (771873)

DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11 (381136) ● Banha, Est. Chelas, 173 (33224) ● Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90-92, (847019)

SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 87 (326476)

SANTO AMARO — Biotitas, R. D. João de Castro, 27-B (638824) ● Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).

S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 199 (660518)

MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (251051)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av. Combatentes G. Guerra, 64 (Tel. 21 2070).

CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Aven. Patrão Lopes, 4 (2432039)

OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)

PAREDE — Macau, Rua J. Elias Garcia, 62-B (2471785)

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078) ● A Costa — Rua Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmelo — R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helénica — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge — S. Pedro del Negro, 5 — Reboleiro (Tel. 938703)

DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D — (Tel. 971023)

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) ● Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).

MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES — Colares — Abreu (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa 0 (Telefone 234137)

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. do Beio Rosa, 8 (Tel. 224250).

ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, (Tel. 271297)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 22148 (T. 224141)

BARREIRO — Moderna — R. D. Henriqueta Gomes de Almeida, 12 (Tel. 2273443)

COVA DA PIEDADE — Império — Rua Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA — Silva Rocha, P. da Republica, 6 (Tel. 239029).

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 22947).

SETUBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488).

SEIXAL — Saramenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Maritima, 326056 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865

TRANSPORTES — Aeroporto, 72011 ● Caminhos de ferro (C. F.), 869029 ● Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638511

BOMBEIROS — Sapadores, 32222.

AGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 36133 ● Companhias Reunidas, 53701 ● Gazcidla, 538821 ● Gazcidla idem e feriados, 382069.

SAUDE — Cruz Vermelha, 86534 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43788 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169 ● Transfusões, soro e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450

BOM APETITE

CASTANHEIRA

E. da Torre - Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 15 anos)

A COLMEIA

RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA (VIDA LONGA)

SELF-SERVICE

ENCERRADO AOS DOMINGOS

RUA DA EMENDA, 110-2.º T. 370500 (AO CAMÕES)

Solar do Minho

Rua do Vigário, 60 — Alfama (St.º Estêvão) — Tel. 866811

FADOS — FOLCLORE

Jantar COMPLETO 50$00 por pessoa

M/ 17 anos

NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA-SETÚBAL Telef. 22 82 44

LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144 Telef. 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(Maiores de 15 anos)

Premiado pelo S. N. I.

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Ind. Tel DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

A PRIMEIRA MULHER NO GOVERNO DO PAÍS

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo; o vento era fraco ou moderado do quadrante norte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 29°,4; mínima: Penhas da Saúde, 5°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 17°; Penhas Douradas, 9°; Coimbra, 18°; Portalegre, 15°; Lisboa, 19°; Faro, 21°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 10°; na água do mar: 15°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo, temporàriamente muito nublado na faixa costeira ocidental a norte do Tejo; vento geralmente fraco, soprando moderado de norte no litoral, a sul do cabo Carvoeiro.

Amanhã
Nascer ás 6 e 55
Ocaso ás 20 e 24

Dia 23 Dia 31 Dia 8 Dia 15

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 6 e 22 (4,1 m); 18 e 42 (4,3 m). **Dia 21** — 7 e 04 (4, m); 19 e 26 (4,1 m). **Dia 22** — 7 e 50 (3,8 m); 20 e 10 (3,8 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 12 (0,8 m). **Dia 21** — 0 e 30 (0,8 m); 12 e 42 (0,9 m). **Dia 22** — 1 e 14 (1,1 m); 13 e 30 (1,2 m).

REUNIÃO CIMEIRA EM MOSCOVO

(Continuação da 1.ª página)

consultas multilaterais para preparar tal reunião.

Num memorando, sugeriram, também, uma organização de segurança europeia que pudesse discutir a redução de forças armadas com base em solo estrangeiro na Europa.

Essa sugestão reflectia outra feita pela N.A.T.O., um mês antes, que renovava uma proposta feita há dois anos para reduções de efectivos militares por ambos os blocos na Europa dividida e, ao mesmo tempo, oferecendo-se para se juntar a países comunistas e não alinhados para estudar a possibilidade de uma conferência sobre segurança.

Os dirigentes dos sete países comunistas poderão muito bem julgar que é agora a altura apropriada para medidas positivas com vista a convocar essa conferência, a seguir ao êxito do diálogo entre Moscovo e Bonn.

(Continuação da 1.ª página)

governamentais. Este facto, que se reveste de evidente importância e simbolismo, dá ao dia de hoje uma notoriedade particular. Até agora, o mais alto cargo público desempenhado por uma mulher era o de director-geral da Saúde, desempenhado pela sr.ª dr.ª Maria Vanzeller. Agora haverá uma senhora a ocupar o cargo de subsecretário de Estado da Saúde e Assistência.

Com efeito, a Secretaria-Geral da Presidência da República enviou já para o «Diário do Governo» um decreto nomeando subsecretário de Estado da Saúde e Assistência a sr.ª dr.ª D. Maria Teresa de Almeida da Rosa Cárcomo Lobo.

A cerimónia da posse efectuar-se-á na próxima sexta-feira, dia 21, pelas 15 e 30, no Palácio Nacional de Belém.

QUEM É A DR.ª MARIA TERESA LOBO

A sr.ª dr.ª Maria Teresa de Almeida Rosa Cárcomo Lobo, natural de Malange, de ascendência goesa, frequentou o Liceu Nacional de Salvador Correia, em Luanda, com elevadas classificações, tendo obtido no final do curso o prémio Luísa Bermann. Como bolseira do Instituto da Assistência Social de Angola frequentou a Faculdade de Direito de Lisboa, tendo-se licenciado com 16 valores. Fez o Curso Complementar de Ciências Jurídicas com igual classificação, a mais elevada nesse ano.

Depois de ter sido notária e professora do ensino liceal em Macau, chefiou o Gabinete de Estudos Económicos e de Relações com organismos Internacionais da Junta Nacional do Azeite. Requisitada pelo Ministério do Ultramar, desempenhou as funções de consultor jurídico da Junta Provincial de Povoamento de Moçambique, tendo nesta província tomado parte em diversas comissões de estudo sobre problemas sociais e económicos.

Além da chefia do Gabinete dos Estudos Económicos e Financeiros do Banco Nacional Ultramarino, a sr.ª dr.ª Maria Teresa Cárcomo Lobo foi, ainda, consultor jurídico d Instituto de Algodão de Moçambique e da Cooperativa Agrícola do Limpopo. Professora do Instituto de Educação e Serviço Social de Lourenço Marques, tem colaborado na Imprensa sobre problemas económico-financeiros e sociais, subscrevendo regularmente a secção «Direito, Economia e Finanças» do jornal «Diário» daquela cidade.

Profundamente interessada como mulher e mãe nos problemas sociais e no papel da mulher na sociedade actual, a sr.ª dr.ª Maria Teresa Cárcomo Lobo deixa o seu nome ligado à presidência da Direcção e Assembleia Geral do Centro Moçambicano de Estudos Cooperativos e da Secção de Estudos Corporativos da Sociedade de Estudos, em Moçambique, tendo diversos trabalhos publicados sobre os referidos temas.

O Presidente da Republica visitou ontem o Clube Naval de Cascais, onde conversou com os organizadores e os concorrentes do campeonato internacional de «Finns» ques está a disputar-se. A imagem documenta a referida visita. Esta tarde, foi a vez de ali se deslocar o Presidente do Conselho

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Lisandra
Electrodomésticos, Lda.
Rua Andrade, 55 — Telefs. 841154/848845/848854
(junto ao Cinema Lys) LISBOA
JOÃO LOURENÇO E JOÃO PEIXOTO
participam aos seus amigos e clientes que se encontram como sócios-gerentes desta firma, onde continuam a contar com a vossa amizade.

CAMPO PEQUENO
OUTRO CARTAZ DE LUXO
FINALMENTE, FRENTE A FRENTE!
JOSÉ MESTRE BAPTISTA
OU
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
?
dois grandes em busca do primeiro lugar!
espadas
JOSÉ FALCÃO
RAÚL GARCIA
FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR
TOIROS CABRAL DE ASCENÇÃO
HOJE, 20 DE AGOSTO, ÀS 22 HORAS

SAIU HOJE
motor
UMA COMPLETA PANORÂMICA SOBRE O MUNDO DO AUTOMÓVEL E DOS DESPORTOS MOTORIZADOS
NESTE NÚMERO:
- G. P. DA ÁUSTRIA: VITÓRIA INEVITÁVEL DA FERRARI
- DESINTERESSE NA RAMPA DA SRA. DA GRAÇA (MARIA DO CÉU)
- ACTUAÇÃO DISCRETA DOS PORTUGUESES NAS RIAS BAJAS (ARTUR FERREIRA, serviço especial)
- O SAFARI DO ALENTEJO
- «NICHA» CABRAL GANHOU EM SÁ DA BANDEIRA (CARLOS BLANCO)
- O «RALLYE DO LIMPOPO (DINIS ROSAS)
- SIMCA C. G.: A VIRAGEM PARA A COMPETIÇÃO
- NOVIDADES: MERCEDES, VOLKSWAGEN, SKODA, VOLVO E PEUGEOT
- OS 50 ANOS DA ASTON MARTIN
- MOTONÁUTICA: O CAMPEONATO EUROPEU DE SE (MARIA DO CÉU)
- KARTING: O CIRCUITO DE CAMINHA (HERLANDER GARCIA)
- PÁGINA DE AVIAÇÃO (ALVES SARAIVA)
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES
EM «MOTOR-ENSAIO»
SIMCA 1301 S
(POR PHILIPPE TOUSSAINT)
32 PÁGINAS PREÇO: 2$50

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

BELENENSES, 1 - GIJÓN, 1

CALMA, «AZUIS»! NADA DE URGÊNCIAS...

Um jogo de contrastes. Uma equipa ardente fazendo do encontro uma questão de honra, ansiosa e combativa, dese controlada de tão enérgica durante a primeira parte e mais ausente e por isso mais perigosa e convincente após o intervalo: a do Belenenses. E uma turma descontraída e serena, em plena rodagem para um campeonato duríssimo, segura na defesa e manhosa no ataque: a do Gijón.

Os primeiros momentos da partida denunciaram imediatamente o estado de espírito dos grupos. Viu-se como os «azuis» perseguiram a miragem do golo, como ensaiaram remates consecutivos, embalados pela esperança de alcançar vantagem.

Laurindo rematou com perigo e Canhoto atirou á «canhota», também com evidente intenção. Havia pressa nas tentativas belenenses, uma urgência indisfarçável em marcar. Contudo, o princípio do desafio esfumou-se sem que os propósitos dos portugueses conseguissem concretização. Ao quarto de hora, já os visitantes replicavam e apareciam a discutir de igual para igual.

Não diminuiu no Belenenses o gosto pela luta, mas como um drible vistoso de Laurindo e uma infiltração de Valter (cortada em falta) se quedaram em meras satisfações platónicas, os forasteiros insistiram na reacção e fizeram suas as pretensões contrárias.

Aos 23 m, Churruca executou um «canto» de modo a fazer tombar o esférico junto do poste mais próximo. Aí surgiu PAQUITO a tocar o esférico subtilmente, de cabeça, levando-o a entrar por uma nesga.

Seguiu-se um período em que os visitados baixaram. Notava-se precipitação nos passes, falta de conta nos cruzamentos. Todavia, foi sol de pouca dura. Revelando saúde física e moral, os lisboetas teimaram de novo, inconformados com o rumo dos acontecimentos.

Contudo do Norte de Espanha baixara um «team» resoluto, afoito ao combate, calejado na rude competição que é a II Divisão do país vizinho e apto a disputar a Liga dos mais cotados Secos e práticos, sem floreados nem tiblezas, os gijoneses defenderam com acerto e segurança.

Bem procurou Quinito — com uma exibição digna de aplausos — causar engulhos áquele muro construído a preceito que se erguia na frente dos dianteiros de «azul». Quando o Belenenses buscava o lance de surpresa este não saía consoante os seus desejos. Quando se decidia pela jogada pensada e necessáriamente menos veloz a marcação sem tréguas exercida pelos estrangeiros anulava as descidas adversárias, por se revelarem sem o conteúdo imprescindível ao êxito. Profunda modificação se operou no conjunto belenense para a discussão da segunda metade. Substituídos o guarda-redes e toda a linha da frente (meia duzia de elementos frescos entraram no «onze» de Belém), a representação do clube da Cruz de Cristo subiu consideràvelmente de rendimento.

Embora continuasse activo, o Belenenses deixou de ser o agrupamento nervoso do tempo anterior. Sem a agitação e o temor de errar, denunciados na fase inicial, o grupo dos donos do campo candidatou-se, com superior desenvoltura e entendimento apreciável, a outro desfecho, diferente do que o marcador anunciava.

Porém, a primeira grande oportunidade do segundo tempo pertenceria aos «nuestros hermanos», numa jogada, aos 10 m., que Valdez desperdiçou ao recargar por alto com a baliza á mercê. Diga-se que o Gijón se despediu, nessa altura, da hipótese de avolumar a contagem.

Cremos que o Belenenses deu, a partir daí, a melhor indicação das suas possibilidades actuais. Reparou-se em como o conjunto do Restelo, desgostoso com a injustiça do resultado, batalhou pela obtenção de um tento, pelo menos. Camolas e Ernesto surgiram em excelente situação de bater Castro, mas os ensejos perderam-se. Estava escrito, no entanto, que o Belenenses não perderia o jogo.

A seis minutos do fim, magnífica iniciativa de Quinito foi parar aos pés de *Ernesto*. E dos pés deste partiu um chuto impressionante. um remate soberbo. A bola entrou como uma seta, por alto, na baliza contrária.

O Belenenses acabara por empatar. Não era o triunfo tão desejado por todos os «azuis» na abertura da época Meirim. Mas era, ao menos, o prémio a uma reacção prolongada e capaz.

Em resumo: se a actuação e a igualdade não foram de molde a justificar foguetes, ainda menos o são para derrotismos prematuros. Calma, «azuis»! Nada de urgências...

Quinito esteve em grande plano, mas todo o lote «azul» deve ser englobado no mesmo encómio e em igual incitamento.

Canhoto, estreante brasileiro, deve ser revisto. Tem maneiras de jogador.

Na equipa do Gijón, um bloco trabalhador e unido, o codicioso Paquito e o elástico Castro chamaram as atenções.

Boa arbitragem de Américo Barrada.

Equipas:

BELENENSES — Mourinho; Gomes, Quaresma, Freitas e Murça; Quinito e Carmo Pais; Laurindo, Arlindo, Valter e Canhoto.

Na segunda parte, Mourinho, Carmo Pais, Laurindo, Arlindo, Valter e Canhoto saíram para dar entrada a Vítor Cabral, C. Serafim, Estêvão, Camolas, Ernesto e Godinho.

GIJÓN — Castro; Miera (Echevarria no 2.º tempo), Alonso, Herrera I e Puente (Pascual na 2.ª parte); J. Manuel e Herrera II (Del Riego aos 79 m.); Quini (Famjul aos 59 m.), Paquito, Valdez e Churruca.

FRANCISCO CAMILO

HOJE, Á NOITE

ASSEMBLEIAS — Do Clube Oriental de Lisboa para apresentação do relatório e contas e eleição dos novos dirigentes, ás 21 e 30.

Do Clube de Futebol Benfica para eleição dos novos dirigentes, ás 21 e 30.

FUTEBOL — Sporting-Real Sociedad para apresentação da equipa e dos novos jogadores, ás 21 e 45, no Estádio José Alvalade.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonatos de Lisboa: Sporting-Salesiana, no rinque de Alvalade, em infantis, ás 20 e 30; iniciados, ás 21; e juvenis, ás 22.

NATAÇÃO — Festival de Agosto na piscina do Clube Sportivo de Pedrouços, ás 21 e 15.

2.º caderno

MEIRIM

O treinador Joaquim Meirim devia comparecer **hoje** na Casa de «Os Belenenses» de Queluz para fazer uma palestra. Contudo, segundo nos informavam, aquele treinador comunicou aos organizadores de sessão que lhe era totalmente impossível comparecer na referida data, pelo que a palestra de Meirim foi adiada *sine die*.

Atletismo internacional

A selecção nacional de juniores parte amanhã para Espanha

Vinte e cinco atletas vão receber o seu baptismo internacional

De acordo com o convite da Federação espanhola, a sua congenere portuguesa far-se-á representar no encontro triangular Espanha-Grécia-Portugal, que se efectuará sábado e domingo, em Madrid, no Estádio Vallehermoso e destinado apenas a atletas juniores (nascidos em 1951).

A selecção nacional partirá para Espanha amanhã, pelas 7 horas, em autocarro.

Fazem parte da equipa lusitana 27 atletas pertencentes aos seguintes clubes:

SPORTING (8) — Vítor Silva, Ricardo Mota, José Galinha, Carlos Cabral, Fernando Mamede, António Saltinha, Augusto Martins e Ernesto Carvalho.

BENFICA (5) — João Ganço, Fernando Silva, Tavares da Silva, Cidálio Caetano e Vasco Pereira.

BELENENSES (4) — António Vermelhudo, Carlos Silva, José Miguéis e Américo Nobre.

VIT. SETUBAL (3) — Fernando Ferreira, Firmino Agostinho e José Capão.

F. C. PORTO (2) — José Saavedra e António Monteiro.

A. C. M. (Coimbra) — José Carvalho.

INDIVIDUAL — Carlos Craveira.

C.D.U.L. (3) — Farias de Sousa, José Sottomayor e Carlos Cardoso.

A Federação nomeou como técnico responsável o prof. António Gromicho, que será acompanhado pelo director federativo prof. Manuel Rodrigues Horta e pelo dirigente do Conselho Técnico Orlando Silva.

Nesta selecção recebem o seu baptismo internacional vários atletas ou melhor quase todos, pois apenas dois têm experiência internacional — Carlos Cabral e Fernando Mamede, ambos do Sporting.

A selecção nacional, face ao valor dos seus adversários, tem probabilidades de fazer boa figura, principalmente nas disciplinas das corridas de velocidade prolongada, fundo rápido e meio-fundo.

Também não se pode dizer que nos saltos ou lançamentos, dois ou três atletas não tirem partido das suas excelentes condições técnico-físicas.

A sua deslocação a Madrid vaiservir certamente de pedra de toque para outros cometimentos internacionais, principalmente, no escalão junior.

Não esqueçamos que alguns dos atletas que, agora, se deslocam a Madrid, são campeões nacionais nas suas especialidades e, até recordistas com marcas absolutas — caso de Fernando Mamede, do Sporting.

«Mundial» de Finns

P. AKERSON (SUÉCIA) VENCEDOR DA 2.ª REGATA

• O holandês P. KAYSER comanda a classificação

O sueco Akerson foi o primeiro na 2.ª regata do Campeonato do Mundo de Finns ontem disputada em Cascais, á frente de perto de centena e meia de concorrentes.

O vento, que inicialmente se apresentava fraco, foi aumentando de intensidade á medida que a prova decorria, aumentando sobremaneira as dificuldades dos menos apetrechados ou menos felizes.

A ordem de chegada foi a seguinte:

1.º, P. Akerson (Suécia); 2.º, P. Kayser (Holanda); 3.º, B. Binkhorst (Holanda); 4.º, G. Ehlers; 5.º, F. Albarelli; 6.º, W. Kuhweide (Al. Ocid.); 7.º, P. Connally (U. S. A.); 8.º, P. Pym (Inglaterra); 9.º, M. Olin (Suécia); 10.º, P. Conrad (U.S.A.).

Entretanto, os velejadores portugueses classificaram-se pela seguinte ordem:

16.º, Henrique Nell; 33.º, B. Espírito Santo; 37.º, E. Andersen; 72.º, F. M. Costa; 80.º, J. Rodrigues; 109.º, António Heredia; 115.º, J. Mateus; 116.º, H. Oliveira; 117.º, A. Potier; 119.º, J. Fonseca; 120.º, J. Quina; 126.º, J. Reis; 130.º, J. Bruschy; 132.º, P. Monteiro Barros.

Após esta segunda regata, a classificação geral ficou assim ordenada:

1.º, P. Kayser (Holanda), 14,7 pontos; 2.º, B. Binkhorst (Holanda), 18,7; 3.º, P. Connally (U.S.A.), 29; 4.º, F. Conrad (U.S.A.), 36; 5.º, R. André (U.S.A.) e M. Olin (Suécia), 27.

AUTOMOBILISMO

Prova de perícia na Vermelha

A comissão de festas da Vermelha promove, no próximo dia 23, uma prova de perícia automóvel nos arruamentos da Adega Corporativa da Vermelha, em Torres Vedras.

A competição inicia-se ás 11 horas. As inscrições terminam uma hora antes do começo da prova. Os pedidos de inscrição podem ser feitos através do telefone 00126624 (Café Central).

Hóquei em patins

Benfica-Sporting (6-3) mas nada foi fácil...

A participação do Benfica num torneio internacional a realizar na Corunha em 29 e 30 deste mês, fez antecipar o jogo entre os «encarnados» e o Sporting, a contar para o Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão.

O Benfica ganhou por 6-3, mas os numeros não correspondem a facilidades. Efectivamente, a perder por 3-0 ao termo da primeira parte, o Sporting conseguiu colocar-se em igualdade, perdeu alguns ensejos de se adiantar no marcador e só depois veio a permitir que o adversário se lhe adiantasse decisivamente.

Arbitrou Jorge Rosa e as equipas alinharam:

BENFICA — Ramalhete; Casimiro (2), António José, Vicente Rodrigues (2), Sousa e Garrancho (2).

SPORTING — V. Ferreira; Reis, Barata, Gonçalo, Paulo (2), Puskas e Ponte (1).

Em reservas, o Sporting venceu por 3-1.

PAÇO DE ARCOS — O melhor no Torneio Aniversário

O Paço de Arcos organizou um torneio-relâmpago integrado nas comemorações do seu aniversário e no qual participaram como convidadas as equipas do Campo de Ourique e do Oeiras.

Resultados e classificação final: Paço de Arcos-Campo de Ourique, 3-2; Oeiras-Cascais, 1-4; Oeiras-C. Ourique, 2-3 e Paço de Arcos-Cascais, 6-3.

1.º, Paço de Arcos; 2.º, Cascais, 3.º, C. Ourique e 4.º, Oeiras.

A equipa vencedora apresentou: Ferreira; José Rosa, Vieira, Rosa Soares, Abreu e Rafael.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

LISBOA DIA E NOITE

PODEM SER REMETIDOS ATÉ AMANHÃ OS CUPÕES DA 13.ª COLECÇÃO

Até amanhã, o leitor, pode remeter a 13.ª colecção de cupões, acompanhada do respectivo boletim de identificação (em duplicado e preenchido com letra bem legível). Ficará, assim, habilitado ao sorteio que contemplará mais algumas dezenas de leitores entre os vários milhares que semanalmente participam na iniciativa. Os que a sorte designar, irão passar algumas horas agradáveis num dos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra ou Costa do Sol. Jantar, ouvir o fado ou dançar (o premiado pode fazer-se acompanhar por um parente ou amigo) é possível, sem gastar dinheiro.

Os concorrentes a quem a sorte distinguir terão, pois, possibilidade de algumas horas no ambiente acolhedor e convidativo dos seguintes restaurantes típicos e «boites» que colaboram na nossa inicitiva: Adággio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiúca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopótamo, Kaverna, Lar Português, Lord, Maxime, Márcia Condessa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho, Sanzala e Luso.

Aceite também o nosso convite: divirta-se, sem gastar dinheiro. Nós facilitamos tudo.

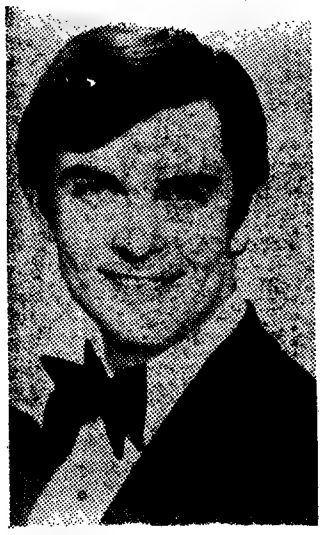
Zélia Lopes
na «Casa da Mariquinhas»

Zélia Lopes, jovem (e graciosa) intérprete do fado, deixou Lisboa por algumas semanas. Está a actuar, com êxito assinalável, na «Casa da Mariquinhas», o recinto fadista portuense que é propriedade de Heitor Gil de Vilhena.

ZÉLIA LOPES

Delaney e Bonnie formam uma dupla com sucesso no mercado norte-americano de canções. Duas das composições que interpretam («thing get better» e «that's what my man is for») trepam velozmente no Top-100 e, de momento, já se encontram em 20.º lugar nesta classificação de venda de discos

ARMANDO CORTEZ
DIRIGE A «CASA DAS CABRAS»



Jim Mancel, o norte-americano do «clã-Sinatra», interpretou «I could give you the world», canção terceira classificada em Atenas. De Mancel anuncia-se, para Outubro, uma larga digressão pela Europa: Portugal consta do roteiro

«A Casa das Cabras» (versão portuguesa de Armando Cortez do original espanhol «La Casa de las Chivas», de Jaime Salom) vive fundamentalmente das suas personagens. Foram elas que decidiram o damaturgo espanhol a colocar, em linguagem teatral, uma estranha história de amor vivida ao tempo da guerra civil espanhola.

Dirigida e interpretada por Armando Cortez, «A Casa das Cabras» destina-se ao Capitólio e terá no seu elenco Henriqueta Maya, Carlos José Teixeira, João Mota, Guilda Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, Carlos Paulo e António Semedo. Cenários de António Casimiro e montagem de Luís da Cunha e Silva.

Karel Gott, popular cançonetista, está a realizar uma «tournée» pela Península Ibérica, devendo actuar no Norte do nosso País no final de Outubro próximo

14.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 20 de Agosto de 1970

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef 868209**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Melo-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816.**

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Telef 867093 ✲ Encerra á segunda-feira.**

QUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Carlos Zel e Emílio dos Santos. Tocam: António Parreira e José Inácio ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Roseana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ **Rua de Vigário, 60 ✲ Telef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e «Os 3 de Portugal». Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves. ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telefs. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655 - 67341.**

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Mana Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, Lourinda Gonçalves, José que Manuel. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Pedro Caldeira Cabral (guitarra), Fernando Alvim (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefs. 362889 - 328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto ✲ Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telefone 868552.**

VIELA

cantam: **Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Júnior ✲ Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale ✲ Cons. mín. 50$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Telef. 327256**

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Arminda da Conceição, Filipe Duarte e Celeste Maria. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35598.**

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Dina Cardoso, Armando Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Besso e Fernando Reis ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Rua da Barroca, 133 ✲ Telfs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás Terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 66 98 57 ✲ Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeraldo Amoedo, Ivete Pessoa, Tina Ferreira, Nazaré Maria, João Quintas, José Vilela e o «Trio Melodia». Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✲ **Cons. mínima 60$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Nuno de Aguiar, e João Cabral. Tocam: Alfredo Alves e Mário Coutinho ✲ **Encerra aos domingos ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariano Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.**

RESTAURANTES, BARES — «BOITES» E «DANCINGS»

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 8-A Telef 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D ✲ T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maxímiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 78 ✲ Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 790177 ✲ Encerra ás 3,30.

BAIÚCA

R. da Barroca, 86 ✲ Telef. 34706

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A ✲ Telef ✲ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✲ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✲ Tel. 872761. 6-D.

FLÔR DE LIS

Bar M/17. Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 867136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TAGIDE

Variedades internacionais ✲ Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 53723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo repertório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ Telefs.: 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946.

FORTE VELHO

Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«Casei com uma Feiticeira»

Carros feitos de caixotes disputam uma corrida no bairro de Samantha. Dois rivais prendem a atenção geral: Johnny e Flash. O segundo é sobrinho da incrível vizinha Gladys Kravitz, e parece querer fazer batota.

Samantha protege Johnny: e de que maneira... Episódio curiosamente pateta este da série «Casei com uma Feiticeira» a exibir-se pelas 21 horas em que intervêm: Elisabeth Montgomery, Dick York, George Tobias, Sandra Gould e Peter Dunhill.

TV JUVENIL

Pelas 19 horas aparece nos televisores o programa «TV Juvenil» com a rubrica «Juventude no Mundo», que exibe dois filmes, um dos quais da Áustria, versando o Campeonato Mundial de Aeromodelismo em que tomaram parte 33 países.

De Portugal projectam-se imagens de «um fim-de-semana em Carvalhos» região nortenha onde se realizou um torneio desportivo luso-espanhol entre alunos dos colégios de uma congregação religiosa.

II Programa

«O MAIORAL»

Após a repetição do programa do dr. David Mourão-Ferreira «Imagens da Poesia Europeia» (que termina cerca das 22 e 30) exibe-se um episódio intitulado «O regresso de Tom Brant» da série de aventuras «O Maioral». Victor Jory, Linden Chiles, Dee Pollock, Jean Iness e Kelly Thordson, são os principais intérprete da história de «Tom Brant, o dourado Tom Brant», que é posto em liberdade depois de 35 anos de cadeia, após uma cena de tiros em Medicine Bow. Amos Coe, irmão de uma das vítimas de Brant, ameaça matá-lo, se ele não partir dentro de três dias. Tema muito instrutivo, pelos vistos...

DIRECTAMENTE DE PENINA

«MÚSICA PORTUGUESA NO ALGARVE»

Directamente da Penina a R. T. P. transmite, pelas 22 horas, um programa de variedades intitulado «Musica Portuguesa no Algarve» em que intervém a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional (com Tavares Belo), o Rancho do Calvário, Vicente da Camara, Maria da Glória, Intróito, acordeonistas Fernando Ribeiro e Fernanda Guerra, «Os Celleiros da Casa do Povo de Cuba», Duo Orpheu, Tonicha e o Conjunto de Raul Nery, Duo N'gola, Irmãs Muge, Conjunto de João Paulo, Alice Amaro e Trio Feminino. Apresentação de Carlos Cruz e Maria Julia. Realização de Vítor Manuel.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 65: «Falua», programa infantil, por Ana Maria; 10 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo — A orquestra de... e do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 27.º episódio do folhetim «O canto da Terra»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros portugueses; 22: Festival de musica portuguesa no Algarve; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 3.º acto da ópera «A Valquíria», de Wagner. Solistas e a Orquestra Filarmónica de Berlim, dir. de Herbert Von Karajan. 17 e 45: Sonata em sol menor (Haydn). Piano: Charles Rosen; 18: Musica do século XX; 18 e 48: A Sociedade Coral, dirigida por Rudolf Lamy; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore português — Musica da Beira Alta e da Beira Baixa, recolhida por Artur Santos; 19 e 40: Variações, interludio e final sobre um tema de Rameau, (Dukas), por Helene Boschi (em piano); 20: Diário sonoro; 20 e 20: Abertura da ópera «Oberon» «Weber) pela Orquestra Filarmónica da Rádio de Hilversum, dir de Paul Van Kempen; 20 e 30: Madrigais; 21: A Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Eurico Tomaz de Lima; 22 e 20: Poemas sinfónicos

3.º Programa — MF 2 (94,3 mgc/s) — Às 23: Musica de tecla; 23 e 30: Raridades da arte vocal italiana — em gravações cedidas pela Rádio Suiça Italiana; 0 e 31: Quarteto n.º 1, em lá menor, OP: 41 n.º 1 (Schumann), pelo Quarteto Drolc; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Miscelanea; 19 e 30: Radioscopia; 19 e 40: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1084 kc/s — Às 16: Programa CDC; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Musica portuguesa; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20: Nota de abertura; 20 e 07: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 08: Diálogo; 21 e 08: Tempo novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P BX»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 0 e 02: Em órbita dois; 1 e 03: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa CDC; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20: Nota de abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Brasil; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e benção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Programa Opus; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

Amanhã, à hora do almoço

A rubrica trissemanal «Feminino Singular» aborda Velasquez, o pintor sevilhano nascido em 1599, e no campo da moda apresentará uma reportagem sobre a colecção para Outono-Inverno de Marbel Junior, o mais jovem dos costureiros espanhóis.

«Julia» volta com mais um problema quotidiano da vida americana. A coexistência rácica continua pacífica (nestes episódios), os problemas são outros. Os «states» são, portanto, um país em que negros e brancos andam de braço dado.

JACINTO RAMOS ENCENA «O PREÇO»

Uma análise intransigente do homem integrado na sociedade tecnocrata dos nossos dias, tal a temática essencial da peça «*O Preço*», uma das ultimas obras de Arthur Miller, com que a Empresa Vasco Morgado vai em breve abrir a temporada do Monumental.

A interpretação das quatro personagens, duma extraordinária densidade humana, está a cargo de Jacinto Ramos e Varela Silva, nos papéis dos dois irmãos, respectivamente, Walter e Víctor Franz, Glória de Matos, no de Esther, mulher de Víctor e José Gamboa, cuja actuação há tanto tempo estávamos privados de apreciar, no de Gregório Salomão, o vendedor de móveis.

Da encenação encarregou-se Jacinto Ramos, que procurando uma solução que fosse mais ao encontro do tema desta obra, de flagrante actualidade, que ninguém deixará de se sentir implicado, escolheu uma via original, em comparação com a seguida em Nova York, Londres, Paris e Madrid. Os cenários são de João Vieira e a tradução, directamente do original, de Mário Casais Ribeiro.

Fiat
Precisa de repará-lo ou fazer estação de serviço? Dirija-se a Av. Marconi, 8-A (junto à Praça de Londres). Tel. 77 73 62.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

NA COMPRA DE UMA
MÁQUINA DE LAVAR ROUPA
DESDE 100$00 MENSAIS
sem entrada fiador
OFERECEMOS DETERGENTE PARA UM ANO
24 PACOTES skip
JOVICA
Av. 5 de Outubro, nº 53-C - Telefs. 535010-47769
FILIAIS: Cacém - Sintra - Cascais - Venda Nova e agora também no Largo de D. Estefânia, n.º 12-D

EXCURSÕES DA C. P. AO ESTRANGEIRO

Comunica-nos a C. P. que vai levar a efeito, até ao fim do ano corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, as seguintes excursões

	Dias de duração	Preços
— Madrid (1) ...	4	1350$00
— Madrid (2) ...	3	1100$00
— Andaluzia e Costa do Sol	9	2650$00

VIA MADRID

— Lourdes	6	2250$00
— Lourdes e Andorra	7	2600$00
— Barcelona-Valência e Mediterrâneo	9	2800$00
— Itália e Alpes	14	4100$00
— Paris	10	3600$00

Para melhor elucidação peça folhetos descritivos:

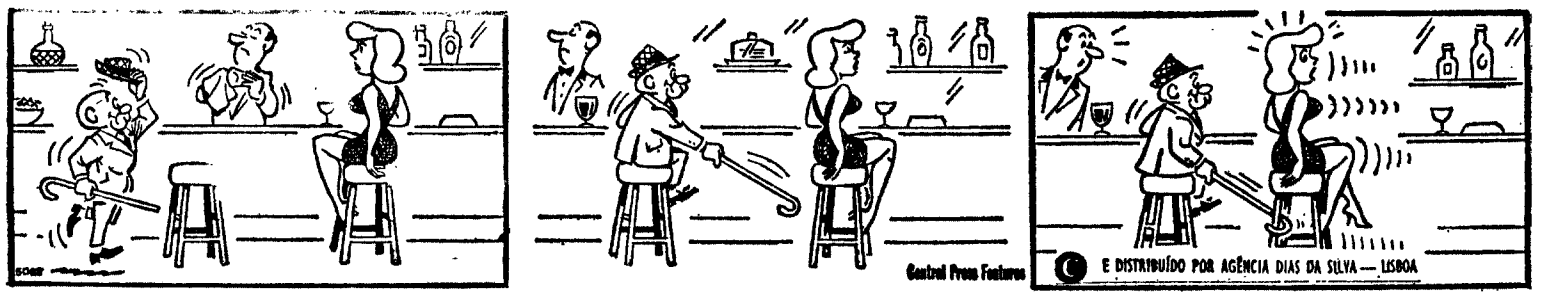
— Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);
— Na Empresa Geral de Transportes Rua do Arsenal, 124;
— Nas Agências de Viagens autorizadas;
— Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

Onde se encontram à venda os respectivos bilhetes.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



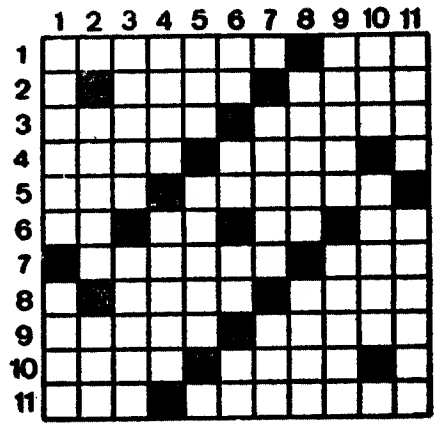
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5631

HORIZONTAIS: 1 — Tornas amargo. Conjunção. 2 — O mesmo que arroba. Arrasta. 3 — Aliado. Sarar. 4 — Inteiro. Cabelo. Antigo definido. 5 — Ilha do estado da Baía. Que tem calos 6 — Átomo (abrev.) Nesse lugar. Pronome pessoal. Reis. 7 — Calca. Nome de mulher. 8 — Ilha situada no pequeno Belt. Seguro. 9 — Fêmea do bode. Moeda espanhola de prata. 10 — Aguça. Preposição. Artigo definido 11 — Pequeno símio do Brasil. Limonada gasosa.

VERTICAIS: 1 — Arruinava Vazias. 2 — Acervo. Azáfama. 3 — Estéril. Pássaro do Brasil. 4 — Valeta. Estimara. 5 — Cidade do Sudão francês, na margem do Niger Remara para trás. 6 — O mais. Utensílio doméstico. Medida japonesa. Deus dos pastores. 7 — Indivíduo pertencente á raça céltica. Pequena bigorna de aço sem hastes. 8 — Saltou. Cidade de Portugal. 9 — Paredes. Encolerizas. 10 — Oração que os mouros fazem a Deus antes de se deitarem. Enfeitei. 11 — Nome de mulher. Cânticos de louvor a Deus.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5630

HORIZONTAIS: 1 — Tacos. Acolá. 2 — Acalentaram. 3 — Alar. 4 — Ror 5 — Ás. Vã. Aã. Al. 6 — Pare. Muda. 7 — Mentirosa. 8 — Açorara. 9 — Ur. Erada Ló. 10 — Eis. Tri. Vim. 11 — Masca. Acesa.

VERTICAIS: 1 — Ta. Gap. QUEM. 2 — Aca. Sam. Ria. 3 — CALA. Reo. SS. 4 — Olá. VENCE. 5 — Sema . Torta. 6 — Girar 7 — Atira. Radia. 8 — Cás. Amora. 9 — Orão. Usa. Vê. 10 — Lar. Ada. Lis. 11 — Am. Olá Coma.

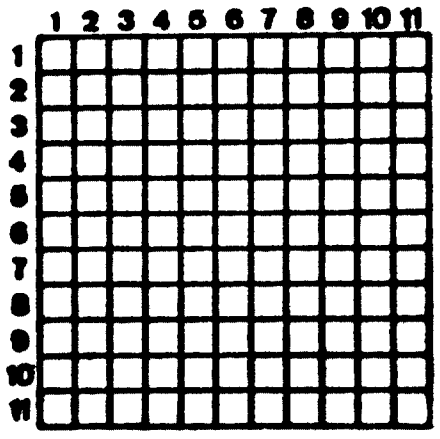
Provérbio: QUEM CALA, VENCE.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9474

HORIZONTAIS: 1 — Nome de vários rios da Alemanha. Vestígio. 2 — Despachar. Curam. 3 — Cinquenta e um em romano. Letra grega. 4 — Fluido aeriforme. Caminhei para oá. Igual. 5 — Guarnecida de asas. Impia. 6 — Lírio. Lista 7 — Maneira. Oportunidade. 8 — Mulher chinesa da classe baixa. Preposição. Troças. 9 — Nota musical. Prendeis com elos. Átomo (abrev.). 10 — Roça. Tépida. 11 — Cidade de França. Tostas.

VERTICAIS: 1 — Feitiço. Planeta 2 — Despachar. Preparar com ópio. 3 — Nesse lugar. Resto. Senhor. 4 — Pêlos de certos animais. Distrito da India Portuguesa. Letra grega. 5 — Érbio (s. q.) Fúteis. Partidos. 6 — Letra grega. Vai pelo ar com grande velocidade 7 — Post scriptum. Oceano. Representa por gestos. 8 — Seguias Acento. Isolados. 9 — Senhor. Gostar muito. Reis. 10 — Marcar o peso da tara em. Espécie de forragem (Bras.). 11 — Fruto da amoreira. Pronome demonstrativo (pl).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9473

HORIZONTAIS: 1 — Leira. Corni. 2 — Arre. Pacaás. 3 — Gramaria. Lá 4 — Aa. Aper. Bar. 5 — Ota. Amava. 6 — Ura. Uva. 7 — Aneis. Ala. 8 — Sim. Aldia. Ar. 9 — Ás. Acartada. 10 — Iterar. Anos. 11 — Selar. Usara.

VERTICAIS: 1 — Lagar. Asgis 2 — Erra. Uniste. 3 — Irá. Orem. El. 4 — Rematai. Ara. 5 — Apa. Sacar. 6 — Pré. Dar. 7 — Caira. Air. 8 — Oca. Mulatas. 9 — Rã. Bavá. Ana. 10 — Ratava. Ador. 11 — Isara. Brasa.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Agosto de 1940 publicava:

«BERLIM, 20. — Os círculos autorizados informaram a «United Press» de que aeroplanos britânicos se aproximaram de Berlim, onde foram ouvidos, a noite passada. Sabe-se que não lançaram bombas.

«Os aeroplanos inimigos, perseguidos pela defesa aérea alemã, retrocederam. Desconhece-se se foi derrubado algum.»

OPEL GT 1900, SPORT
2 LUGARES, ÚLTIMO MODELO, C. NOVO, RODADO COM 6000 km
VER, AV.ª RIO DE JANEIRO, N.º 17-B

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANÍBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso documental para ajudante de oficinas

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal — no Hospital de S. José aceitam-se inscrições até ao dia 31 de Agosto corrente, para o concurso documental para ajudantes de oficinas, com as especialidades de — Funilaria e Pedreiro —.

Os candidatos deverão entregar documento comprovativo da sua aptidão profissional e experiência anterior.

A admissão será feita em regime eventual, à experiência durante 3 meses, findo os quais serão incluídos no quadro ou dispensados do serviço, conforme as informações prestadas pelos serviços de Instalações e Equipamentos sobre as qualidades de adaptação e trabalho.

A BEM DA NAÇÃO
O ADMINISTRADOR,
Fernando Pimenta

AR LIVRE COMÉRCIO DE CAMPISMO E CARAVANISMO LIMITADA
APRESENTA CARAVANAS INGLESAS:
ASTRAL — BAILEY — BESSACAR
THOMSON E VIKING (Fibra de vidro)
VISITE A NOSSA CASA. ESCOLHA ENTRE OS NOSSOS 39 MODELOS DE 3 A 7 METROS DE 2 A 4 RODAS
BARCOS — TENDAS — ATRELADOS INGLESES
LARGO HINTZE RIBEIRO F. A.
(S. BENTO — RATO) TELEFONE 650967
O MAIOR «STAND» DE LISBOA
(ESTACIONAMENTO PRIVADO)

Aparelhagem Electro-domésticos
TUDO PARA V/CASA SEM FIADOR
2 - Av. Praia da Vitória

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

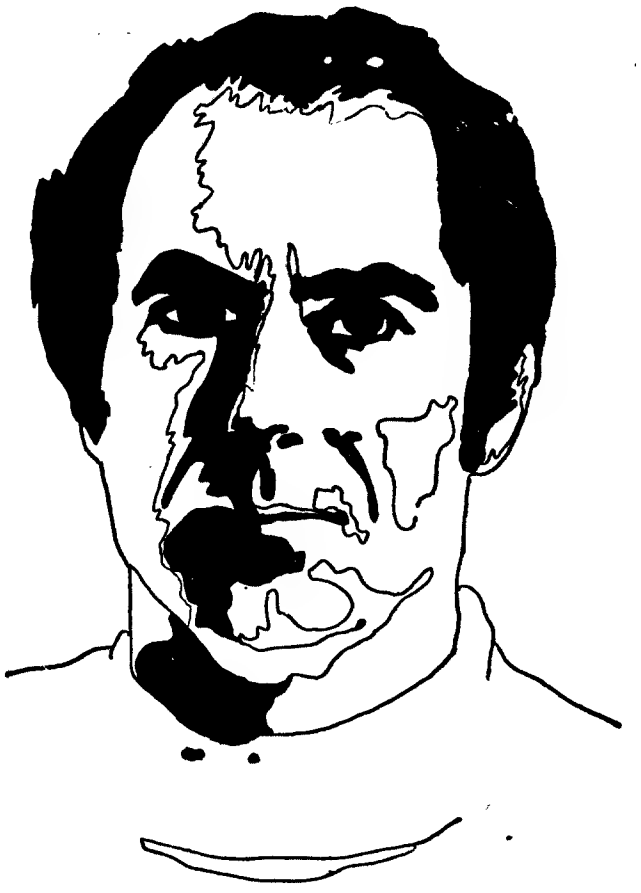
CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

fénix
RUA PALMIRA, 62 - TEL. 84 4169 - 84 4183 - 84 8159
SERVIÇO OFICIAL FIAT
PEÇAS E LUBRIFICANTES FIAT
Assistência rápida a todos os modelos FIAT incluindo as revisões grátis abrangidas pelo período de garantia. Serviço rápido de desempanagem por PRONTO SOCORRO próprio.
AS OFICINAS FENIX ESTÃO ABERTAS DURANTE O MÊS DE AGOSTO

«THE PORTNOY'S COMPLAINT», DE PHILIP ROTH: O PORQUÊ DE UM ÊXITO ESPECTACULAR

UM HOMEM QUEIXA-SE COM UM LAMENTO

por José Vaz Pereira



Philip Roth: riso de hiena e casaco de tweed

ALEXANDRE PORTNOY (30 anos e ainda a sonhar no metropolitano!) Tem uma queixa a fazer. Pobre homem tão mal colocado no mundo, tão rudemente tratado pelo meio-ambiente: ascendência judaica, pai a vender apólices de seguro aos pretos pobres, mãe dominadora («que estás a fazer *ai dentro*, Alexandre?»), juventude exaltada, amizades dispersas e convulsas. Queixa? Ao psiquiatra, evidentemente. Mas também podia ser uma carta aberta ao presidente Nixon.

Philip Roth escreveu *Portnoy's Complaint*, a história de Alexandre Portnoy (para abreviar, Alex P.), judeu de Newark, sempre em luta, patèticamente, com a dificuldade de ser americano e semita e sonhador fora da mecânica do *business* e trapalhão e louco com mulheres. O romance era já um êxito antes de ser publicado. Foi um êxito ainda maior depois da publicação. Entre Fevereiro de 1969 e Fevereiro de 1970 saíram 10 edições. Philip Roth (um homem magro, profundo, «de riso de hiena e casaco de *tweed*») promoveu-se assim a figura de primeiro plano numa literatura que admite o concorrência e que, não raro, devora os seus próprios filhos.

Explorou uma das veias em que se notabilizaram um Mark Twain, um Rumion, um Bellow, um Salinger: o humor. Mas fê-lo em termos novos, desmantelado o libido em termos cómicos carregando o traço grosso dum Freud que o comercialismo americano transformou em pacotilha duvidando irónicamente das salsichas quentes e oportunidades para todos. Individualista feroz leva esse individualismo até às últimas consequências: Alex P., super-fornicador solitário, etc., conhece o drama e é castigado pela consciência, continuando no entanto, a sonhar e a desejar toda a dama apetitosa que vê na rua.

O romance de Roth transforma-se na análise duma idade adulta que não conhece maturidade. Ou, por outro lado, os seus sonhos, à sua ideologia — uma mistura de sala de bilhar, democracia e Eleanor Roosevelt — a preocupação com o seu semelhante (não era ele comissário assistente da cidade de Nova Iorque para o Departamento de Oportunidades Humanas?) coincidiam ou combinavam bem com o seu-estar - fora - deste - mundo, a sua vertigem, o seu ritual de orgias? A sua educação real tentava entrar em conflito com o ambiente do pai bananeiro e vencido (embora com diplomas de bom vendedor no escritório) e a mãe tiranizante, com o sentimento de afirmação e culpabilidade semita. No meio da corrente contínua das solicitações duma sociedade que venalizava o contacto carnal, Alex P. agarrava-se à incipiência dos seus ideais como um veterano da *Grande Armée* se apoiava no tricolor durante o rugir da batalha.

Philip Roth sublinha pois a descida aos infernos do seu herói num balbuciante tom cómico.

Alex P. revê tudo, analisa tudo, põe tudo em discussão. Ele é um projecto de super-homem que deseja a coerência, a claridade, o grande horizonte. As pessoas avisam-no: Alexandre, tens 17, tens 27, tens 37 e «porque não deixas de ser egoísta e dar aos teus pais—criaturas tão maravilhosas— netos»!

Portnoy's Complaint é um acontecimento na literatura norte-americana. Nunca com tanta ferocidade se desferiram golpes contra o escutismo que parece estar na base de certas gerações nascidas à volta do princípio dos anos 30. Esse ledalismo sempre comprometido é um grito na noite. Uma noite povoada de monstros e de ameaças.

O estilo de Roth alterna a sequência delirante com uma análise bufona do ambiente de pesado formalismo familiar que rodeia Alex P. Os seus desvarios, a sua obcessão libidinosa (até com oficiais de saias do exército israelita) não conhecem limites e chocam-se com o exagero com que quer fazer do mundo e de Newark (o bairro onde reside) um campo aberto aos melhores sonhos humanos.

Acreditamos que, em última análise, a obra de Roth nos revele um alcance moral. Ela acaba por demonstrar que todos os homens, nem por terem erros e defeitos, devem ser afastados duma zona de tolerância. A condenação apressada e sumária, sem qualquer entendimento, sem ir às raízes do que anda mal, acaba por fazer sempre o jogo das forças mais negativas.

Alex P. não é, certamente, um exemplo. Exagera sempre mas os seus impulsos, as suas aberrações (mesmo com a rapariga fina que dizia sempre *no*) não derivam de algo de diabólico mas de outras tantas frustrações e complexos. O homem é um produto de falsos mitos, de falsos valores, deformada mentalidade que, com a força das comunicações de massa, se infiltram dia a dia, hora a hora, minuto a minuto no seu espírito.

Humor, vibratilidade emocional, garra, densidade, sentido irreverente do pormenor que desmantela o momento solene revelam a força dum romancista dum vigor cáustico que, mesmo no panorama duma literatura rica, só surge de longe em longe. ■

The Portnoy's Complaint, por Philip Roth. Bantam Books. 195 págs.

O SUPLEMENTO LITERÁRIO

VIEIRA DA SILVA À MESA REDONDA

Folhetim artístico de José-Augusto França

ORGANIZOU a secção portuguesa da A. I. C. A. (Association Internationale des Critiques d'Art) uma «mesa-redonda» na Fundação Gulbenkian sobre a pintura de Vieira da Silva, a propósito da sua exposição — dando assim

Vieira da Silva (foto cedida pela «Flama»): o espaço em análise

uma contribuição viva da crítica nacional, para além daquela que cada crítico, escrevendo por si só, tenha dado em jornais e revistas.

Presentes, conforme se estabelecera, os críticos e artistas que tinham dirigido visitas guiadas à exposição: Fernando Pernes e Rui Mário Gonçalves (membros da A. I. C. A.), Fernando Azevedo (que representava também a Fundação Gulbenkian) — e ainda Pedro Vieira de Almeida (da A. I. C. A.). Faltavam dois convidados, por motivos de doença ou de férias: Adriano de Gusmão (da A. I. C. A.), que teria igualmente representado a S. N. B. A.) e Rocha de Sousa. Mais um presente, como orientador ou «moderador» dos debates: O folhetinista, membro da A. I. C. A. também.

E assim, durante três horas, em frente do público se exprimiram opiniões, esquissaram interpretações, esboços, dúvidas, propuseram hipóteses de trabalho, estabeleceram relações culturais e históricas...

Que utilidade tal manifestação pode ter?

Para já parece útil e necessário que os críticos que escrevem dêem o corpo a manifestos destes, empenhando-se pessoalmente junto do público, num confronto de pontos de vista, em termos e situação de discussão.

Ou num diálogo — o que, em terra de pouca e opinosa gente, é assás invulgar e difícil de acontecer.

Mesmo que o diálogo deva resultar, afinal e sobretudo, de uma síntese de monólogos. Na verdade, em casos destes mais do que tudo, importa dar a cada interventor a possibilidade de «entrar em cena» oportunamente — sem atropelos, nem atrapalhações de falsa comunicabilidade familiar, de modo a manter-se um mínimo de disciplina metodológica nas coisas a dizer.

Muitas, variadas e contraditórias coisas foram então ditas, sobre «os temas e as estruturas da pintura de Vieira da Silva», e sobre as «categorias estéticas» da mesma pintura. A indissociabilidade dos temas e das estruturas foi sublinhada por F. Pernes que viu na pintura em questão uma «pintura com consciência

Cont. na pág. 6

Roth: análise duma idade adulta que não conhece maturidade

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO
N.º 625
20 • AGOSTO • 1970

ESTARÁ CONDENADA A DESAPARECER UMA DAS MAIS FAMOSAS ESCOLAS DE CINEMATOGRAFIA DO MUNDO?

O IDHEC CONDENADO

por Louis Marcorelles

O CONSELHO de administração do IDHEC (Instituto de Altos Estudos Cinematográficos) «*decidiu por unanimidade não proceder à admissão de estudantes para o ano escolar 1970-1971*».

A publicação deste comunicado precedeu de pouco a do relatório anual do Tribunal de Contas para 1969, em que duas páginas punham em relevo a situação deplorável do IDHEC e o futuro sombrio que parece ser o seu.

Um grupo de alunos do IDHEC reagiu, achando que «*os responsáveis da escola encontraram nisso um magnífico pretexto para camuflar a sua incapacidade de organizar um novo ano lectivo*» O sindicato C. G. T dos técnicos do cinema e da televisão também interveio por duas vezes, declarando: «*Uma tal decisão é inadmissível na medida em que, ao pretender pôr em causa a recusa do governo em conceder os créditos e as instalações indispensáveis, (...) mais não faz que camuflar uma carência que põe em perigo o futuro do cinema francês.* «Uma carta aberta deste mesmo C. G. T. ao conselho de administração do IDHEC, datada de 24 de Julho toma claramente posição afirmando que «*as soluções para os problemas da produção cinematográfica são da competência do Estado e do Governo*». E insiste *no sentido de que a admissão de alunos seja possível na reabertura das aulas em 1970 e que o Instituto possa funcionar normalmente em instalações decentes*».

O IDHEC PRÀTICAMENTE NA RUA

Mas o mal-estar vem de mais longe, quase desde a criação do IDHEC em 1943, em Nice, por Marcel L'Herbier, e das suas transferências sucessivas: aquando da libertação, para um elegante prédio particular da rua Penthièvre requisitado para o efeito, em 1951 para um prédio em vias de demolição do Boulevard Aurelle-de-Paladines na Porte Maillot, em 1968 para o cinema Ranelagh. Todas estas instalações provisórias não resolvendo nada e iludindo o verdadeiro problema — o da responsabilidade do Estado quanto ao funcionamento do Instituto.

Organismo privado, o IDHEC é quase totalmente financiado pelo Estado, muito embora garanta uma gestão autónoma. Após Maio de 68 os alunos tiveram acesso ao conselho de administração novamente criado, ao lado dos representantes do Estado, da profissão cinematográfica e do corpo docente. Fizeram-se algumas modificações radicais no funcionamento da escola, paralelamente com o abandono das instalações do Boulevard Aurelle-de-Paladines e a instalação precária no cinema Renelagh.

O relatório do Tribunal de Contas põe em relevo as actuais condições de trabalho nos seguintes termos: «*Onerosa, a nova instalação parece muito mal adaptada às necessidades de uma escola de cinema. Os seus inconvenientes técnicos foram verificados, mesmo antes da assinatura do contrato de arrendamento, por especialistas indicados pela associação. As instalações amontoam-se em seis andares, que aliás não estão sobrepostas. A entrada é tão estreita que o material pesado só pode ser introduzido por uma janela do primeiro andar. As superfícies de circulação são consideráveis, ao passo que a superfície útil, insuficiente em extremo, apenas pode comportar um reduzido número de estudantes. Não existem nem um verdadeiro «plateau», nem um auditório, nem uma sala de projecções permanentemente disponível, à excepção da que teve que ser improvisada numa cave. Para as rodagens no exterior não existem áreas livres próximas. A iluminação natural não é utilizável. Por fim, é quase impossível estacionar um carro nos arredores imediatos (...)*».

Jacques Doniol Valcroze: «Pretendemos descentralizar o IDHEC, criar um certo número de «ateliers» em França...»

A estas observações do Tribunal de Contas, os serviços do ministério dos Assuntos Culturais fazem notar que se tratava, em 1968, de remediar o pior, e de assegurar a reabertura das aulas custe o que custar.

No entanto, desde a Primavera de 1967 que se tinha encarado a mudança do IDHEC para o forte de Gravelle, em Joinville, enquanto se aguardava a construção, sempre prometida, de um prédio inteiramente novo na Défense. Um último prazo é adiado para Julho de 1968. Por esta data, o reduto de Gravelle, segundo a decisão do primeiro-ministro, é posto «*temporàriamente e na totalidade*» à disposição do ministério do Interior, que nele instala a C.R.S.

Actualmente, abrem-se três possibilidades de formação aos futuros cineastas e especialistas audiovisuais: o IDHEC, quando funciona ligado aos Assuntos Culturais; a escola técnica de fotografia e cinema de Vaugirard, ligada à Educação Nacional; e a O. R. T. F. e os seus diversos centros de formação, principalmente o do serviço de pesquisas de de Pierre Shaefer, O. R. T. F. que dependeu durante muito tempo do Ministério da Informação e está hoje ligada ao gabinete do primeiro-ministro. Mas cada ministério parece agir independentemente dos seus colegas — o que explica, em parte, as dificuldades presentes.

Se a escola de Vaugirard, organismo do Estado, pode esperar, num futro próximo (talvez dois anos), instalar-se em Saint-Germain-en-Laye, em novos edifícios capazes de receber 992 alunos se a O. R. T. F. pode sempre «alojar» os aspirantes a cineastas enquanto espera melhor, o I. D. H. E. C. está práticamente na rua

RECOMEÇAR TUDO PELA BASE

O único vislumbre de esperança reside na construção projectada, ainda aleatória, de um complexo cinematográfico em Bry-sur-Marne, onde se aglomerariam estúdios, escola de cinema e serviços diversos

Léopold Schlossberg, que desde o princípio de 1970 substituiu Rémy Tessonneaux na direcção do IDHEC (ao mesmo tempo que Louis Daquin tomava a direcção dos estudos), denuncia a incúria oficial: «*Não posso acreditar que um governo não seja capaz de me arranjar 1500 metros quadrados e um pequeno estúdio! Nós não temos material, precisamos de trabalhar no exterior e alugar o material necessário. Por outro lado, a gestão tornou-se perigosa: vinte filmes de promoção, de trinta a trinta e cinco minutos em 16 mm. e a cores, alguns deles notáveis, foram realizados o que pesou no orçamento: porém, vistas as condições de trabalho, é a única possibilidade de aprender cinema. Em 1969 só admitimos dezassete candidatos dos quatrocentos e oitenta que se haviam apresentado à pré-selecção e cem à selecção (três dias de exames) Por mim, aceitaria toda a gente, há lugar para todos devido ao extenso desenvolvimento dos métodos de ensino audiovisual, da publicidade e da utilização do cinema pelas empresas Desejaria criar professores de audiovisual Sonho com essa «casa do cinema» em Bry-sur-Marne, onde ficariam reunidas todas as profissões relativas ao filme. No imediato, como no passado, graças à O. R. T. F., que nos financia parcialmente (juntamente com os Assuntos Culturais e o Centro Nacional de Cinematografia), os nossos alunos têm assegurada a entrada na televisão mediante uma carta sindical de segundo assistente de realizador, montador e engenheiro de som...*»

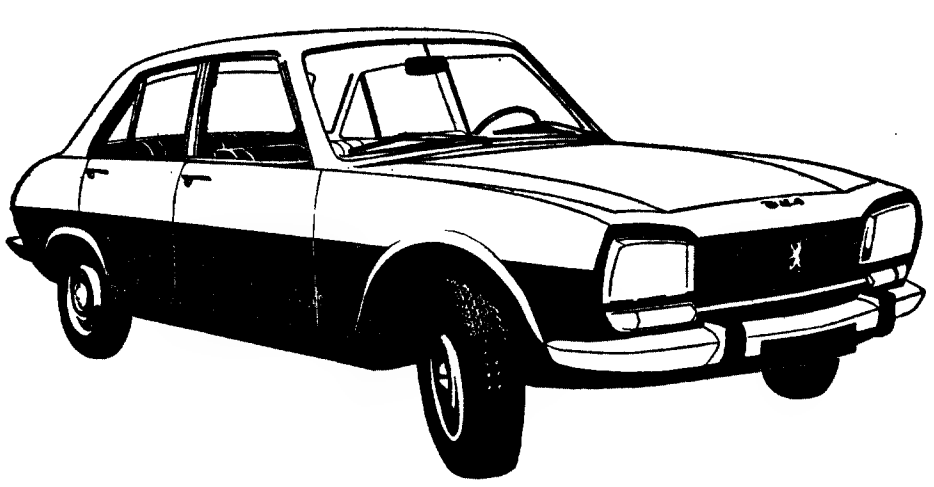
Jacques Doniol-Valcroze, presidente em exercício, para o ano de 1970, da Sociedade dos Realizadores de Filmes (S.R. F.), é do mesmo parecer de Schlossberg: «*Não seria mais sensato rejeitar actualmente novas promoções? Se Pompidou e Chaban-Delmas decidissem procurar instalações, encontrá-las-iam imediatamente! Só os poderes públicos podem tomar uma decisão. Existe um serviço especial para esse efeito. Michelet, ministro do Estado encarregado dos Assuntos Culturais, não tem pràticamente dinheiro e não é ouvido. Desde há dois anos que na S.R.F. nos batemos em favor do IDHEC. Robert Enrico, meu antecessor na presidência da S.R.F., foi o primeiro a defender um projecto saído dos Estados Gerais, a criação de um instituto de audiovisuais que reagrupasse o IDHEC, a escola técnica de Vaugirard e o laboratório Schaeffer da OR.T.F.*

Por essa altura, Edgar Faure dava-nos o seu apoio, queria agir depressa. Mas hoje a tendência mudou. Poderia ter havido o perigo de que esse instituto se arrogasse o monopólio do acesso à profissão; o ci-

Cont. na pág. 7

PEUGEOT

504



Motor — Super quadrado — 4 cilindros
Cilindrada — 1796 cc.
Taxa de compressão — 8,3/1
Potência — 87 HP
Regimen — 5500 r.p.m.
Cabeça com câmara de admissão comum
Válvulas à cabeça
Cambota com 5 apoios
Embraiagem — de comando hidráulico
Caixa de Velocidades — 4 velocidades sincronizadas silenciosas e marcha atrás
Suspensão — 4 rodas independentes — molas helicoidais e amortecedores Peugeot hidráulicos, telescópicos de efeito duplo
Direcção — de cremalheira
Travões — de disco às quatro rodas, assistidos com servo-freio e compensador de travagem
Pneus — 175 × 355
Velocidade Máxima — 156 km/h.

MOCAR Av. António Augusto de Aguiar, 19-A — LISBOA

PROMOÇÃO DA ARTE MODERNA?

por Rocha de Sousa

AS EXPOSIÇÕES de Vieira da Silva «aqueceram os ânimos». Ou seja: na falta de outro acontecimento capaz de mobilizar a atenção das pessoas escrupulosas, Vieira da Silva serviu de tema para a «querela» da temporada. Descobriram-se assim coisas curiosas: que quase toda a gente desconhecia a obra da autora, incluindo a extensão do seu reconhecimento internacional, mas que algumas pessoas sabiam das suas declarações a propósito do Maio de 68, em Paris. Ao que parece, Vieira da Silva afirmava-se contra toda a espécie de extremismo e não parecia dar muita atenção aos valores políticos dos fenómenos registados em França naquele ano.

Sobre a obra pròpriamente dita, essas consciências agitaram-se com menor rigor. De qualquer das formas, era uma posição adquirida em determinada conjuntura estética e tornava-se difícil sair das generalizações cómodas, numa condenação sumária da fórmula pictórica, da sua permanência e da sua aparente monotonia. Posta a circular através de uma informação compacta e surpreendentemente zelosa, a exposição de Vieira da Silva parecia ser apresentada ao país como o exemplo de uma modernidade acabada de conquistar, sangrando ainda da luta travada contra os sistemas do imobilismo estético e pronta a perturbar a consciência do cidadão comum. Claro que esse equívoco foi gerado sobretudo pelo atraso com que essa obra nos visita, para além de apresentações ocasionais e do cuidado oportuno de alguns coleccionadores que não esperam por ordens.

DOIS DEDOS DE CONVERSA SOBRE A CRÍTICA

As vozes discordantes têm a sua razão de ser, em certa medida. Primeiro, porque toda a obra pode ser contestada e revista à luz de uma nova óptica; segundo, porque é preciso evitar que a especulação acabe por destruir a verdadeira escala dos acontecimentos, contribuindo para a mistificação das pessoas e das obras. A posição da crítica, de uma forma geral, definiu-se em torno das exigências da informação, procurando sobretudo estabelecer as bases de referência sobre uma obra que tínhamos a oportunidade de ver pela primeira vez em conjunto no nosso país ao qual, de certa maneira, se encontrava ligada pela origem de Vieira da Silva. Não houve nesta atitude nenhuma forma clara de sentimentalismo; antes um critério de sublinhar, na oportunidade, o reconhecimento universal de uma estética ainda recusada em Portugal em certos sectores de consumo, na linha de uma cultura que só com dificuldade se reconhece europeia e moderna.

Não seria difícil, de resto, para além dessa justiça de base, inicial e necessária, abordar a obra de Vieira da Silva nas suas cristalizações irremediáveis, reconhecendo-lhe um limite temporal donde só pode sair depois de uma penetração crítica que se circunscreva apenas às cintilações precursoras que chegou a acusar no seu período mais fecundo. Num plano de justiça, de verdade e de independência, esse seria no fundo o único critério possível, admitindo outra extensão e outros lugares para as intervenções desejáveis ou verificadas. Assim, a posição da crítica foi sobretudo didáctica, num plano histórico e na definição das condenadas estéticas gerais que informaram a obra de Vieira da Silva. Essa posição permitiu também esclarecer alguns aspectos que deciguns aspectos que decidem a originalidade destas formais que a distinguiram num contexto bastante rico de implicações.

DEFENDER OS VALORES ACTUAIS, EIS A QUESTÃO

Talvez se possa discutir a eficácia desse critério. Até sociològicamente, como é de bom uso nas questões a tal nível. E, neste caso, para além de todas as pequenos críticas de circunstância, anotações subjectivas e pretensiosas, oportunismos, moralidades imprevistas, verificações tardias e cuidados anónimos.

De facto, o que se pretendeu em torno do caso Vieira da Silva, aproveitando o zelo da própria Fundação Calouste Gulbenkian e de outras entidades, foi delinear um programa de comunicação que sublinhasse junto do público a importância de um fenómeno ao qual ele não presta a devida atenção ou para o qual não se encontra devidamente apetrechado. Esse fenómeno é o da própria arte actual, que se tem articulado em bases onde a própria Vieira da Silva se formou, ainda há bem pouco tempo, condenada no conceito de uma burguesia que não cessava de perguntar «o que representa este quadro?» e não se sentia tranquila enquanto não obtinha uma resposta equivalente ao seu gosto formado por tradições académicas e por retratos de família.

Vieira da Silva serviu de tema para a «querela» da temporada...

Importava, com efeito, comunicar de algum modo a essas pessoas (antes de se fazer pomposamente a contestação de Vieira da Silva, cuja obra se reveste, ao fim e ao cabo, de raro mérito) que a pintura dos nossos dias corresponde a uma realidade espiritual tão importante como a do passado e que implica uma função social de indesmentível ressonância. Importava estimular o público no sentido de se aproximar do fenómeno da pintura com uma visão mais preparada, encarando realidades que, a bem dizer, informam grande parte da vida actual, visto que a criação de formas não reside apenas num plano de pura pesquisa estética, antes se comunica cada vez com maior insistência ao domínio das utilidades e à extensão quotidiana dos nossos actos.

TEMPORALIDADES E NECESSIDADES DA PINTURA

Discute-se, em todo o caso, se Vieira da Silva seria o autor indicado para uma operação desta ordem, a de propor valores pouco discutidos em praça pública, perante 50 000 pessoas. Talvez não fosse (aceitemos), ligada como ela está a uma certa pintura francesa que se fez também académica ou se banalizou em formas decorativas, a pretender uma profundidade ausente.

Apesar de Vieira da Silva ser, quanto a nós, um dos maiores pintores daquela orientação estética, senhora de uma sensibilidade invulgar, de descobertas próprias de um clima pessoalíssimo que chegou a atingir uma rara densida de conteúdo, acreditamos que não pode servir de padrão para apresentar a um público impreparado o fenómeno da pintura moderna nas suas extensões recentes mais significativas. De resto, a facilidade com que a maior parte das pessoas estabelecia comunicação com a pintura de Vieira da Silva, mostrando o seu particular agrado pela «harmonia» e «musicalidade» dos quadros expostos, demonstra que o padrão se corresponde de mais perto com memórias de **outra** pintura que essa gente conserva; ou, num sentido novo, corresponde a alterações de gosto conseguidas à superfície da colectividade pela divulgação maciça de novos padrões, de novas formas, da própria arte.

Seja como for, considerando os meios utilizados e as próprias entidades mobilizadas para a apresentação em Portugal da grande retrospectiva de Vieira da Silva, é evidente que a chamada arte moderna foi proposta ao público como **superiormente** aceite, considerada uma manifestação muito séria, culturalmente fundamental para o conhecimento do nosso tempo. No plano do mercado de valores, em geral muito mais avisado e profético do que as instituições comuns, as consequências já se anunciam com certa decisão. Verificou-se, por outro lado, sobretudo no

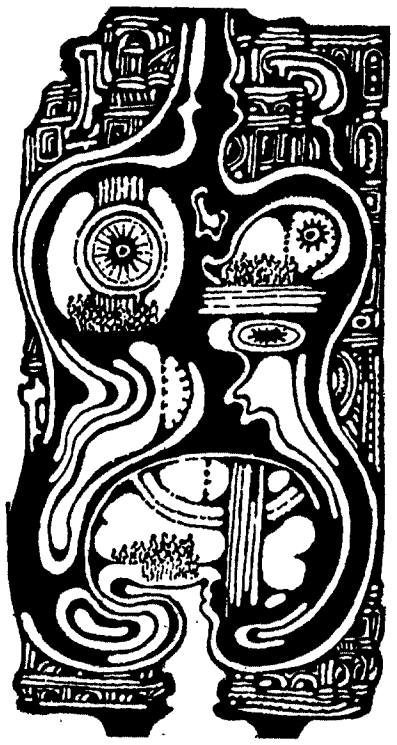
Cont. na pág. 7

AUTORES DE HOJE

Francisco Relógio

NASCEU em Ficalho, Alentejo. A sua obra está muito representada em Portugal e no estrangeiro. Tem participado em exposições de arte moderna, das quais se destacam as promovidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, Sociedade Nacional de Belas-Artes e Galeria Pórtico. Individualmente, expôs em Lisboa, Porto, Lourenço Marques e Madrid. Colaborador e organizador da I Exposição de Desenho Moderno da Casa da Imprensa e das Itinerantes de Arte Moderna. Bolseiro da Fundação Gulbenkian em Paris e Itália. Tem-se dedicado com interesse ao teatro e à pintura mural, executando, entre outros, um painel de grandes dimensões para o Banco Nacional Ultramarino, em Lourenço Marques. Colaborou na Exposição 11 artistas portugueses, que tem percorrido algumas cidades brasileiras. Tem trabalhado também em cerâmica.

A obra de Relógio, gràficamente sedutora, de sentido algo barroco e simbolista, anunciou desde o início uma preocupação de reflectir as perturbantes extensões da máquina na vida urbana. Criando espaços complexos e labirínticos, em que as criações mecânicas se misturavam à presença humana, Relógio ràpidamente se fixou num estilo, onde se reconhecia um vago apelo a formas ao mesmo tempo líricas e evocadoras do grafismo de civilizações passadas da América do Sul.



RELER RÉGIO

Tentativa de aproximação a «Música Ligeira»

por Nelson de Matos

RELER RÉGIO. Não há muito tempo que o grito se espalhou. Para uns, ele constituiu o desaforo maior de uma geração que se pretendia apresentar como radicalmente contestatária dos valores que, no final, tinham realizado a sua aprendizagem. Para outros, velo esse grito enquadrar-se na necessária e natural revisão que as ideias acabam por sofrer á medida que a vida lhes vai introduzindo os elementos de contradição que as farão um dia revitalizar-se ou definitivamente morrer. Creio aliás ser este um fenómeno que ciclicamente se repete no espaço do nosso saber. Acontece até, não poucas vezes, que determinado tipo de problemas considerados esgotados acabam, não muito tempo depois, por voltar a ser pensados pelas novas gerações, que os revitalizam ou preenchem de um sentido novo. Tal facto pode levar-nos a pensar como são frágeis as razões que apressadamente invocamos para justificar essa aparente morte das ideias ou, por outro lado, como essa morte é, a maior parte das vezes, o resultado de um silêncio que lhes é imposto pela própria ideologia dominante ou por outros factores que se lhes apresentem em forte oposição.

É o caso, por exemplo, de algumas das questões entre nós levantadas pela geração *neo-realista* que, após alguns anos de forçado adiamento, voltam agora a ser repensadas em termos que acabam por lhes conferir uma amplitude nova. É o caso também da geração da *Presença*, a que Régio pertence, se bem que aqui se dê precisamente o fenómeno inverso. Porque, se é possível dizer-se que o *neo-realismo* foi uma geração silenciada, a *Presença* foi, seguramente, uma geração silenciadora.

Não é aqui o local para que situemos criticamente esta geração. Tal esforço exigiria em primeiro lugar uma metódica revisão do conjunto de teorias que sobre ela lançaram os seus próprios intervenientes (2), algumas das quais, como as de João Gaspar Simões, mais a confundem do que a esclarecem. Não podemos no entanto deixar de reconhecer, embora um pouco empiricamente, que ela calou com o seu *discursivismo*, com o seu idealismo, com, digamo-lo, o seu desinteresse evidente pela situação dos problemas fora das dimensões íntima e individual, muito da aventura imaginativa e do sentido real de inovação que nos tinha sido trazido pela geração do *Orpheu*. E não só os calou como atrasou de muitos anos o prosseguimento de uma aventura que nos conduzia sem dúvida no sentido europeu dessa mesma renovação. Na verdade, só muito mais tarde, mediante a divulgação póstuma das obras dos seus vultos maiores, o país se aperceberia do real significado de uma problemática cujas premissas essenciais tinham sido mantidas em silêncio.

Mais tarde, como não podia deixar de ser, a *Presença* viria a ser também violentamente contestada pela geração *neo-realista* que lhe foi posterior em tempo e em mitologia cultural. O *neo-realismo* nascente efectua o processo e a crítica da mentalidade que o precedeu (sobretudo no que se refere à sua desatenção sócio-política), podendo até dizer-se (decerto um pouco esquemàticamente) que é sobretudo através desse processo que ele irá tomando consciência de algumas das suas mais válidas premissas.

> «Há mais coisas no céu e na terra,
> Horácio, do que sonha a tua vã filosofia.»
>
> **HAMLET**

Eis pois uma das faces desse intermitente diálogo que as ideias travam entre si. Ou, para o caso que nos interessa, entre si e o contexto em que se inserem. Nem sempre as novas gerações vão buscar à anterior o alimento em que se hão-de consumir. O que quer dizer, portanto, que nem sempre a história da cultura se resolve pela continuidade. Algumas vezes até ela se resolverá pela ruptura, como é o caso das formações discursivas que se arquitectam sobre a constante e violenta recusa do discurso que as precedeu. Ou, noutros casos, do reaproveitamento de uma problemática que, aparentemente, parecia encontrar-se esgotada.

É pois neste sentido que nós poderemos pensar que são hoje mais claras as razões por que afinal *morrem* as ideias. Algumas vezes, como vimos, essa morte é apenas a consequência imediata de uma repressão sobre elas levada a efeito pela ideologia dominante ou até pelas gerações seguintes — quase sempre também em nome dos princípios dessa ideologia. Neste caso, pois, trata-se de propostas cujo silenciamento não significa de modo algum o esgotamento real da sua problemática. Quase sempre, mais tarde, elas acabam por libertar-se desse sono que lhes foi imposto e voltar a ser retomadas em termos que de novo as esclarecem ou lhes concedem até uma nova amplitude. Quer isto apenas dizer que essa sua morte aparente não passava, no final, de um breve adiamento — período durante o qual os próprios problemas amadureceram ou melhor se definiu o espaço em que se inseriam.

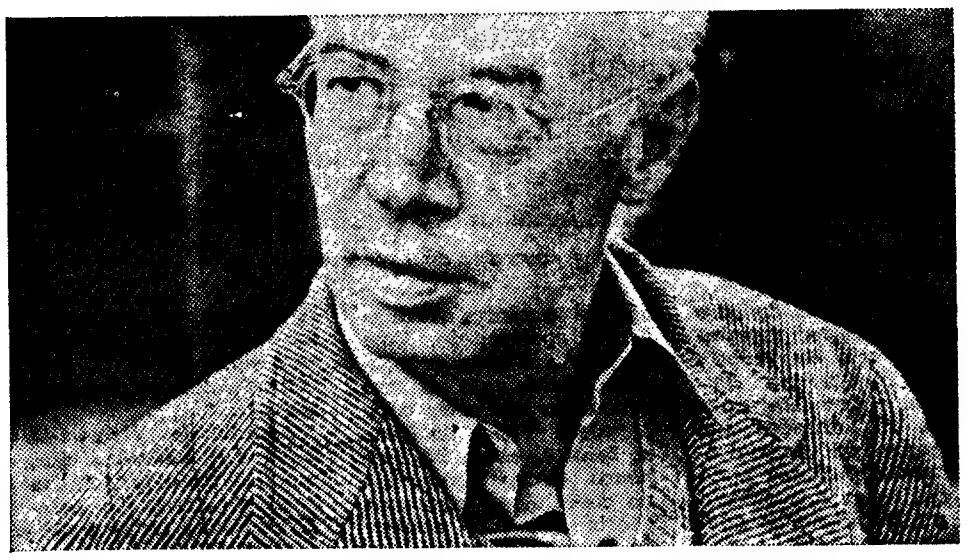
Mas e Régio e a *Presença*, de que modo se enquadram neste sistema?

De um modo algo esquemático nós poderemos marcar os antecedentes imediatos desta geração (e de Régio sobretudo) no *saudosismo* de Teixeira de Pascoaes e António Patrício, normalmente considerado como a figuração nacional do simbolismo francês. Do *modernismo* de *Orpheu* eles quase apenas recolherão a vaga ressonância de um Sá-Carneiro saudoso de um absoluto que até para ele próprio era vago e indefinível.

Resta-nos pois mais claramente definir de que modo esta geração, retomando uma problemática de raízes idealistas e já algo ultrapassada no contexto nacional, travou efectivamente a aventura de renovação que a geração do *Orpheu*, cronològicamente sua antecessora, encetara e firmemente desenvolvera. Resta pois esclarecer de que modo ela calou esse gesto de *violência* e de funda imaginação que, entrando em período de adormecimento, só veio de facto a despertar, alguns anos mais tarde, com a geração surrealista. Tal facto foi ainda agravado na medida em que as principais obras dos homens de *Orpheu* — nomeadamente as de Pessoa — só muito mais tarde, e quase todas pòstumamente, vieram a ser publicadas. A geração *neo-realista*, por sua vez, sobretudo preocupada em definir os limites e os modos de uma acção política, tentando mesmo aí desesperadamente inserir a própria criação artística, mais não fez, portanto, do que tentar esclarecer (quantas vezes com que ingenuidade), em que termos se poderia vir a realizar essa politização do objecto artístico — questão que a geração *presencista* sempre se recusou a encarar fora de uma perspectiva individualista e, a maior parte das vezes, porque não dizê-lo, reaccionária.

Quando em 1927 apareceu o primeiro número da *Presença* e com ele o justamente célebre texto de José Régio «*Literatura Viva*», definiam-se de facto nesse momento as essenciais premissas ideológicas do movimento. Condenando o cerebralismo, a fria elaboração com que lhe parecia apresentar-se a literatura do seu tempo, Régio volta a afirmar-nos que «*a primeira condição de uma obra viva é pois ter uma personalidade a obedecer-lhe*». Assim, ele condena veementemente *a substituição da*

LAWRENCE DURREL FALA DE HENRY MILLER



Henry Miller: uma viagem amarga e selvagem

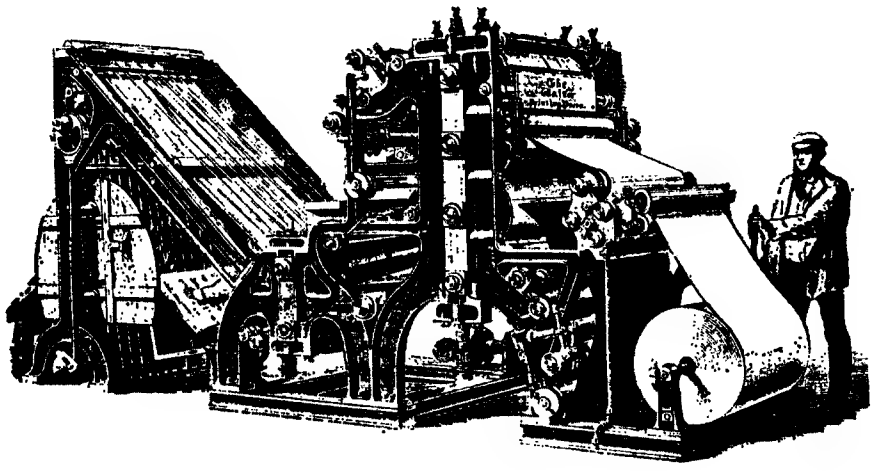
O fôlego do Dragão

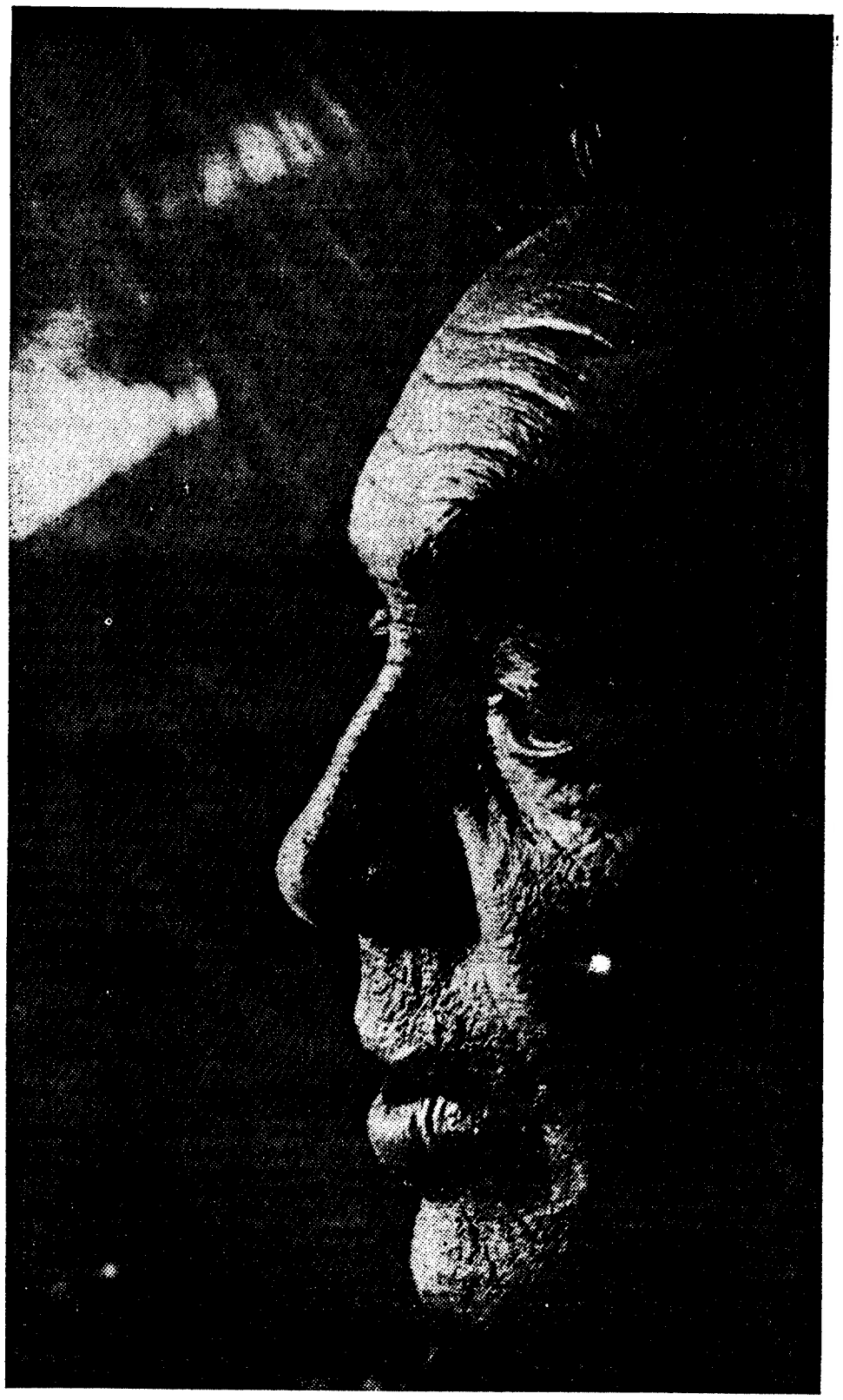
Henry Miller, o velho sábio «tomado de infância» (para empregarmos a expressão de Gombrowicz), o velho palhaço grave, o velho bode lírico, o velho caminheiro de uma das mais extraordinárias aventuras espirituais do nosso tempo, acaba de ser objecto de um número da «Planète + plus» dedicado ao homem e à sua mensagem. O número foi realizado por Marc de Smedt, sob a direcção de Louis Pauwels e inclui abundante matéria sobre o autor dos «Trópicos». Como aperitivo, traduzimos para os nossos leitores o depoimento de Lawrence Durrell.

Feitas as contas, Miller chegou bastante tarde à autobiografia, e sòmente depois de ter «experimentado a mão» noutros livros — os livros habitualmente realistas de um autor que não encontrara ainda o cunho próprio. Quando, no «Trópico de Câncer», toma o seu verdadeiro caminho, vem a olhar com certo desdém as primeiras tentativas, que no entanto constituem, a meu ver, exercícios de treino extremamente úteis, senão indispensáveis. A técnica ulterior de Miller, a sua maravilhosa vassourada, o tom cortante e a terrífica velocidade sobre toda a extensão do teclado fixam-se «nestes pesados livros posaicos», como ele os chama. Aqueles que no futuro estudarem a sua obra considerarão como uma excitante aventura intelectual a leitura de «Clipped Wings», por exemplo. Imaginamos um enorme avião aos solavancos sobre um lago, bloqueado pela neve e incapaz de descolar. E depois, de um só arranque, levanta voo e, com os «Trópicos», lança-se no empíreo onde se encontra presentemente, a velha águia americana, fixando os olhos no sol, escrutando o mundo lá muito em baixo com um olhar que nada perdeu da sua agudeza. Ele permanece um diabo de escritor de quem podemos esperar, a todo o momento, uma obra imprevisível, fora do habitual: peça, poema ou narrativa.

É instrutivo considerar que desde o instante em que Miller atirou pela borda fora as suas preocupações conscienciosas — problemas de composição, esforços de escrita — tudo se tornou mais fácil; decidindo dar conta da sua vida interior, da sua evolução intelectual e moral, ele pôde, daí em diante, servir-se de toda a espécie de género literário — ensaio, anedota, poema em prosa, novela. Contudo, Miller nunca tomou estes géneros literários por entidades diferentes, mas tão-sòmente por partes integrantes da grande e complexa intenção «de uma simples autobiografia sem fim». De modo que, posto isto, certas críticas lhe pareceram injustas e nomeadamente as minhas. «Sou o que sou» está escrito na sua porta de entrada.

Cont. na pág. 7





Régio (visto pela extraordinária objectiva de Gageiro): a crise individual

personalidade pelo estilo — vindo a ser esta, sem dúvida, uma das questões teóricas que polèmicamente mais o interessaram. Ele a retomará em 1928 no texto «*Literatura Livresca e Literatura Viva*», aparecido no n.º 9 da *Presença*, e ainda na 3.ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*, onde curiosamente afirma na introdução: «*tudo se passa como se, chegando ao mundo, viesse cada artista herdeiro de conhecimentos adquiridos não sabemos em que vi-*

«MÚSICA LIGEIRA» (1)
Primeiro volume póstumo de José Régio

das anteriores, nem por quais seus antepassados. Nesse pessoal e intransmissível tesouro — que é, talvez, o seu génio — colherá cada um as mais autênticas riquezas da sua obra. E mais parece que, por intuições e preexperiências pessoais é encarreirada a vida de um artista: Assim poderá ele observar, experimentar, conhecer de facto o que, num certo sentido, já sabia; ou vinha predestinado a saber».

Tal esquema de pensamento, de raiz notòriamente idealista, é igualmente expresso por Gaspar Simões: *enquanto cria, o poeta está entregue às forças institivas da sua personalidade libertas num momento imprevisto*. A reflexão sobre indefiníveis questões como a personalidade, o eu, a alma, o artista, o espírito, a graça, o divino, constituindo uma das principais preocupações do frágil e inconsistente ensaísmo *presencista*, manifestam sem dúvida, também, a crise de um individualismo que esta geração, por diversas circunstâncias, não pôde superar. E ao reflectir sobre elas, Régio foi quase sempre levado a uma absolutização do Artista, deslocando-o assim de uma realidade, de uma situação e de um feixe de relações que ele quase sempre ignorou: «*na Obra de Arte, o mundo existe através da individualidade do Artista*» — disse-o ele no já citado *Literatura Livresca e Literatura Viva*. E este isolamento, quer dizer, este individualismo, é não só manifesto através das suas concepções teóricas como, principalmente, através da sua própria poesia. Vejamos este belo soneto de 1923, publicado na revista *Bysancio* que, de algum modo, antecede e origina a *Presença:*

«*Quando eu subi à serra, alguns*
[troçaram
Enquanto a multidão, em volta, ria...
E troças e risadas arranharam
tudo o que em mim sentia e se doía.

Todos os mais, depois, me detestaram,
Por eu não ser igual à maioria.
E, fortes contra um, cem abusaram,
Enquanto a multidão, em volta, ria...

Fartar, vilões! fartar, que estou
[cansado!
Eis-me — Ecce-Homo! — nu, prostado
[e atado...
Podeis lançar-me à cara os vossos
[lodos!
Mas eu, quanto mais sofro mais me
[prezo:
Só o meu orgulho iguala o meu
[desprezo...
— E vingo-me em ter pena de vós
[todos.»

É portanto perfeitamente verificável relacionar-se esse individualismo, não com as condições e motivos de ordem externa que lhe estariam na origem mas, como afirmou Óscar Lopes (3),

Cont. na pág. 6

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Os escritores e a política

Numa semana em que os escaparates pouco se renovaram com produto nacional é de sublinhar a importância do pequeno volume «*8 escritores frente à política*», lançado pela Editorial O Século na sua série de cadernos.

Os oito são Edgar Morin, André Malraux, Roger Garaudy, Henri Lefèbvre, Jean Genet, Louis Pauwels, Günter Grass e Arthur Miller, e os seus depoimentos surgem quase todos sob a forma de entrevista. Malraux, por exemplo: «Em princípio é verdade: há uma grande diferença entre as minhas opiniões actuais e as ideias da minha juventude. [...] Troquei o proletariado pela França.» Genet: «Para mim é muito importante que as revoluções se façam com alegria.» Lefèbvre: «É necessário hoje elaborar um novo modelo de socialismo, que já não será aquele que elaborou Lenine, ainda que muitos elementos continuem a ser válidos.» Grass: «A curto prazo, e sobretudo no sentido de fazer aceder um partido à maioria governamental, não acredito absolutamente nada na eficácia de um livro escrito.»

Antecedido por obras de conteúdo semelhante (recordamos «*Os Intelectuais e a política*», antologia de Romeu de Melo para a Editorial Presença, 1964, e «*Que pode a literatura?*», publicado pela Estampa em 1968), o novo caderno de O Século cumpre uma função informativa bastante precisa e do maior interesse para largas camadas de leitores. O seu preço (15$00) é outro argumento eloquente.

Capote: «O que se bebe?»

Truman Capote, o celebrado autor de «*A harpa de ervas*» e «*A sangue-frio*», esteve nas Baleares de férias.

Capote: férias e copos

Anfitrião: o sr. Gianni Agnelli, n.º 1 da Fiat. Abúlico, mas no entanto amável e nada hostil para com os jornalistas, como dele escreveu o espanhol José Aranda, Capote revelou entre outras coisas que está a esboçar um novo romance, «*Rezas confirmadas*», sugerido por uma frase de Santa Teresa; que é leitor de Camilo José Cela e Pío Baroja, e amigo pessoal de Ramón J. Sender; e que tem duas casas, uma em Palm Spring e outra em Nova York. Mas a sua primeira pergunta em terras do Mediterrâneo foi para saber quais eram as bebidas típicas.

Semprun: Só cinema

Jorge Semprun («*A longa viagem*», «*La deuxième mort de Ramón Mercader*») declarou à revista «Tele-Expres» que pensa dedicar-se exclusivamente ao cinema, para já como argumentista, na linha de experiência de «La guerre est finie», «Z» e «L'aveu», e mais tarde como realizador. Tema do *seu* filme: o choque de um agrupamento político juvenil com a problemática do mundo capitalista.

Nas livrarias

Registámos mais algumas novidades. Assim, os Estúdios Cor publicaram «*Gente singular*», de Alexei Tolstoi (1883-1945), enquanto a Europa-América lançava «*Porquê tanta cólera?*», de Pierre Saurat. No capítulo da poesia demos fé dos «*Poemas localizados*», de Ireneu Cortes. Finalmente, uma professora primária (Matilde Pontes) revelou em edição modesta o livrinho de ficção para crianças «*A princesa aventureira*», escrito numa linguagem acessível (o que nem sempre acontece neste campo) e muito terna (o que diz bem da sua pedagogia).

Asturias: Adeus à embaixada

A Espanha, com o seu clima cálido e os seus horizontes a perder de vista, parece estar a atrair escritores em cura de repouso. Além de Truman Capote foi registada a presença de Miguel Ángel Asturias, o guatemalteco que sucedeu a Gabriel Mistral na reduzidíssima lista dos Nobel latino-americanos. Asturias preferiu, ao bulício de Palma de Mallorca, os pinhais tranquilos de Formentor. E propunha-se não falar, mas falou. Falou a Juan Pla, do «Pueblo», com o coração nas mãos: «quando me deram o prémio Lenine entendi que tinham acabado as possibilidades de alcançar o Nobel»; «uma pessoa escreve e, sem se dar conta disso, fica comprometido, mas o importante é escrever — primeiro que tudo, escrever»; «a vontade de escrever começou por alturas

Asturias: adeus, Paris!

de um terramoto que vivi longe do meu país, há mais de cinquenta anos». Asturias, que foi para Formentor a conselho dos médicos, vive agora da sua actividade literária: desde a subida de Arana Osorio ao poder que a Guatemala perdeu, como embaixador em Paris, um dos mais famosos escritores do momento.

Vieira da Silva

Cont. da pág. 1

da História da Pintura», (cheia de «memória cultural». Já R. M. Gonçalves insistira na «multiplicidade dos sistemas de equivalências representativas» que a pintura utiliza.

Mas o espaço fora imediatamente proposto á discussão pelo orientador — como tema privilegiado desta pintura (no que todos tinham préviamente concordado) e como mobil estrutural. Espaço dado por uma «perspectiva curvilínea», acentuou F. Azevedo; espaço verificado sempre num «primeiro plano de transparência», como afirmou P. Vieira de Almeida. De qualquer modo (disse R. M Gonçalves), um espaço gerado numa «orientação não privilegiada» de planos. Ou um «espaço ambíguo» — na modesta e já antiga opinião do moderador. . Ambiguidade que o seu próprio «fazer-desfazer» garante, num movimento que se multiplica do plano da tela para o fundo da ou das perspectivas — acrescentou F. Azevedo.

A relação permanente de *tema* e *estrutura* na pintura de Vieira da Silva tornou-se nitida através desta discussão. Se o azulejo foi trazido a ela por P. Vieira de Almeida que entendeu dever pôr de sobreaviso contra o abuso de uma leitura simplista (é elemento carreado pela memória, que tem papel na resolução dos problemas dos planos culturais, explicou F. Azevedo; é elemento metafórico e não metamorfico, produzido por uma alteração poética de sentido e não por uma transformação física de representação, lembra-se o orientador de ter dito), o vitral, com a sua geração de espaço interior, foi evocado a propósito, por F. Pernes — e com ele a temática de Vieira da Silva alargou-se aos valores de *luz*. A temática e a estrutura também — há que insistir nisso. Coube, de resto a F. Pernes a palavra justa, ao fim da primeira parte da «mesa-redonda», ao dizer que a estrutura é que constitui, na realidade, o tema desta pintura. Ou por outras e mais breves palavras que apetece acrescentar: *a estrutura vira tema*...

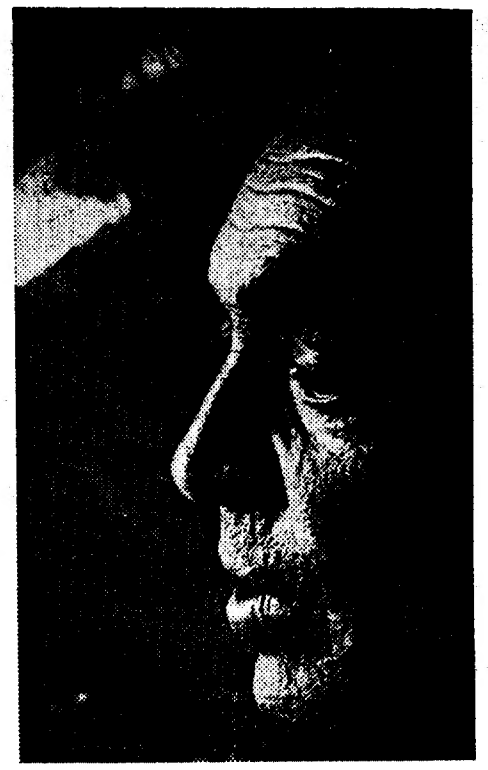
Na segunda parte da sessão, tratou-se das categorias estéticas envolvidas na démarche de Vieira da Silva. Maneirismo, e Barroco; Impressionismo e Cubismo; Abstraccionismo e Naturalismo — os conceitos foram trazidos á baila desde logo, e cada um dos interventores expôs opções pessoais. Se R. M. Gonçalves e F. Azevedo (e o orientador, por escolha antiga já) sublinharam o vector, senão o motor maneirista (entendido como constante estética no Ocidente), F. Pernes e P. Vieira de Almeida exigiram uma classificação mais nuanceada, conforme as épocas, ou as fases, umas pendendo para o manéirismo outras mais recentes, para o barroco. Quanto a ser abstracta ou naturalista esta pintura (de raiz mental e cubista, de raiz sensível e impressionista) creio que foi opinião geral que ela se situava para além de ambas as categorias. Nunca naturalista, afiançou F. Azevedo; usando, num «espaço abstracto, uma memória da natureza», avançou F. Pernes. «Falso problema», ousou o moderador dizer...

Três horas a fio, é tempo. Ao fim delas, a assistência (uma centena de pessoas) não teria já ocasião de pôr suas próprias dúvidas. Esclarecida? Não, com certeza — mas diante da qualidade das intervenções dos quatro participantes, com certeza também assegurada das dificuldades da problemática em jogo, por dentro da qual foi convidada a viajar.

Em vão, alguém, ingénuamente, perguntou porque não pôr todas as questões à própria pintura — péssimo caminho para vir a entender-se a pintura — Outrem (Ernesto de Sousa, da A. I. C. A.), perguntou porque se falhou a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre as reacções do público, de perto de cinquenta mil pessoas. (O que teria certamente valido a pena fazer, com meios científicos, através de um questionário. Mas essa é outra história...)

Assim correu a «mesa-redonda» com que a A. I. C. A. participou no fenómeno «exposição- Vieira-da-Silva». Não creio ser suspeito ao dizer que correu bem e utilmente — e melhor até do que esperava e estou habituado a ver acontecer, em prática de colóquios e congressos, não só nesta terra de pouca e opinosa gente, e de desejos de ilusória comunicabilidade...

JOSÉ AUGUSTO-FRANÇA



Régio: pensamento idealista

Reler Régio

Cont. da pág. 5

com a crise de um programa de vida individual que, evidentemente, pode vir a ser relacionável com as perspectivas históricas e reais condicionamentos da sua geração e até com a própria formação de José Régio. Raramente, na verdade, houve da parte dele essa tentativa de perspectivação dessa sua crise individual. Quase sempre apenas ele procurou denunciar a radical incompatibilidade de uma *Alma* singular com um mundo em que se sente negada, nunca procurando definir as razões objectivas dessa incompatibilidade nem tão-pouco os modos de superá-la — rejeitando portanto, em nome de uma errada fascinação psicanalítica, toda uma tradição da literatura realista dos séculos XVIII e XIX. E falamos de uma errada fascinação psicanalítica na medida em que, em vez de procurar clarificar esse conflito latente entre o mundo e uma personalidade, Régio mais não fez do que defini-lo através de um obscurantismo que mais o iludia e, portanto, menos o ajudava a esclarecer.

Mas o grande tema de Régio, e que a tudo isto envolve, continua a ser o da sinceridade, a autoconfissão, o humilde desvendamento das contradições de uma personalidade que, repita-se, ele nunca deixou de encarar subjectivamente. (*« vivo a expor a minha alma nas estradas»*). Aqui se notam talvez em maior amplitude as diferenças fundamentais que o separam de Pessoa e, através dele, da geração que o precedeu. Para Pessoa a sinceridade é um jogo um *fingimento* ou até, fundamentalmente, a própria crítica de si própria. Para Régio a sinceridade é um imponderável, algo que foge em grande parte ao domínio do consciente. Enquanto Pessoa, portanto, através desse jogo, tenta anular ou pôr em causa os alicerces metafísicos de um dado esquema de pensamento, Régio, por seu lado, cultiva-os e, neste sentido, ele não conseguiu nunca ultrapassar um tipo de reflexão de características *interioristas*. Depois da crítica à personalidade feita por Pessoa «*tanto mais demolidora quanto é feita poética e não doutrinàriamente, fica só de pé um conceito viável de personalidade: um conceito histórico, personalidade como corrente (e correntezinhas ocasionais) de problemas e de sensibilidade, corrente inextrincàvelmente ligada às de milhões de outras personalidades, contiguas, precedentes, subsequentes, conhecedora da sua solidariedade evolutiva com elas e conhecedora das resistências materiais que a condicionam fundamentalmente, embora, por seu turno, possa condicionar essas resistências em certa medida, tornando-se delas mais consciente e senhora*» (4).

(Continua)

NELSON DE MATOS

(1) José Régio, Obras Completas, Portugália Editora, Lix.ª, 1970.

(2) *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, de Fernando Guimarães é, sobre este assunto, um precioso auxiliar. Editorial Inova, Porto, 1969.

(3) Óscar Lopes, *Modo de Ler*, Editorial Inova, 1969, pág. 368.

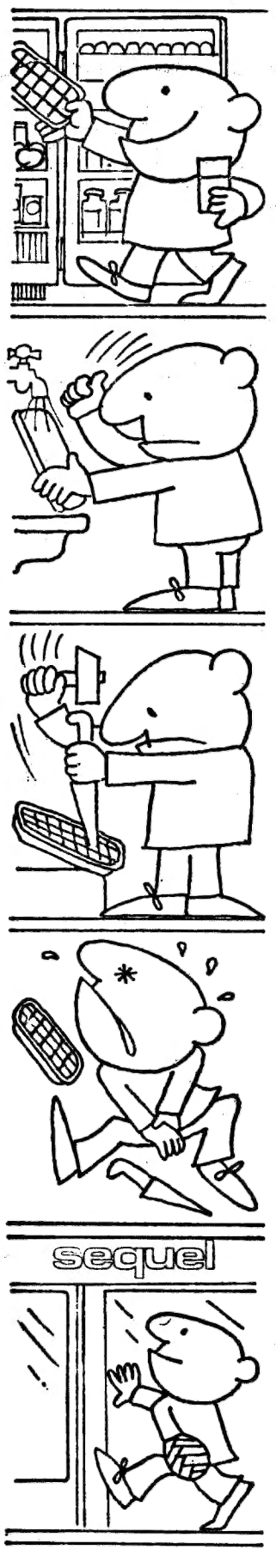
(4) Óscar Lopes, ob. cit. pág. 379.

nos terrenos difíceis,
grande poder de tracção
BM-VOLVO
uma pá carregadora robusta, versátil e eficaz

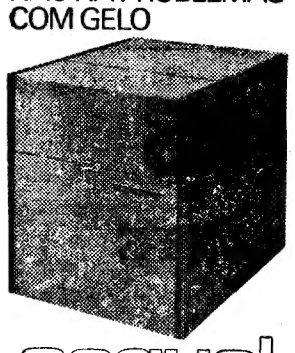
Desde o Círculo Polar Ártico até ao Sul do Equador trabalham actualmente mais de 15.000 pás carregadoras BM-VOLVO. Existem mais de 70 utensílios diferentes para aplicar nas nossas pás carregadoras o que as tornam extraordinàriamente versáteis.

Se somarmos a tudo isto a excelente qualidade Sueca, a garantia de muitos anos de trabalho e o serviço de assistência «VOLVO», teremos a explicação porque são as pás carregadoras «BM-VOLVO» as mais vendidas da Europa.

Exposição e Vendas:
AUTO-SUECO (COIMBRA), LDA.
Leiria — Coimbra
AUTO-SUECO, LDA.
Porto — Lisboa



COM A MULTI ICE
Kelvinator
NÃO HÁ PROBLEMAS
COM GELO



sequel
Trav. do Moinho de Vento, 28 C
Tel. 67 32 94 / Lisboa 3

Miller

Cont. da pág. 4

E o que é ele? Um homem que se serviu da sua arte para modelar a vida, para se aproximar mais e mais, passo a passo, da realização própria e da paz que ela traz consigo. A vida, no momento presente, participa neste «automatismo sem esforço» de que ele afirmou um dia a necessidade para o artista. Mas desta luta longa e selvagem consigo mesmo derivaram subprodutos de valor e de uso para todos aqueles de entre nós que partilham com ele a idade e os dias. Se estamos hoje livres dos ferros da censura, devemo-lo em grande parte à sua obstinação em prosseguir o combate encetado por Joyce e Lawrence; se o pêndulo, neste momento, parece antes oscilar para o alto, podíamos esperar por ele — e podemos igualmente recear que ele não se mantenha aí. A única coisa de que temos de nos guardar é de ver ressurgir, por reacção, um renascimento puritano. Mas os livros de Miller, medidos à vara do dia, parecem bem temperados e temos alguma dificuldade em fazer compreender o que eles representavam há vinte anos apenas: o próprio fôlego do Dragão.

UMA LONGA LUTA SELVAGEM

Hoje que o plano magnífico de Miller se cumpriu na sucessão dos livros, podemos ver que ele descreveu para nós o crescimento e a maturação de uma alta personalidade. Atravessou regiões incendiadas conservando intacta a sua alma; sem uma tal viagem, amarga e selvagem, como teria ele podido formar, modelar assim o ser? Agora, o interior e o exterior do homem estão harmonizados; a obra reflecte o personagem, o personagem está a exemplo da obra. Por nossa parte, estamos felizes por ser co-participantes nesta dupla acção.

LAWRENCE DURREL

O IDHEC condenado

Cont. da pág. 2

nema deve continuar aberto a todos, inclusivamente àqueles que aprendem fora da escola. Preparámos então um novo projecto; pretendemos descentralizar o IDHEC, criar um certo número de «ateliers» em França, com um centro em Paris para o último ano. Ligado a isto: uma «Unifrance» para a França, órgão de promoção do filme. Os alunos darão a sua colaboração. O plano vai ser submetido a Astoux e a Schlossberg.»

Se o Centro do Cinema e Astoux, o seu director guardam um silêncio prudente e não se comprometem em projectos de que se sentem incapazes de assegurar a realização financeira, os alunos então, vêem o futuro com angústia: *«Em Junho de 1971, o IDHEC não terá nenhum aluno. Dele só restará uma estrutura simplesmente teorica, o que lhe precipitará o desaparecimento A direcção já deciaiu reduzir os quadros de pessoal, o que caminha em tal sentido.»* A insuficiência das instalações *«argumento maior adiantado pela direcção em nada elimina a experiência do cinema praticado nestes dois últimos anos pelos alunos do IDHEC Esta experiência assenta precisamente na preparação e na rodagem de filmes... No ano corrente, foram rodados vinte e quatro filmes, não se alugou nenhum estúdio, todos os filmes foram realizados em exteriores: em Paris, em Bordéus, em Saverne, em Perpignan, na Normandia, em Touraine, na Bretanha. Para além de todas as considerações de ordem económica, tais experiências aproximam-se do cinema de hoje, situam-se espontâneamente fora dos estúdios».* Os alunos pedem uma solução imediata, denunciam a má gestão e a ineficácia da actual direcção do IDHEC: *«A tradição de pesquisas instaurada há dois anos no IDHEC desaparecerá no momento em que se suspenda a admissão de alunos.»*

PRESTÍGIO INTERNACIONAL

Se J. Doniol-Valcroze pensa que todos os problemas serão resolvidos com o arranjo de instalações adequadas e definitivas se os organismos oficiais devolvem constantemente o assunto ao governo este protela-o, praticando há vinte anos a política do avestruz. Anda, porém, à mercê de tudo isto o lugar do cinema e dos novos meios de comunicação na nossa sociedade, bem como o esplendor de uma instituição o IDHEC, cujo prestígio não é menor no estrangeiro, onde os antigos alunos se chamam às vezes Ruy Guerra *(Os Fuzis*, Brasil) Peter Fleischmann *(Cenas de caça na Baviera*, Alemanha) e António da Cunha Telles *(O Cerco*, Portugal).

LOUIS MARCORELLES

(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

em companhia de bom vinho pela vida fora...

uma bela aliança selada por um vinho leve, mas com calor humano.

CAVES ALIANÇA
SANGALHOS PORTUGAL

"um vinho para gente exigente".

espinal 110-61

Promoção da arte moderna?

Viera da Silva

Cont. da pág. 3

decorrer das visitas guiadas, perante um público heterogéneo, que as pessoas começavam a reagir segundo uma curiosidade menos arbitrária, funcionando até a partir de algumas ideias que definem basicamente o fenómeno pictórico.

Além disso, estaremos agora em posição de esperar da Fundação Calouste Gulbenkian uma acção mais assídua neste domínio, porque se trata efectivamente de um organismo que pode trazer a Portugal, em condições excepcionais, a obra de grandes autores modernos — e ao mesmo tempo desenvolver um esforço prospectivo bem programado no domínio da nossa actual produção artística.

ROCHA DE SOUSA

O GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA

José Alberto Gil entrevista Jorge Peixinho

O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa apresenta-se pela primeira vez como grupo «estabelecido» e portador de uma nova linguagem sonora — a música de vanguarda —, num concerto a realizar depois de amanhã, dia 22, no Palácio Valenças, em Sintra.

O CONCERTO

Jorge Peixinho

JORGE PEIXINHO — Consta de duas partes, com quatro obras em cada uma. Na I Parte executaremos:

— «Incantationes», obra de 1963 do compositor búlgaro, radicado na Áustria, Bojidar Dimov. Esta obra está escrita numa linguagem serial pós-weberniana e situa-se na linha expressionista da Escola de Viena;

— duas obras de Pousseur que são duas pequenas peças do ciclo de 3 «Echos de votre faute»; caracteriza-se por uma pesquisa de linguagem, num sincretismo que une várias linguagens musicais do passado e do presente;

— «Cinco Cantos Espirituais», opus 15, de Webern. Obra composta entre 1917-22, foi cronologicamente a última da fase atonal, antes de o compositor adoptar a técnica dodecafónica inaugurada por Schönberg.

Na II Parte:

— «7 Haiku», de Fridheim Döhl, que constitui uma espécie de alegoria sonora sobre os textos poéticos de sete «Hai-Kai» japoneses;

— «Métronomie», de Filipe Pires, obra que concilia uma linguagem de raiz dodecafónica com uma métrica de linha stravinskyana;

— E, finalmente, duas obras minhas: «Fascinação» (1959), para soprano, flauta e clarinete, que é um exercício sobre as possibilidades expressivas de uma voz feminina e do colorido de duas «madeiras»; e «Situações 66», obra sete anos posterior à primeira, composta para flauta, clarinete, trompete, harpa e viola. Esta obra pretende explorar as combinações possíveis dos instrumentos entre si e de conjunto.

Na trajectória da minha obra criadora, as «Situações 66» constituem uma peça de transição entre uma herança de formação serial e as primeiras pesquisas de um universo post-serial. As «situações» muito rigorosas alternam com outras bastante livres e, apesar de nelas não haver improvisação, existe uma grande liberdade de execução.

O MODO DE FUNCIONAMENTO DO G. M. C. L.

J. A. G. — *Quando se fundou?*

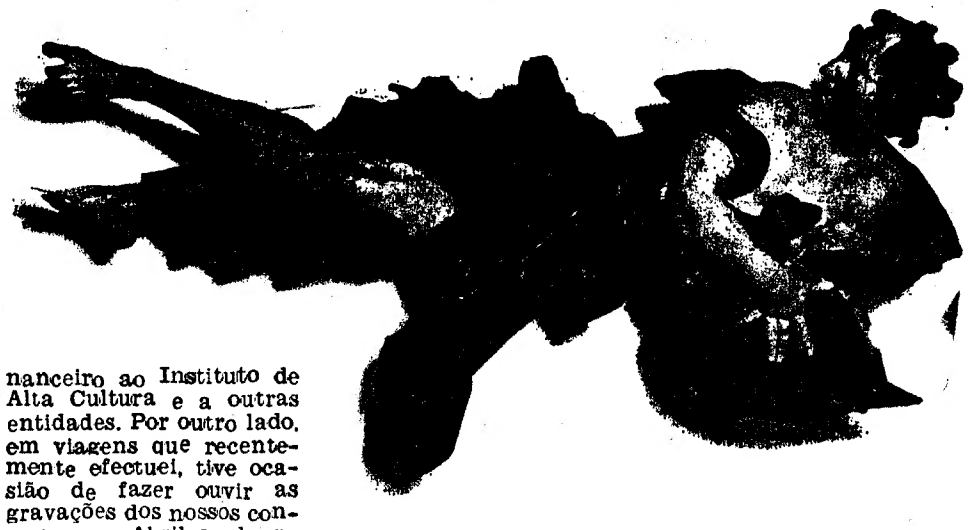
J. P. — Verdadeiramente, não há uma data de fundação. Foi o sucesso dos concertos realizados em Abril no Curso de Introdução à Música Contemporânea, na Fundação Gulbenkian — os quais galvanizaram os participantes —, que nos levou a formar uma consciência de grupo.

J. A. G. — *Grupo aberto?*

J. P. — Sim, não se circunscreve aos músicos que entram neste momento mas a todos os bons instrumentistas interessados na música actual.

J. A. G. — *O grupo intervém condicionado às oportunidade que o sistema de difusão musical em Portugal lhe concede, ou tem um papel de autopromoção?*

J. P. — Nós não podemos por nós próprios modificar as infra-estruturas da vida musical portuguesa de modo a que o grupo tenha uma existência autónoma e auto-suficiente isto é que os seus componentes possam ganhar a vida ùnicamente através do grupo. A ideia é a curto ou a longo prazo modificar estruturalmente os circuitos de produção musical, sem sermos *absorvidos* e aglutinados pela Máquina Monopolizadora. No entanto, para já, precisamos de uma certa estabilização económica de base, e nesse sentido vamos solicitar apoio financeiro ao Instituto de Alta Cultura e a outras entidades. Por outro lado, em viagens que recentemente efectuei, tive ocasião de fazer ouvir as gravações dos nossos concertos em Abril a alguns compositores, e isso deu origem a convites para o grupo se apresentar em vários concertos no estrangeiro, nomeadamente em Madrid, no âmbito dos Encontros Luso-Espanhóis a realizar em Dezembro e num programa em directo da Rádio Nacional de Espanha, segundo um convite oficialmente dirigido e outro pela Sociedade «Nuova Consonanza» de Roma. É justamente para corresponder a este convite que nós temos necessidade de obter aqui um subsídio.



J. A. G. — *É possível conciliar um trabalho criador, como a execução da música de vanguarda, com uma posição estabelecida e rentável?*

J. P. — Para ser integralmente uma posição de vanguarda, não só estética como èticamente, é fundamental que numa segunda fase nos consigamos libertar das infra-estruturas que regem a vida musical portuguesa, mas isso implica a própria modificação das estruturas socioeconómicas do país. Uma posição de vanguarda implica fuga constante aos circuitos de produção da sociedade de consumo, isto é, ao seu aburguesamento.

Pode dizer-se que pretendemos conciliar, sem qualquer atitude de compromisso, uma acção cultural de difusão das obras mais representativas do nosso tempo com uma constante e permanente atitude experimental e de pesquisa.

J. A. G. — *Qual a atitude entre as entidades organizadoras dos espectáculos musicais e um grupo executante de música de vanguarda?*

J. P. — É sintomático o facto de a Direcção do Festival de Sintra nos ter convidado a realizar este concerto; eu atribuo-o à importância que a música contemporânea e a actividade criadora dos nossos melhores músicos começa a desempenhar no próprio seio de uma sociedade conservadora.

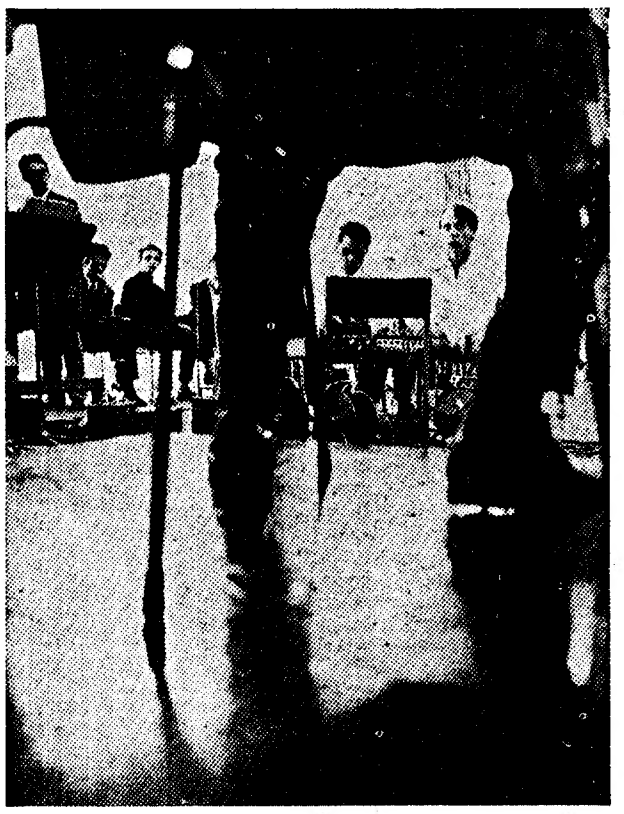
J. A. G. — *Acha que o compositor português tem alguma função ou posição no circuito de difusão da musica em Portugal?*

J. P. — Até agora, o compositor português nunca desempenhou uma função determinante nos circuitos de música em Portugal.

No entanto, o compositor de vanguarda, pela sua posição de liberdade, irredutível ao mecanismo asfixiante da estrutura actual, contém em si mesmo uma enorme potencialidade de transformação das estruturas tradicionais.

J. A. G. — *É verdade que o compositor tem o público que merece?*

J. P. — «A priori», compositor enfrenta um público viciado pelas estruturas tradicionais de produção-consumo por conseguinte um público hostil. Por isso, quanto mais válido for o compositor, mais hostil será o grande público. De qualquer modo, essa constatação não pretende de forma alguma reduzir a responsabilidade do compositor, que deve dirigir a sua acção no sentido de uma intervenção social inteligente.



Peixinho: não à Máquina Monopolizadora

COMPOSIÇÃO DO GRUPO PARA O CONCERTO DO DIA 23

— CLOTILDE ROSA, harpista da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e desde os primeiros tempos profundamente empenhada na divulgação da música de vanguarda, tendo frequentado os Cursos de Música Contemporânea de Darmstad.

— JENNIFER SMITH, soprano-solista do Coro Gulbenkian, tem-se dedicado principalmente à Música Medieval e da Renascença e interessado, nos últimos tempos, pela música contemporânea, apresentando a 1.ª audição da obra de Luigi Nono «España en el corazón».

— ALEXANDRE RAMIREZ, violinista brasileiro de origem espanhola, actualmente fazendo parte da Orquestra de Câmara Gulbenkian. Colaborou em vários concertos de Música da Câmara, nomeadamente de Música Contemporânea, no Brasil, tendo também colaborado nos Concertos de Abril da Fundação Gulbenkian.

— ANTÓNIO DE OLIVEIRA E SILVA, violetista na Orquestra de Câmara Gulbenkian. Colaborou na I Semana de Música Contemporânea realizada em Lisboa, em 1964, e até agora assíduo participante dos espectáculos da Nova Música.

— ANTÓNIO REIS GOMES, trompetista da Orquestra Gulbenkian. A sua estreia na Música Contemporânea foi na gravação da música de cena «As 4 Estações», de Jorge Peixinho, tendo em seguida participado nos Concertos de Abril.

— ARTUR MOREIRA, clarinetista da O. C. G., colaborador de várias realizações de música contemporânea, tomou também parte nos Concertos de Abril.

— CARLOS FRANCO, flautista da O. C. G. Teve o seu primeiro contacto com a música contemporânea na música de cena de Jorge Peixinho para a peça «Diário de um Louco», de Gogol, em 1966. A partir dessa data tem sido activo colaborador de Jorge Peixinho e de Filipe Pires em concertos realizados na Fundação Gulbenkian, na Juventude Musical Portuguesa e na TV.

SALDOS

NA QUADRANTE

LIVROS

INGLESES E BRASILEIROS

AV. LUÍS BIVAR, 85-C — TELEFS. 53 42 62 - 53 37 66